

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

FERNANDA SILVA FREITAS

**AS FORMAS DE TRATAMENTO NA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DA  
ARGENTINA E DO CHILE NO FIM DO SÉCULO XIX**

Uberlândia

2025

FERNANDA SILVA FREITAS

**AS FORMAS DE TRATAMENTO NA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DA  
ARGENTINA E DO CHILE NO FIM DO SÉCULO XIX**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Teoria, descrição e análise linguística.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Silveira de Araujo

Uberlândia  
2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

|              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| F866<br>2025 | <p>Freitas, Fernanda Silva, 2000-<br/>As formas de tratamento na gramática pedagógica da Argentina e do Chile no fim do século XIX [recurso eletrônico] / Fernanda Silva Freitas. - 2025.</p> <p>Orientador: Leandro Silveira de Araujo.<br/>Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos.<br/>Modo de acesso: Internet.<br/>Disponível em: <a href="http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.263">http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.263</a><br/>Inclui bibliografia.<br/>Inclui ilustrações.</p> <p>1. Linguística. I. Araujo, Leandro Silveira de, 1986-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.</p> <p>CDU: 801</p> |
|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

FERNANDA SILVA FREITAS

**AS FORMAS DE TRATAMENTO NA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DA  
ARGENTINA E DO CHILE NO FIM DO SÉCULO XIX**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Teoria, descrição e análise linguística.

Uberlândia, 26 de março de 2025

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Leandro Silveira de Araujo (UFU)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bruna Soares Polachini (USP)

---

Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto (UFBA)



## **ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO**

|                                    |                                                                                              |                 |       |                       |       |
|------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|-------|-----------------------|-------|
| Programa de Pós-Graduação em:      | Estudos Linguísticos                                                                         |                 |       |                       |       |
| Defesa de:                         | Dissertação de Mestrado - PPGEL                                                              |                 |       |                       |       |
| Data:                              | Vinte e seis de março de dois mil e vinte e cinco                                            | Hora de início: | 15:00 | Hora de encerramento: | 18:00 |
| Matrícula do Discente:             | 12312ELI004                                                                                  |                 |       |                       |       |
| Nome do Discente:                  | Fernanda Silva Freitas                                                                       |                 |       |                       |       |
| Título do Trabalho:                | AS FORMAS DE TRATAMENTO NA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DA ARGENTINA E DO CHILE NO FIM DO SÉCULO XIX |                 |       |                       |       |
| Área de concentração:              | Estudos em Linguística e Linguística Aplicada                                                |                 |       |                       |       |
| Linha de pesquisa:                 | Teoria, descrição a análise linguística                                                      |                 |       |                       |       |
| Projeto de Pesquisa de vinculação: | Contribuições da Sociolinguística para a Gramática Pedagógica no Brasil                      |                 |       |                       |       |

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Leandro Silva de Araújo - UFU, orientador da Dissertação; Carlos Felipe da Conceição Pinto - UFBA; Bruna Soares Polachini - USP.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Leandro Silva de Araújo, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Silveira de Araujo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/03/2025, às 17:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Felipe da Conceição Pinto, Usuário Externo**, em 26/03/2025, às 20:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruna Soares Polachini, Usuário Externo**, em 31/03/2025, às 11:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6209607** e o código CRC **12969B37**.

**Referência:** Processo nº 23117.019584/2025-41

SEI nº 6209607

Aos meus pais,  
Larissa e Luiz.

*“Un idioma es la expresión de las ideas de un pueblo, y cuando un pueblo no vive de su propio pensamiento, cuando tiene que importar de ajenas fuentes el agua que ha de saciar su sed, entonces está condenado a recibirla con todo el limo y las arenas que arrastra en su curso, y mal han de intentar los de gusto refinado poner coladeras al torrente: que pasarán las aguas y se llevarán en pos de sí las telarañas fabricadas por un espíritu nacional mezquino y de alcance limitado.”*

(Domingo Faustino Sarmiento)

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus pais, Larissa e Luiz, por todo o esforço que vocês fizeram para que eu pudesse ter chegado ao Mestrado. Mesmo hoje, em casas separadas, vocês dois ainda são meu lar, são o que tenho de mais precioso. Espero retribuir e poder cuidar de vocês da mesma maneira que vocês cuidaram de mim. À Gabi, minha “irmãzinha” que é apenas três anos mais nova do que eu, pelo ombro amigo nos momentos difíceis e por me dar a certeza de que, enquanto estivermos nessa terra, nenhuma de nós duas estará sozinha. Ao meu namorado, Mateus, pelo suporte, pelo carinho, e por todas as diversas vezes em que você “deu conta do resto do mundo” para que eu pudesse escrever.

Às minhas amigas de mestrado, Isabelle e Júlia, por me mostrarem que eu não estou sozinha, mesmo quando diante de mim estão apenas algumas telas de diferentes tamanhos e um texto esperando para ser escrito. Vocês definitivamente fizeram da minha jornada algo muito mais leve de se encarar. Aos meus amigos dos anos de IFTM, pelos encontros que ocorriam quando os astros de nossas rotinas se alinhavam e eram tão especiais quanto uma tarde de sexta-feira nos banquinhos frente ao Apoio ao Estudante. À Melissa, também amiga, que, mesmo sendo da Física, disse que gostava quando eu contava a ela o que aprendia na pós-graduação. A sua paixão por sua área de estudos (e pela pesquisa, em geral) me inspirou nos dias em que a minha estava um pouco mais apagadinha.

Também agradeço à minha psicóloga, Dhanyella, que, com sua voz tão tranquila e reflexões que acertavam precisamente o que eu estava passando, me ajudou a ter uma experiência de escrita melhor do que era antes. Obrigada por me mostrar que há toda uma vida que me espera para além dos muros da minha ansiedade, seja ela acadêmica ou não.

Aos professores da banca, por aceitarem participar mais uma vez da minha jornada acadêmica e, em especial, ao professor Leandro, cuja ajuda não só veio em forma de orientação na pesquisa, mas também de orientação na vida. Obrigada por me escutar quando precisei e por me motivar a continuar.

Agradeço, por fim, à Fapemig, que fomentou o desenvolvimento desse trabalho. Sem esse auxílio, não teria sido possível tomar tanto tempo com aquelas gramáticas e encontrar informações tão interessantes quanto as que se apresentam em seguida.

## RESUMO

Durante o século XIX, o uso de *usted* já se encontrava bastante difundido na península e na América Hispânica, bem como também o estava o pronome *vos* com valor familiar, com a diferença de que este último não gozava de similar prestígio. Esta também foi a época em que, já no pós-independência, crescia nos indivíduos um sentimento de valorização da identidade nacional. Neste trabalho, visamos analisar a descrição das formas de tratamento nas gramáticas pedagógicas publicadas no fim do século XIX (1880-1900) na Argentina e no Chile. Para tanto, nos valem da teoria de camadas, proposta por Pierre Swiggers (2009), que delimita quatro camadas para o trabalho historiográfico, adaptando a proposta de Peter Galison (1997). Escolheu-se o recorte das últimas duas décadas do século XIX para garantir que os pronomes *usted* e *vos* (com valor familiar) já estariam suficientemente consolidados e, portanto, teriam mais chance de serem descritos pelas gramáticas analisadas. Analisamos quatro gramáticas: *Lecciones de lengua nacional arregladas al programa oficial para las escuelas comunes* (1887) de Francisca Soler de Martínez, *Gramática de la lengua castellana: ampliación sintáctica* (1893), de Ricardo Monner Sans, *Compendio de gramática castellana para el uso de las escuelas i colejos de la republica* (1881), de Hersilia Larenas de Herrera e *Elementos de gramática castellana* (1895), de Carlos Contreras Puebla. Para analisar as seções sobre os pronomes de tratamento, buscamos ocorrências de *usted* e *vos* (reverencial ou familiar) como exemplos em outras explicações gramaticais e dentro da seção destinada aos pronomes pessoais. Todas as gramáticas analisadas usaram *usted* em frases exemplo e a maioria dedica uma parte a descrever os contextos de uso desse pronome. Apenas as gramáticas argentinas classificam *usted* como pronome. Apenas a obra de Contreras Puebla (1895) menciona o *vos* familiar, enquanto o *vos* reverencial aparece em quase todas as gramáticas. Era esperado que a maior avaliação negativa do *vos* familiar no Chile e a popularidade da obra de Andrés Bello (1847) implicasse na descrição desse uso nas duas gramáticas chilenas, porém apenas uma delas o fez. Não houve avaliação negativa explícita do *vos* familiar nas gramáticas argentinas. Ao final de nossa pesquisa, foi possível constatar que o contexto histórico de valorização da identidade nacional não parece se sobrepor às noções de norma culta e bem falar, de modo que regionalismos como o *vos* familiar continuaram sendo avaliados como negativos. Quanto ao emprego de *usted*, a partir de nossas análises, foi possível traçar um quadro de etapas de gramatização dos pronomes de tratamento, indo desde a não documentação até a inclusão no quadro de pronomes pessoais.

**Palavras-chave:** Formas de tratamento; Gramaticografia hispânica; historiografia linguística; Século XIX; *Voseo*.

## RESUMEN

En el siglo XIX, el uso de *usted* ya estaba fuertemente difundido en la península y en la América Hispánica, como también lo estaba el uso de *vos* con valor familiar, salvo que este último no tenía semejante prestigio. También fue esa la época en que, ya en la posindependencia, crecía el sentimiento de valoración de la identidad nacional. En este trabajo, buscamos analizar la descripción de las formas de tratamiento en las gramáticas pedagógicas publicadas al final del siglo XIX (1880-1900) en Argentina y en Chile. Para tanto, utilizamos la teoría de capas, propuesta por Pierre Swiggers (2009), que delimita cuatro capas para la labor historiográfica, a partir de la propuesta de Peter Galison (1997). El intervalo de las dos últimas décadas del siglo XIX se eligió para garantizar que los pronombres *usted* y *vos* (con valor familiar) ya estarían suficientemente consolidados y, por lo tanto, tendrían mayor chance de que se describieran en las gramáticas analizadas. Se analizaron cuatro gramáticas: *Lecciones de lengua nacional arregladas al programa oficial para las escuelas comunes* (1887) de Francisca Soler de Martínez, *Gramática de la lengua castellana: ampliación sintáctica* (1893), de Ricardo Monner Sans, *Compendio de gramática castellana para el uso de las escuelas i colejos de la republica* (1881), de Hersilia Larenas de Herrera y *Elementos de gramática castellana* (1895), de Carlos Contreras Puebla. Para analizar las secciones sobre los pronombres de tratamiento, buscamos ocurrencias de *usted* y *vos* (reverencial o familiar) como ejemplos en otras explicaciones gramaticales y dentro de la sección destinada a los pronombres personales. Todas las gramáticas analizadas usaron *usted* en frases de ejemplo y la mayoría dedica una parte a describir los contextos de uso de dicho pronombre. Sólo la obra de Contreras Puebla (1895) trata del *vos* familiar, mientras que el *vos* reverencial aparece en casi todas las gramáticas. Era esperado que la evaluación negativa más fuerte en Chile respecto al pronombre *vos*, sumada a la popularidad de la obra de Andrés Bello (1847), implicara en una descripción de este uso en las dos gramáticas chilenas, pero sólo una de ellas lo hizo. No hubo evaluación negativa explícita del *vos* familiar en las gramáticas argentinas. Al final de nuestra investigación, se constató que el contexto histórico de valoración de la identidad nacional no parece sobreponerse a las nociones de norma culta y el ‘bien hablar’ de la época, así que regionalismos como el *vos* familiar siguieron recibiendo evaluación negativa. En cuanto al empleo de *usted*, tras haber hecho los análisis, fue posible trazar un cuadro de etapas de gramatización de los pronombres de tratamiento, que va desde la no documentación hasta la inclusión del pronombre en el cuadro de pronombres personales.

**Palabras clave:** Formas de tratamiento; Gramaticografía hispánica; Historiografía lingüística; Siglo XIX; Voseo.

## **Índice de quadros**

|                                                                                         |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 1.</b> Representação de usted e vos nas gramáticas do corpus .....            | 66 |
| <b>Quadro 2.</b> Representação de usted e vos nas gramáticas-fonte.....                 | 70 |
| <b>Quadro 3.</b> Voseo chileno em Bello e Contreras Puebla .....                        | 72 |
| <b>Quadro 4.</b> Comparação entre as gramáticas argentinas .....                        | 74 |
| <b>Quadro 5.</b> Comparação entre a obra de Soler de Martínez e gramáticas fonte.....   | 74 |
| <b>Quadro 6.</b> Trechos sobre uso de usted em lugar de tú nas gramáticas chilenas..... | 75 |
| <b>Quadro 7.</b> Contextos de emprego de usted nas gramáticas fonte.....                | 75 |
| <b>Quadro 8.</b> Vos reverencial nas gramáticas chilenas.....                           | 76 |
| <b>Quadro 9.</b> Níveis de gramatização dos pronomes de tratamento .....                | 80 |

## Índice de figuras

|                                                                                     |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1.</b> Evolução das formas de tratamento em regiões tuteantes .....       | 22 |
| <b>Figura 2.</b> Evolução das formas de tratamento em regiões voseantes. ....       | 22 |
| <b>Figura 3.</b> Sistematização dos pronomes pessoais em Soler de Martínez .....    | 60 |
| <b>Figura 4.</b> Verbetes 'tratamiento' no dicionário on-line da RAE.....           | 61 |
| <b>Figura 5.</b> Verbetes 'tratamiento' no DRAE de 1884. ....                       | 61 |
| <b>Figura 6.</b> Pronomes pessoais na gramática de Monner Sans.....                 | 62 |
| <b>Figura 7.</b> Uso de usted na gramática de Monner Sans .....                     | 62 |
| <b>Figura 8.</b> Exemplos do uso de usted na gramática de Monner Sans .....         | 63 |
| <b>Figura 9.</b> Ocorrência de usted na gramática de Monner Sans .....              | 63 |
| <b>Figura 10.</b> Pronomes pessoais na gramática de Larenas de Herrera (1881) ..... | 64 |
| <b>Figura 11.</b> Parágrafos sobre a segunda pessoa em Olegario Reyes. ....         | 69 |
| <b>Figura 12.</b> Menção ao voseo argentino na gramática de Olegario Reyes. ....    | 69 |

## SUMÁRIO

|                                                                     |    |
|---------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                                     | 13 |
| 1. Pressupostos históricos .....                                    | 17 |
| 1.1. O pensamento linguístico e gramatical em língua espanhola..... | 17 |
| 1.2. As formas de tratamento na língua espanhola .....              | 19 |
| 1.2.1. Evolução do sistema pronominal: do latim ao espanhol .....   | 21 |
| 1.2.2. Formas de tratamento na América hispânica .....              | 23 |
| 1.2.3. Os pronomes de tratamento no espanhol argentino.....         | 24 |
| 1.2.4. Os pronomes de tratamento no espanhol chileno .....          | 27 |
| 2. Aspectos metodológicos .....                                     | 31 |
| 2.1. Cobertura .....                                                | 31 |
| 2.1.1. Tema .....                                                   | 32 |
| 2.1.2. Periodização .....                                           | 32 |
| 2.1.3. Contexto geográfico e social .....                           | 34 |
| 2.1.4. Agentes .....                                                | 35 |
| 2.2. Procedimentos e critérios de análise.....                      | 38 |
| 2.3. A teoria de camadas.....                                       | 39 |
| 3. Contexto de produção e referências teórico-metodológicas.....    | 41 |
| 3.1. Camada contextual .....                                        | 41 |
| 3.1.1. Argentina .....                                              | 43 |
| 3.1.2. Chile .....                                                  | 45 |
| 3.1.3. A gramaticografia argentina .....                            | 45 |
| 3.1.4. A gramaticografia chilena .....                              | 47 |
| 3.2. Camada teórica .....                                           | 49 |
| 3.2.1. A GRAE de 1880 .....                                         | 50 |
| 3.2.2. A Gramática de Andrés Bello (1847).....                      | 52 |
| 3.2.3. A gramática de Vicente de Salvá (1831).....                  | 55 |

|        |                                                               |    |
|--------|---------------------------------------------------------------|----|
| 4.     | Técnicas de análise e fontes empregadas .....                 | 59 |
| 4.1.   | Camada técnica: análise de termos .....                       | 59 |
| 4.1.1. | Gramáticas argentinas .....                                   | 59 |
| 4.1.2. | Gramáticas chilenas.....                                      | 64 |
| 4.2.   | Camada documental .....                                       | 67 |
| 4.2.1. | O impacto das gramáticas fonte .....                          | 68 |
| 5.     | Resultados: conteúdo contrastivo e periodização .....         | 74 |
| 5.1.   | Gramáticas argentinas <i>versus</i> gramáticas chilenas.....  | 74 |
| 5.2.   | Comparação por década (1880 e 1890) .....                     | 76 |
| 5.3.   | Periodização do registro das formas de tratamento .....       | 77 |
|        | Conclusões.....                                               | 81 |
|        | Referências .....                                             | 84 |
|        | APÊNDICE A - Formulário de análise de gramáticas: MuGra ..... | 91 |

## INTRODUÇÃO

Dentro dos estudos de língua espanhola, são muitos os trabalhos que versam sobre a evolução das formas pronominais de tratamento, desde o latim ao espanhol atual (Fontanella de Weinberg, 1970; Zumalacárregui, 1991; Arroyo, 1995; Sampedro Mella, 2021; Torrejón, 1991). Por outro lado, também são muitos aqueles que abordam a história da gramática da língua espanhola, em diferentes períodos (Girón Alconchel, 1995, 2007; Sánchez Lancis, 2001; Zamorano Aguilar, 2005, 2008, 2010; García Folgado, 2016). Os que versam sobre o uso dos pronomes de tratamento, frequentemente fazem uso da descrição gramatical ou de outros textos teóricos e descritivos, porém com o objetivo de pautar sua reflexão e busca por registros dos usos dessas formas pronominais.

Quando não se encontram tantos textos que retratam o uso cotidiano da língua, obras como as gramáticas podem oferecer informações sobre o comportamento linguístico dos falantes dessa época. Isso não significa tomar o manual de gramática como uma documentação fidedigna dos usos, mas sim buscar por elementos discursivos que indiquem sua existência. Por exemplo, a inclusão de uma palavra na lista de vícios de linguagem indica que essa forma, ainda que se considere incorreta, é verificada no repertório linguístico dos falantes com uma frequência grande o suficiente para justificar sua documentação na gramática.

É na intersecção dos dois tipos de estudo mencionados que se inseriu a presente pesquisa, que teve por objetivo principal analisar a descrição das formas de tratamento nas gramáticas pedagógicas publicadas no fim do século XIX na Argentina e no Chile, considerando as correntes de análise linguística vigentes da época e observando como são documentadas as condições de uso dos pronomes de segunda pessoa.

De maneira mais específica, buscou-se: descrever gramáticas pedagógicas de língua espanhola publicadas na Argentina e no Chile no fim do século XIX; analisar o registro das formas de tratamento em gramáticas publicadas na Argentina e no Chile no fim do século XIX e, finalmente, comparar diatopicamente a descrição e a prescrição do uso das formas de tratamento em gramáticas do fim do século XIX.

Quanto à hipótese de pesquisa, esperávamos que as gramáticas já apresentassem alguma menção aos usos das formas de tratamento *vos* (com valor familiar, especificamente) e *usted*, devido ao nível de consolidação que estas já apresentavam. Por outro lado, também já era esperado que essa menção não seria em uma aceitação completa de ambas as formas, isto

é, que não se veria o uso de termos como *pronomes de tratamento* para classificá-las, por exemplo.

Também esperávamos observar semelhanças entre as tradições gramaticais chilena e argentina, posto que são países próximos que estavam passando por eventos políticos similares durante o século XIX (processo de independência, criação de uma identidade nacional etc.) e, por outro lado, o estado atual do emprego das formas pronominais de tratamento nesses dois países pode indicar certa diferença na maneira com que cada uma das sociedades lidou com essa mudança.

Ao longo deste texto, os termos *forma de tratamento* e *pronome de tratamento* serão usados como sinônimos quando a discussão for referente ao sistema pronominal atual da língua espanhola. Para os momentos de análise das gramáticas oitocentistas, será dada a preferência aos termos *forma de tratamento* (para referir-nos a *usted*) ou simplesmente *pronome* (para as formas já consolidadas, como *tú* e *vos* reverencial). Essa separação se deve ao fato de que essa “subcategoria” de pronomes não estava prevista na gramática latina. A delimitação de categorias gramaticais, mesmo quando prescritiva, só pode se dar depois que estas se encontram definidas o suficiente, de modo que, nas gramáticas castelhanas anteriores ao século XIX, os pronomes *tú*, *vos* e *vosotros* não são definidos como pronomes *de tratamento*. São lidos como pronomes pessoais de segunda pessoa<sup>1</sup>.

Por isso, ao decidir observar a transição no registro das formas *vos/usted*, não estamos olhando apenas para o uso documentado nas gramáticas, mas também para a nomenclatura conferida (ou não) a elas. A história da evolução dos pronomes de tratamento também compreende a sua categorização: desde sua sistematização em listas, herdadas do método gramatical latino, até as gramáticas dos séculos XX e XXI, que já trazem subcategorias para os pronomes, e incorporam formas como *vos* e *usted* à categoria de *pronomes de tratamento*.

A fim de alcançar nossos objetivos, na seção 1, *Pressupostos históricos*, trazemos dois panoramas históricos mais extensos que o recorte proposto para o trabalho (1880-1900), porém importantes para entender como os fenômenos se desenvolveram até chegar ao recorte de tempo escolhido. Primeiro, recuperamos de maneira resumida a história do pensamento linguístico e gramatical em língua espanhola, começando por Nebrija (século XV) até chegar ao século XIX. Segundo, traçamos a evolução dos pronomes de tratamento em língua espanhola, com ênfase nos casos do Chile e da Argentina, que são de nosso interesse.

---

<sup>1</sup> No caso de *usted*, como veremos mais adiante, o fato de sua conjugação ser a de terceira pessoa faz com que essa forma receba definições como a proposta por Andrés Bello, como sendo uma “terceira pessoa fictícia”, assim como o emprego de *vos* para o singular de reverência é definido como “plural fictício”.

Na seção 2, *Aspectos metodológicos*, justificamos a decisão por replicar o modelo de sistematização de dados propostos por Polachini (2013), a partir da teoria proposta por Koerner (1999) e de Swiggers (2009). Primeiramente, dentro do conceito de cobertura, delimitamos e justificamos a escolha de nosso tema de pesquisa, a periodização (isto é, o recorte temporal das duas últimas décadas do século XIX), trazemos aspectos relevantes do contexto geográfico e social e os agentes, ou seja, os quatro gramáticos que redigiram as gramáticas aqui analisadas. Em seguida, detalhamos os procedimentos e critérios de análise a partir do que propõe Swiggers (2013) quanto à estrutura de investigação proposta pela Historiografia Linguística.

A seção 3, *Contexto de produção e referências teórico-metodológicas*, engloba as camadas contextual e teórica da nossa pesquisa. Na primeira, temos seções que se dedicam especificamente à história da Argentina e do Chile do fim do século XIX, com subseções que versam sobre a produção de gramáticas nesses dois países. Já na segunda, recuperamos duas gramáticas que foram muito importantes à época, a ponto de serem reproduzidas em muitos compêndios destinados ao ensino de espanhol nas escolas: a *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* (1847), de Andrés Bello e a Gramática de la lengua española, em sua edição de 1880, da Real Academia Española.

Na seção seguinte, *Técnicas de análise e fontes empregadas*, detalhamos os resultados da análise das seções e capítulos referentes aos pronomes nas quatro gramáticas. Aqui, nos debruçamos a encontrar e descrever todas as instâncias de emprego e documentação das formas de tratamento. Ao final de cada subseção de análise, trazemos um quadro para resumir os dados encontrados.

Após uma análise de cada uma das obras, na seção 5, *Resultados: conteúdo contrastivo e periodização*, foram feitas comparações entre gramáticas publicadas em um mesmo país, entre aquelas publicadas em uma mesma década, entre todas as quatro gramáticas e entre as três gramáticas que aparecem mencionadas como fonte para a redação das que compõem nosso *corpus*. Por fim, a última parte dessa seção traz uma proposta de classificação do período analisado para a cronologia do registro das formas de tratamento em gramáticas, definindo uma espécie de “etapa de transição” onde não há uma subcategoria de pronomes *chamada pronomes de tratamento* e não se incluem as discussões de familiaridade e cortesia ao tratar de pronomes como *usted*.

A seção 6, *Conclusões*, retoma algumas discussões extratextuais sobre as hipóteses de influência do cenário político no comportamento dos falantes perante a usos muito

característicos como o *voseo*<sup>2</sup>. Compara-se a recepção e registro dessas formas em cada um dos países analisados (Chile e Argentina) e se traça um entendimento de que a influência não se dá de um modo idealizado, mas sim é suficiente para suavizar a já existente e muito forte avaliação negativa que existia em torno do uso de *vos* com valor familiar.

---

<sup>2</sup> Nome dado ao emprego do pronome *vos* com valor familiar, um uso verificado em quase todas as regiões hispanofalantes, em diferentes níveis de frequência e aceitação por parte dos falantes.

## **1. PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS**

Esta seção pretende recuperar, de maneira breve, o percurso de dois fenômenos importantes para o desenvolvimento do presente trabalho: o pensamento gramatical em língua espanhola e o desenvolvimento das formas pronominais de tratamento. Aqui, trazemos os principais ocorridos a partir de seus respectivos marcos iniciais. Para o primeiro, iniciamos com a publicação da gramática de Antonio de Nebrija, enquanto o segundo começa a partir do sistema de pronomes pessoais do latim. É certo que, nas seções seguintes, retomamos esses fenômenos ao detalhar a camada contextual, porém ali nos limitaremos aos eventos ocorridos durante o século XIX, de modo a relacionar ao que foi encontrado nas gramáticas.

### **1.1. O pensamento linguístico e gramatical em língua espanhola**

A língua espanhola, assim como outras línguas europeias, tem no Renascimento sua consolidação como língua da nação, um processo que caminhou lado a lado com a unificação do próprio território do que viria a ser a Espanha. A primeira gramática de língua espanhola, de Antonio de Nebrija, foi publicada em 1492 e é contemporânea, portanto, a diversos eventos importantes para a consolidação do império espanhol, como a tomada do Reino de Granada (1492) e a chegada dos navegadores espanhóis às terras americanas (1492). Em meio a tais acontecimentos, o castelhano vinha sendo imposto como a língua do império, em detrimento das demais que também eram faladas na região (Calero Vaquera, 1986, p. 13).

A partir desse projeto de unificação, publicam-se mais manuais com a intenção de registrar o castelhano e sistematizá-lo. Como explica Ramajo Caño (1987, p. 24), as obras desse período carregam fortemente a influência dos antecedentes greco-latinos, ainda que o próprio objetivo de apresentar o castelhano como uma língua diferente afaste tais obras de alguns elementos da gramática latina, como a divisão de classes de palavras que é proposta pelos primeiros gramáticos da língua espanhola, por exemplo. No mais, a produção de gramáticas entre os séculos XVI e XVII não se mostra muito extensa e muitas obras ainda se baseiam na de Nebrija, com poucas exceções (Calero Vaquera, 1986, p. 14-15).

Ainda no século XVII, sai à luz a gramática francesa de Claude Lancelot y Antoine Arnauld, a '*Grammaire générale et raisonnée*' (1660), que recupera e consolida uma corrente de pensamento mais logicista e que busca incluir a lógica nas análises linguísticas, ademais de introduzir a noção de gramática geral, sob a qual todas as línguas naturais se encontrariam inscritas. Essa gramática influencia, ainda que tardiamente, o pensamento gramatical espanhol dos séculos XVIII e XIX.

Na primeira metade do século XVIII, o cenário de descrição linguística na Espanha tinha por tema a preservação do “idioma do Século de Ouro” (Séc. XVI ao XVII), o que explica o surgimento da Real Academia Española (RAE), instituição cuja missão era de “limpar”, “fixar” e “dar esplendor” à língua espanhola, conforme se lê no estatuto de sua concepção e se representa no brasão institucional. A instituição publicou sua primeira gramática apenas na metade seguinte do século (1771), e poucas foram as obras publicadas por outros autores. Ainda assim, destacam-se autores como Benito Martínez Gómez Gayoso, cuja gramática foi pensada como uma “obra-ponte” para os estudos da língua latina. Ela, porém, vai além de simplesmente sistematizar as partes de uma língua e apresenta também suas colocações e expressões idiomáticas próprias (Calero Vaquera, 1986, p. 17).

A produção de gramáticas se intensifica na segunda metade desse mesmo século e se pode ver com maior clareza a influência do racionalismo francês nessas novas publicações, como na gramática de Benito de San Pedro, de 1769. A primeira gramática da RAE, de 1771, por mais que esteja ainda muito associada à tradição latina, também assume um caráter racionalista, uma vez que em seu prólogo se vê exposta a noção de gramática geral “comum a todas as línguas” (Girón Alconchel, 2007, p. 67). Nesse momento, ainda segundo Girón Alconchel (2007), também se tem registro de gramáticas filosóficas de língua espanhola.

O século XIX, descrito em seguida, é o recorte temporal de interesse desta pesquisa. Em suas primeiras décadas, observa-se o advento das gramáticas filosóficas na tradição espanhola, devido a uma influência tardia de gramáticas francesas publicadas posteriormente à famosa gramática de *Port-Royal*. Esse movimento ocorre em paralelo à produção de gramáticas racionalistas – agora mais intensificada que no século anterior –, já que nesse momento ainda se busca encontrar, através da lógica, as regras que seriam comuns a todas as línguas.

Em meio ao método lógico e filosófico, destaca-se a gramática de Vicente de Salvá (de 1831), que teve tamanha difusão a ponto de influenciar outra gramática icônica do século XIX, como a de Andrés Bello (de 1847). Trata-se de uma gramática voltada à descrição da língua espanhola, algo que fica claro em seu título: ‘*Gramática de la lengua castellana según ahora se habla*’ (Salvá, 1835).

Essa gramática, ainda que não se afaste totalmente da tradição racionalista (Calero Vaquera, 1986, p. 20), registra muitas regras baseadas no uso dos falantes, como no caso em que explica o uso do pronome *usted*. Neste caso, Vicente de Salvá lança mão dos contextos de uso desse pronome ao explicá-lo, indicando relações hierárquicas em que seria considerado adequado seu emprego (Salvá, 1835, p. 159).

Além da tradição racionalista, na segunda metade do século XIX, também se vê o que alguns autores classificam como a “época de ouro” da RAE, com a publicação quase bienal de novas edições de gramáticas acadêmicas. Desse modo, tem-se uma tradição normativa na gramática espanhola, que tem sua descentralização no século XX, com o projeto de Pan-hispanismo e a criação das academias de língua espanhola nos países hispanofalantes da América. Esse esforço resultou na produção conjunta da nova GRAE, publicada em 2009 (Villanueva Prieto, 2017).

Como consequência do processo de independência dos países hispanofalantes nesse mesmo século XIX, a história do registro e prescrição da língua espanhola passa a ter nuances diferentes na Espanha e nas novas nações hispânicas na chegada do século seguinte. Segundo Girón Alconchel (2007, p. 76), tem-se um declínio da abordagem lógica, embora ainda se encontre muito presente, bem como a abordagem da herança greco-latina. Por outro lado, no continente americano, as principais questões são o desenvolvimento de uma metodologia sincrônica<sup>3</sup> e a discussão sobre qual o lugar reservado ao espanhol da América nas gramáticas ali publicadas.

## **1.2. As formas de tratamento na língua espanhola**

Dentro das gramáticas cotejadas, analisamos as seções destinadas às formas pronominais de tratamento, entendida como as variantes pronominais escolhidas para se dirigir ao interlocutor (Real Academia Española, 2010). Ainda que outros grupos nominais também sejam usados para se dirigir a algum destinatário (*don, señor, Su Majestad, Su Santidad etc.*), essas formas não serão objeto de análise dessa pesquisa, salvo quando apresentem alguma informação relevante ao processo de registro de outras formas pronominais, como *vos* e *usted*.

O sistema de formas pronominais de tratamento de língua espanhola, em seu estado corrente, apresenta variação de diferentes tipos. Aqui, contudo, concentramo-nos nas variações diatópica e diafásica: a escolha de um elemento (seja este um pronome ou locução) em detrimento das demais opções é influenciada pela região em que se encontra o falante e/ou pela situação de enunciação. Dentro desse segundo fator, aspectos como a relação hierárquica entre interlocutores e a intenção de expressar maior familiaridade ou cortesia balizam a escolha entre um ou outro pronome.

---

<sup>3</sup> A definição de *sincrônica* adotada pelo autor se dá em contraste à *gramática histórica*, de modo que, as gramáticas produzidas na tradição americana versavam especificamente sobre o espanhol que era falado naquele momento, naquela região, sem voltar o olhar à relação desse idioma com o latim (Girón Alconchel, 2007, p. 71).

Esse cenário de variação se dá especificamente na categoria de formas empregadas à segunda pessoa do discurso, no singular ou no plural. Inicialmente, salta aos olhos a preferência por *ustedes* ou *vosotros* no que se refere à segunda pessoa do plural, cuja variação é predominantemente diatópica: o emprego de *vosotros* foi mantido na maior parte do território peninsular, porém perdido na América hispanofalante e na maior parte das Ilhas Canárias e Andaluzia, lugares que empregam *ustedes*, sem distinção quanto ao grau de familiaridade. Por outro lado, nas regiões em que se registra ainda o uso de *vosotros*, emprega-se a forma *ustedes* para expressar formalidade ou cortesia, desde o século XVIII.

Já no caso da variação na expressão da segunda pessoa do singular, os pronomes *tú*, *usted* e *vos* são as formas disponíveis na língua<sup>4</sup> e sua posição dentro do eixo respeito-familiaridade dependerá também da região de onde provém o falante. Segundo o manual da gramática mais recente da Real Academia Española:

*En varios países americanos convive el voseo con el trato de tú y de usted como tercera forma de dirigirse al interlocutor, lo que hace aún más compleja la distribución de los tratamientos. Se ha considerado que tú constituye en estos usos un grado intermedio entre vos (forma no marcada para el trato de confianza) y usted (forma de respeto). Otros autores entienden que se trata más bien de dos sistemas que conviven: el local (usted / vos) y el general (usted / tú). En cualquier caso, el uso de los tres pronombres, allí donde existen, está sometido a condiciones variables y sutiles relativas a la intimidad o la formalidad de la situación, las intenciones del hablante, su edad e incluso el sexo de los interlocutores.* (RAE, 2010, p. 323, grifo nosso)

Assim, observa-se que o cenário atual de uso dos pronomes de tratamento de segunda pessoa do singular tem uma distribuição com mais matizes que a anteriormente descrita, já que o emprego de um dos três pronomes não delata tão imediatamente a procedência do falante. Por exemplo, se um falante emprega o pronome *vos* para expressar familiaridade, ainda que isso sirva para eliminar uma região ou outra da lista de possibilidades, não é suficiente, posto que são várias as zonas em que se verifica o emprego desse pronome. O que pode indicar a região de onde provém o falante é o tipo de *voseo*: as formas verbais que acompanham o pronome, se há uma mescla com as formas verbais de *tú* etc.

Nas seções deste trabalho em que se delimitam os casos do *voseo* chileno e do argentino, explicaremos mais detalhadamente essas possibilidades de variação. Destacamos que nosso foco é predominantemente diacrônico, uma vez que essa abordagem se alinha de maneira mais eficaz à análise das gramáticas do século XIX.

---

<sup>4</sup> Esses três pronomes são as formas mais recorrentes para expressão de segunda pessoa no singular em língua espanhola. Ressaltamos que também se verificam outros, como *sumercé*, por exemplo. Porém, estes não serão mencionados ou explorados neste trabalho.

### 1.2.1. Evolução do sistema pronominal: do latim ao espanhol

Inicialmente, o sistema pronominal latino possuía apenas uma distinção em número para os pronomes de tratamento, sendo TŪ a forma empregada para dirigir-se a uma pessoa e VŌS para mais de uma, sem que as informações de status social e respeito interferissem também na escolha entre uma ou outra. A forma VŌS tem uma modificação em seus contextos de emprego no latim tardio (Séculos III ao V), segundo explica Penny (2014, p. 163-164), uma vez que, além de seu uso supracitado, os falantes também começam a empregá-la para o tratamento respeitoso no singular.<sup>5</sup>

Ao final da Idade Média (século XV), o emprego do pronome *vos* não mais se limitava aos contextos anteriores de uso e passou a ter menor valor reverencial, a ponto de quase igualar-se ao pronome *tú*. Com isso, o espaço deixado pelo *vos* reverencial é sentido pelos falantes, que começam a empregar as formas *vuestra merced* e *vuestras mercedes* para demonstrar maior respeito a seu(s) interlocutor(es). Concomitantemente, o uso plural de *vos* passa a restringir-se ao tratamento de familiaridade e transforma-se em *vosotros*, de modo a mais claramente opor-se ao *vos* singular. Deste modo, nesse momento, os usos dos pronomes de tratamento podem ser sistematizados da seguinte forma:

**Tabela 1:** Pronomes de tratamento do espanhol no fim da Idade Média (século XV)

|          | Familiar/não-deferencial | Respeitoso/deferencial |
|----------|--------------------------|------------------------|
| Singular | tú~vos                   | vuestra merced         |
| Plural   | vosotros                 | vuestras mercedes      |

Fonte: Penny, 2014, p. 164

Ainda segundo Penny (2014, p. 164), durante os séculos XVII e XVIII verificam-se dois momentos de mudança importantes na evolução do sistema pronominal castelhano: primeiro, se antes havia uma alternância no uso de *tú* e *vos* para o tratamento de familiaridade, isso deixa de acontecer em toda a Espanha e nas regiões da América Hispânica que mantinham contato mais próximo com a metrópole (Peru, Bolívia e México). Já nas regiões mais distantes, como o Cone Sul (Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai) e a América Central, há uma predominância do *vos* ou mesmo uma constante disputa entre os dois pronomes.

---

<sup>5</sup> De acordo com Penny (2014), este uso começa sendo exclusivo para referir-se ao imperador, porém se estende imediatamente a outras figuras de autoridade às quais esperava-se um tratamento mais formal.

A outra mudança concerne ao emprego de *vuestra merced*, que, durante esse período, passa por uma série de reduções até chegar à atual *usted* <sup>6</sup>. É durante o século XVIII que, portanto, a distinção entre *vosotros* e *ustedes* se perde na América e em partes da Andaluzia, de modo que se emprega *ustedes* tanto para tratamento familiar quanto de respeito ao referir-se a mais de uma pessoa. Pode-se traçar, portanto, a seguinte linha do tempo para os pronomes de tratamento em espanhol, nas regiões *tuteantes*:

**Figura 1.** Evolução das formas de tratamento em regiões *tuteantes*

|       |       | Latim<br>(s. III a.C – séc. III d.C) | Latim tardio<br>(séc. III – séc. V) | Romance<br>castelhano<br>(séc. XIV) | Castelhano<br>(séc. XVII – séc. XVIII) | Castelhano<br>(séc. XIX) |
|-------|-------|--------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|----------------------------------------|--------------------------|
| SING. | --    | <b>TU</b>                            |                                     |                                     |                                        |                          |
|       | Fam.  |                                      | <b>TU</b>                           | <b>Tú</b>                           | <b>Tú</b>                              | <b>Tú</b>                |
|       |       |                                      |                                     | <b>Vos</b>                          |                                        |                          |
|       | Cort. |                                      | <b>VOS</b>                          |                                     |                                        |                          |
| PL.   | --    | <b>VOS</b>                           | <b>VOS</b>                          |                                     |                                        |                          |
|       | Fam.  |                                      |                                     | <b>Vosotros</b>                     | <b>Vosotros</b>                        | <b>Vosotros</b>          |
|       |       |                                      |                                     | <b>Vuestra merced</b>               | <b>Usted</b>                           | <b>Usted</b>             |
|       | Cort. |                                      |                                     | <b>Vuestras mercedes</b>            | <b>Ustedes</b>                         | <b>Ustedes</b>           |

**Fonte:** Adaptado de Penny (2014)

Quanto às regiões *voseantes*, essa linha do tempo tem uma pequena diferença no final:

**Figura 2.** Evolução das formas de tratamento em regiões *voseantes*.

|       |       | Latim<br>(s. III a.C – séc. III d.C) | Latim tardio<br>(séc. III – séc. V) | Romance<br>castelhano<br>(séc. XIV) | Castelhano<br>(séc. XVII – séc. XVIII) | Castelhano<br>(séc. XIX) |
|-------|-------|--------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|----------------------------------------|--------------------------|
| SING. | --    | <b>TU</b>                            |                                     |                                     |                                        |                          |
|       | Fam.  |                                      | <b>TU</b>                           | <b>Tú</b>                           | <b>Tú</b>                              | <b>Tú</b>                |
|       |       |                                      |                                     | <b>Vos</b>                          | <b>Vos</b>                             | <b>Vos</b>               |
|       | Cort. |                                      | <b>VOS</b>                          |                                     |                                        |                          |
| PL.   | --    | <b>VOS</b>                           | <b>VOS</b>                          |                                     |                                        |                          |
|       | Fam.  |                                      |                                     | <b>Vosotros</b>                     |                                        |                          |
|       |       |                                      |                                     | <b>Vuestras mercedes</b>            | <b>Ustedes</b>                         | <b>Ustedes</b>           |
|       | Cort. |                                      |                                     |                                     |                                        |                          |

**Fonte:** Adaptado de Penny (2014)

<sup>6</sup> As formas empregadas durante esse processo de redução, como *vustredes*, por exemplo, não eram aceitas inicialmente no chamado “falar culto”.

### 1.2.2. Formas de tratamento na América hispânica

As zonas em que se encontra alguma forma do emprego de *vos* coincidem em geral com as regiões que, durante o período colonial hispano-americano, constituíram áreas marginais desde o ponto de vista administrativo e cultural (Torrejón, 1986; Carricaburo, 1997). Por isso, o fenômeno registrado no Chile e em outros países do Cone Sul (Argentina, Uruguai e Paraguai) não se verifica de maneira tão expressiva em países como México e em cidades como Lima, Bogotá e Caracas, onde prevaleceu o emprego de *tú* (ou *tuteo*) como o pronome de tratamento familiar no singular.

Nos primeiros anos da presença espanhola em território americano, o *voseo* era empregado de maneira indiscriminada pelos invasores e primeiros colonos espanhóis, em situações formais e informais, dirigindo-se a superiores, iguais ou inferiores. Esse cenário muda rapidamente, à medida que mais homens são enviados à América espanhola e se desenvolve um conceito mais rígido de estratificação social. O uso reverencial de *vos*, que já se encontrava em decadência na Espanha, perdeu seu uso ante a forma *vuestra merced* e ao *tuteo*, sendo este último um uso importado da península e que passou a ser empregado nos centros administrativos como a forma de tratamento familiar e informal entre iguais e tratamento formal dos superiores a seus inferiores (Torrejón, 1986, p. 677-678).

As regiões que representam a *América tuteante*<sup>7</sup>, viram o desaparecimento do *vos* familiar em detrimento do *tú* por diferentes motivos. No México e no Peru, as cortes espanholas estavam muito presentes e construiu-se ali uma intensa vida senhorial e urbana. Santo Domingo, na República Dominicana, tinha uma universidade muito influente e, assim como também foi o caso do Panamá, estava atravessada por um forte fluxo de navios espanhóis. Cuba e Porto Rico têm o seu vínculo tardio com a Espanha como outra influência para a manutenção do *tuteo*, posto que continuaram assim até 1898, quase já entrando no século XX (Carricaburo, 1997, p. 20)

Alguns séculos depois, mais especificamente na segunda metade do século XIX, estando fortes os movimentos de independência, observa-se um começo de criolização no espanhol da América, ainda que o sentimento de nacionalidade só venha a ter mais força nas primeiras décadas do século seguinte (Bieritz, 1982, p. 73). Assim, o sistema linguístico aí verificado começa a se estruturar seguindo seu próprio modelo sociocultural, aumentando as diferenças locais. Essa mudança, vale ressaltar, ocorre espontaneamente na linguagem coloquial e não chega de maneira tão expressiva ao registro formal, que ainda se constitui de

---

<sup>7</sup> *Tutear* é empregar o pronome *tú* como tratamento familiar de segunda pessoa do singular.

muitos usos ainda advindos da corte espanhola. Em cada país esse processo ocorreu de maneira diferente, principalmente no que diz respeito ao *voseo* familiar. Por ter evoluído concomitantemente com a norma culta, sem que se normatizasse um uso específico para emprego de todas as colônias, esse processo se deu de maneira natural e com diferença entre as regiões (Calderón Campos, 2010, p. 236). Observemos, em seguida, os casos dos países analisados neste trabalho.

### **1.2.3. Os pronomes de tratamento no espanhol argentino**

A paisagem linguística que se formava durante o século XIX na Argentina era de forte contato entre o castelhano e outras línguas, devido ao forte fluxo de imigrantes europeus que chegavam ao país, alocando-se principalmente em Buenos Aires. Por mais que também tenham chegado muitos ingleses, franceses e russos, o grupo mais significativo é o de italianos, já que foi o que teve maior influência no espanhol falado nesse país (Lipsky, 2011, p. 188). O desejo desse grupo de preencher a lacuna entre o espanhol e os dialetos italianos por ele falados provocou a criação de uma língua de contato, o *cocoliche*, que desapareceu à medida que os filhos dos imigrantes adquiriam o espanhol como sua primeira língua. Nesse momento, já se verificava o uso do pronome *vos*, juntamente a outras formas pronominais.

Segundo Kany (1994, p. 86), os puristas de cada país onde houve a ocorrência de *voseo* expressaram sua reprovação quanto a esse uso, mas nenhum deles o fez de forma tão violenta quanto Arturo Capdevila, na Argentina. Em sua obra, *Babel y el castellano*, afirma que o México e o Peru devem o seu atual uso de *tú* a suas origens “culturalmente superiores”, além de classificar o *voseo* como “horrendo”. No entanto, também pontuava que já parecia estar demasiadamente enraizado para que pudesse ser exterminado do país.

Essa opinião foi trazida nesta pesquisa como uma forma de comparar com o que em seguida mostramos ser a opinião de Andrés Bello sobre o caso do Chile. Porém, a obra de Capdevila foi publicada no século seguinte (1926), sendo, portanto, posterior ao momento de consolidação do *voseo* argentino, o que explica a resignação do autor quanto à possibilidade de eliminar tal uso do repertório da população argentina. Não obstante à data de publicação, é importante destacar que opiniões como a de Capdevila já existiam antes da publicação de sua obra e retardaram a gramatização do *voseo* no país. Trata-se de algo a ser observado durante as análises feitas neste trabalho.

Fontanella de Weinberg (1971) demonstra que o cenário do emprego de *vos* com valor familiar na Argentina teria se dado, provavelmente, de forma ininterrupta desde a invasão dos

espanhóis ao território americano. No século XIX, segundo Angel Rosenblat, em seu texto *Las generaciones argentinas del siglo XIX ante el problema de la lengua* (1960), alguns usos hoje característicos do espanhol rioplatense já estavam bem difundidos, dentre eles, o *voseo* (Rosenblat, 1960, p. 543).

Em consonância com Capdevila, Vidal de Battini (1967) descreve o oposto sobre os usos dos falantes da região de Buenos Aires especificamente, referente às décadas de 1810 a 1840:

*“en el habla de la región se mantenía el uso de los pronombres y las formas verbales correctas que el español de la Argentina ha perdido: tú, vosotros, os, cállate. El voseo era desconocido. Así lo afirman todos los documentos consultados, los investigadores y la tradición. (Vidal de Battini, 1967, p. 4)”*

Essa informação se vê contrastada por um texto de Juan Cruz Varela, considerado o principal poeta do período rivadaviano<sup>8</sup>, em que o autor elenca alguns “erros linguísticos” cometidos em diversos contextos. Dentre esses erros, está o *voseo*, em sua forma de imperativo: *“es generalísimo entre nosotros pero muy principalmente en los niños, el alargar las sílabas finales de los imperativos, y aún el agregarles una letra, diciendo v. gr., tomá por toma; corré por corre; vení por ven”* (Weinberg, 1964, p. 49).

Outra fonte que traz um emprego de *vos* são as cartas de María Guadalupe Cuenca de Moreno, datadas entre 1811 e 1826. Devido ao fato de que a autora tinha origem altoperuana, seus usos não podem ser considerados uma prova conclusiva do comportamento linguístico bonaerense. No entanto, posto que Cuenca de Moreno continuou usando o *vos* mesmo depois de sua chegada em 1806, é possível supor que não era um uso contradizente com a fala local (Fontanella de Weinberg, 1971, p. 498).

A análise de outro conjunto de cartas, especificamente o da família Anchorena, revelou que o emprego de *vos* era verificado também entre os membros da elite de Buenos Aires e não se limitava à geração mais jovem, uma vez que a matriarca da família, Romana Josefa López de Anaya, nascida em 1754, também o fazia nas cartas. Outra informação sobre o uso das formas de tratamento dessa família é que o *vos* era empregado mesclado com as formas de *tú*.

Há de se recordar, no entanto, que na primeira metade do século XIX, ainda era muito mais corrente o uso de *tú* em cartas, mesmo aquelas direcionadas a parentes próximos. Isso se deve tanto à influência da norma espanhola no comportamento linguístico dos argentinos, quanto ao fato de que, ao passar da fala à escrita, mesmo os falantes que empregariam *vos*

---

<sup>8</sup> Período em que o político Bernardino Rivadavia esteve no governo em Buenos Aires (1821-1827).

poderiam monitorar mais seu uso e optar por escrever com *tú*, inclusive em cartas com um tom mais íntimo (Tiscornia, 1930).

Quanto às formas de tratamento para a segunda pessoa do plural, no epistolário foi verificado o uso regular de *ustedes*, em geral concordando com as formas verbais de terceira pessoa, ainda que, em alguns momentos, também tenham aparecido construções mescladas com as formas referentes a *vosotros*, como ‘*vosotros discurren y disponen*’. Essa mistura das duas formas também poderia ser consequência da pressão normativa para o uso das formas de tratamento peninsulares, em detrimento do já difundido uso popular de *ustedes* e de *vos*.

Atualmente, há um emprego uniforme do *vos* em lugar de *tú* para a expressão da segunda pessoa do singular. Seu uso é aceito em todas as camadas sociais e em todos os contextos e, ainda que alguns indivíduos mostrem algumas ressalvas sobre o quão correto seria o emprego desse pronome, no geral trata-se de um uso adotado pelos argentinos como afirmação de sua identidade *criolla* (Lipsky, 2011, p. 194).

O *voseo* argentino pode ser classificado como autêntico, por empregar o pronome arcaico *vos* combinado a formas verbais derivadas da segunda pessoa do plural, porém apresenta um paradigma pronominal misto, porque utiliza *te* como objeto e *tu/tuyo* como possessivo. A maior variação se encontra nas formas verbais empregadas junto ao pronome *vos*, apresentada de maneira resumida nos parágrafos seguintes.

Para o presente do indicativo, as zonas litoral-pampeanas e o nordeste do país empregam as formas monotongadas *cantás*, *comés* e *vivís*. Já em partes de Tucumán, de Cuyo, noroeste de Córdoba, quase toda San Luis, no sul de San Juan, Mendoza e norte de Neuquén, o uso é similar ao verificado no Chile: *cantás*, *comís*, *vivís*. Esse uso também é verificado no noroeste do país, porém nessa região essas formas são usadas de maneira alternada com as formas monotongadas. Em Santiago del Estero, verifica-se um *voseo* misto, com o emprego do *vos* junto a formas verbais tuteantes: *vos cantas*, *vos comes*, *vos vives*. Por fim, em socioletos baixos urbanos e rurais do Noroeste, em Cuyo e no centro do país, são empregadas as formas com ditongo, *cantáis*, *coméis* e *vivís* (Alvar, 1996, p. 216).

O presente do subjuntivo apresenta variação entre formas *tuteantes* (*cantes*, *comas*, *vivas*) e *voseantes* (*cantés*, *comás*, *vivás*). As primeiras prevalecem, porém os jovens de Buenos Aires e entre os socioletos mais altos de Salta e Tucumán parecem preferir cada vez mais a segunda forma. Segundo Lipski (Lipsky, 2011, p. 194), as formas *voseantes* do presente do subjuntivo ainda são um pouco estigmatizadas, por mais que sejam frequentes.

Alguns usos com menor variação são, primeiro, o imperativo afirmativo, que é majoritariamente usado nas formas *cantá, comé e viví*. Segundo, o pretérito perfeito simples do indicativo, que, por mais que varie entre as formas terminadas em -ste e -stes, na fala monitorada e nos socioletos mais altos, há uma preferência pelas formas terminadas em -ste.

O uso de *tú* é usado apenas por alguns falantes mais idosos e advindos de certas famílias tradicionais. Já o *vosotros*, por sua vez, desapareceu da linguagem oral e foi substituído por *ustedes*. Ainda que seja usado esporadicamente como um recurso de oratória, seu uso é considerado ‘forçado’ e pedante (Alvar, 1996, p. 216).

#### 1.2.4. Os pronomes de tratamento no espanhol chileno

O cenário do emprego de *vos* no Chile durante o século XVIII e XIX não é tão amplamente documentado como se verifica em outros países<sup>9</sup>, porém há alguns trabalhos em que podemos basear-nos para a análise. O Chile, assim como a região do Rio da Prata, não teve um influxo tão forte de membros da corte durante sua fase de vice-reinado, o que colaborou para que o uso de *vos* se estendesse amplamente, mesmo que nem sempre em todas as formas pronominais (Lapesa, 1970). Até o começo do século XVIII, essa era a forma preferida frente ao *tuteo*, que era verificado apenas entre novos imigrantes advindos da península ou daqueles falantes chilenos que, por questões comerciais e políticas, frequentavam regularmente a corte do vice-reinado de Lima (Branza, 2012, p. 145).

Houve uma marginalização e a diminuição do uso de *vos* no Chile a partir desse período (século XVIII), por motivos que em seguida se discutem. Essa diminuição, porém, não significa que o *voseo* tenha desaparecido do Chile; considera-se que tenha desaparecido apenas do repertório linguístico das classes alta e média, mas se manteve e servia como marca diferenciadora entre elas (*tuteantes*) as classes populares do âmbito rural e urbano (*voseantes*).

Durante a primeira metade do século XIX, o *voseo* verificado no Chile tinha formas diferentes daquelas observadas na Argentina, porém semelhantes em sua frequência de uso (Lipski, 2011; Kany, 1994). Em 1834, ao chegar no Chile, Andrés Bello relatou em sua obra ‘*Advertencias sobre el uso de la lengua castellana*’ (1834) que havia se deparado com um uso difundido do pronome *vos*, porém sem as formas verbais atribuídas a esse pronome (*tomáis, coméis, viváis*, usos correspondentes ao *vos* reverencial/redução de *vosotros*, portanto) e descreveu ainda que escutava dos falantes algumas combinações como *vos sois, vos eres e tú*

---

<sup>9</sup> Destacamos o trabalho de Rivadeneira Valenzuela, Contreras Gutiérrez e Contreras Seitz (2018), que propõe um estudo de conteúdo epistolar, justamente visando preencher essa lacuna.

*eres* (Bello, 1940 *apud* Lipski, 2011, p. 224). No entanto, Torrejón (1986, p. 683) afirma que é mais provável que a forma *vos eres* seja um “exagero do professor”, posto que soou muito estranha para os nativos chilenos aos quais mostrou durante sua experiência. Ainda em suas *Advertencias*, Bello aponta que a “ínfima plebe” usava a terminação *-ís* para o indicativo da segunda conjugação (-er) e para o subjuntivo da primeira (-ar).

Foi durante este século que a aprovação social do *voseo* teve uma queda significativa; muitos autores atribuem essa mudança à opinião negativa expressada por Andrés Bello sobre tal uso, ecoada e reforçada pelas escolas desse período. Isso resultou em um cenário em que a população considerada culta não empregava o *voseo*, tampouco suas formas verbais correspondentes (Kany, 1994, p. 92) e seu uso, associado principalmente às camadas sociais menos letradas, passou a ser considerado vulgar e rústico (Moreno de Alba, 2001, p. 178-179).

Devido ao status do *voseo* como característico desses grupos sociais e à ausência de uma aceitação oficial, há, hoje, diversas combinações híbridas resultantes de hipercorreção e da mistura dos paradigmas do *tuteo* e do *voseo* (Lipsky, 2011, p. 225). A esse respeito, Echeverría e Reyes (1994) pontuam que

*También aquí ciertas gentes iletradas, en un esfuerzo por evitar lo que han oído que constituye una incongruencia gramatical, usan el tú + una forma verbal de segunda persona del plural: tú tomáis; o el vos + una forma verbal de segunda persona del singular: vos tomas. (Echeverría e Reyes apud Kany, 1994, p. 96)*

Outros usos resultantes dessa hipercorreção são as formas *tuz* e *tiz*, verificadas no campo e usadas tanto como sujeito quanto como uma forma preposicional: *tuz*, *a tuz*, *de tuz*, *con tuz etc.* Tais formas também podem ser grafadas com um *s* em vez de *z* e a pronúncia dessa consoante final se dá de maneira levemente aspirada. A forma *tuz* parece formar-se por analogia ao pronome *vos* e a forma *tis* também é verificada em outros países, como na Colômbia (Kany, 1994, p. 98).

Além dessas formas excepcionais mencionadas, o *voseo* chileno tem, de modo geral, as seguintes conjugações (Bieritz, 1982, p. 75):

- Presente de indicativo: *hablái(s) / comí(s) / escribí(s)*
- Imperfecto indicativo: *hablabai(s) / comíai(s) / escribíai(s)*
- Pretérito indefinido: *hablastei(s) / comistei(s) / escribistei(s)*
- Presente del subjuntivo: *hablí(s) / comái(s) / escribái(s)*
- Imperfecto del subjuntivo: *hablarai(s) / comierai(s) / escribierai(s)*
- Imperativo: *hablá/comé/escribí* (usado apenas na fronteira com a Argentina)

Ao descrever o sistema do uso de *vos* no Chile, Charles Kany (1994, p. 93) descreve a existência de um futuro que teria formas como *tomarís/comerís/vivirís*. No entanto, Bieritz (1982, p. 75) pontua que tais formas não são verificadas mesmo na fala de moradores de regiões mais afastadas e diz que é importante ter em conta que a primeira edição da obra desse autor data de 1945. No mais, o uso de futuro que de fato se verifica é a forma perifrástica, como em “¿Cuándo vais a dejarte de fregar?”.

Tais formas verbais são usadas em equivalência funcional ao emprego de *tú* pelas classes mais altas, expressando, portanto, solidariedade e familiaridade e constituem o chamado *voseo auténtico*, que consiste em empregar o pronome arcaico *vos* com as formas verbais derivadas da segunda pessoa do plural (*vosotros*). O *vos* é também usado com preposições (*para vos, de vos*), porém não o é para as funções de OD/OI (se usa o pronome *te*) tampouco para expressar posse (se usam as formas *tu/tuyo*), resultando em usos como *vos te quedáis/quedás/quedái* ou *a vos te hablo* (Torrejón, 1986, p. 678).

Já o *voseo mixto*, por outro lado, se divide em dois tipos. Primeiro, temos o *voseo mixto pronominal*, que consiste em empregar o pronome *vos* combinado a uma forma verbal conjugada na segunda pessoa do singular (*tú*), gerando usos como *vos andas, vos comes, vos te quedas*. O outro tipo de *voseo mixto* é o verbal, que consiste em empregar as formas verbais derivadas da segunda pessoa do plural junto ao pronome *tú*, ou em usar as formas *te/ti/tu/tuyo*, como em *tú te quedáis/quedás/quedái*. Uma particularidade do *voseo mixto* chileno é que este vem sendo amplamente utilizado pelos falantes cultos e semicultos jovens, segundo explica Torrejón:

*A medida que las barreras se oponían a este uso han ido desapareciendo, ya porque los que las sustentaban han fallecido o perdido su carácter de guías, ya porque la escuela ha adoptado una actitud más complaciente, debida principalmente al desprestigio en que ha caído la preceptiva tradicional, se ha visto una gradual generalización de este tipo de voseo. Esta tendencia parece que se mantendrá, y es muy probable que en algún momento el voseo mixto verbal se imponga como la norma universal de tratamiento de los chilenos cultos en situaciones informales y familiares. Entonces el tuteo seguramente se quedará relegado a la norma literaria y tal vez se acentúe el carácter pedante que ya le empiezan a asignar los jóvenes cultos.* (Torrejón, 1986, p. 682)

Quanto ao *voseo auténtico*, o autor explica que, uma vez que seu uso é tão estigmatizado e visto como uma forma muito vulgar ou como um argentinismo, é mais provável que seu uso diminua ou se reserve às áreas mais afastadas dos centros urbanos. Os habitantes dessas regiões que se integrem às comunidades mais urbanizadas possivelmente adotarão também o *voseo mixto* verbal, já que soará mais familiar que o *tuteo*.

Por fim, outro uso diferente e interessante encontrado no sistema pronominal chileno é o emprego do pronome *usted* com valor familiar e afetivo, verificado em duas instâncias: entre parceiros em um casamento e desde um pai/mãe a seu filho. Nesse último caso, é interessante ressaltar que apenas se encaixa nesse uso o emprego de *usted* como demonstração de carinho. Em contextos como de repreensão da parte dos pais aos filhos, esse emprego de *usted* expressaria um distanciamento e não se encaixaria no fenômeno aqui descrito (Bieritz, 1982, p. 73-74).

## 2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo traz as delimitações e escolhas feitas para a análise do material compilado durante a pesquisa. A estruturação deste capítulo segue àquela feita por Polachini (2013) em seu trabalho, ordenando as informações dentro de um modelo de historiografia metodologicamente consciente (Koerner, 1999). Dentro desse modelo, busca-se apresentar o passado de duas formas simultâneas, como uma parte integral da linguística e como uma atividade com princípios bem definidos e que obrigatoriamente se explicitam a cada investigação.

A opção por adotar o modelo de exposição proposto por Polachini (2013) se deu devido à proximidade temática dos dois trabalhos. Nossa pesquisa, tal como a da autora, versa sobre o tratamento de tópicos específicos dentro de manuais de gramática de séculos anteriores, o que, a nosso ver, justifica a adoção de seu método de apresentação dos dados em nossa pesquisa.

Deste modo, a exposição dos princípios levados em conta para o desenvolvimento desse trabalho segue o mesmo itinerário proposto pela autora supracitada, em sua obra: iniciamos com as escolhas mais amplas, como a delimitação do tema e o estabelecimento de uma periodização inicial e seguimos em direção às mais específicas, que dizem respeito aos critérios e procedimentos de análise.

### 2.1. Cobertura

A *cobertura* é um dos parâmetros que, segundo Swiggers (Swiggers, 2009, p. 70), devem ser considerados pelo historiador da linguagem ao desenvolver seu trabalho. Esse parâmetro envolve a delimitação de qual período, qual campo geográfico e qual temática compõem o objeto analisado. Além disso, está correlacionado ao tipo de documentação estudada e quanto dela se encontra acessível, ao poder explicativo da hipótese do historiador e ao tipo de pesquisa interdisciplinar proposta.

Nesta seção, apresentamos os recortes feitos para realização deste trabalho, junto à justificativa e os critérios empregados para sua delimitação. A saber, estão definidos de maneira mais clara o tema de pesquisa, a periodização e os agentes (autores), tendo sido estes últimos definidos a partir dos critérios definidos durante a delimitação dos dois aspectos anteriores.

### 2.1.1. Tema

A escolha do tema das formas de tratamento em gramáticas pedagógicas chilenas e argentinas do século XIX se deu levando em conta a importância do século XIX para a história do pensamento gramatical de língua espanhola e para o processo evolutivo do sistema pronominal de cortesia/familiaridade desse idioma. Buscamos verificar como alguns usos recém consolidados e/ou estigmatizados (a saber: os pronomes *vos* e *usted*) foram percebidos e tratados em quatro gramáticas publicadas ao final do século, além de observar se certos elementos externos poderiam influenciar nesse tratamento, como o ambiente de circulação (escolar), e o formato da obra (compêndio), por exemplo.

Quanto aos subtemas selecionados para esta pesquisa, são estes:

- 1) Dos prólogos, prefácios e introduções das gramáticas
  - a) Os termos ‘gramática’ e ‘norma’
  - b) Indicações das fontes e autores utilizados para a redação das gramáticas
- 2) Das seções dedicadas ao pronome
  - a) Definições gerais de ‘pronome’
  - b) Os termos ‘pronome de tratamento’, ‘tratamento’, ‘cortesia’ ou ‘familiaridade’
  - c) Avaliações sobre o emprego de *vos* com valor familiar
  - d) Descrições dos contextos de uso de *usted(es)*
  - e) Exemplos de emprego de *usted(es)*

### 2.1.2. Periodização

De acordo com Batista (2020, p. 41), uma das funções da Historiografia Linguística é interpretar saberes sobre a linguagem tanto em sua dimensão interna (isto é, o que os documentos históricos dizem) quanto na externa (o contexto histórico em que se legitimam esses documentos como parte de um processo científico/intelectual). Desse modo, pode-se dizer que a delimitação do recorte temporal desse trabalho deu-se por fatores majoritariamente externos, apresentados nos parágrafos seguintes. A dimensão interna, neste caso, foi delimitada por nossa pergunta de pesquisa: o que se escrevia nas gramáticas escolares sobre os pronomes de tratamento durante o fim do século XIX?

Em estudos previamente desenvolvidos (Freitas e Araujo, 2024), foi observado que muitas gramáticas do século XVIII ainda não mencionavam o pronome *usted* ou alguma de suas formas anteriores, tampouco trazem à luz a discussão sobre o uso de *vos* com valor de familiaridade. Ambas as formas já eram verificadas na fala, tanto na Espanha quanto na América Hispânica durante esse período, porém tiveram suas formas e contextos de uso mais bem documentados ao longo do século XIX, após sucessivas mudanças observadas desde o século XVII (Penny, 2014, p. 164).

Sabe-se que há uma distância temporal entre o momento em que o uso de uma determinada forma se consolida e aquele em que essa forma é documentada em manuais de gramática. Inclusive, também se entende que nem toda forma inovadora passa por esse momento de documentação nos manuais (por exemplo, aquelas que são avaliadas de forma negativa pelos falantes, por mais que sejam amplamente usadas). Segundo explica Auroux (2014), sobre a importância do recorte para o registro em manuais de gramática:

Que o saber empírico elementar possa se conservar e acumular é a condição de possibilidade da própria gramatização: de um lado, este é um processo que se persegue a (muito) longo prazo, de outro, a gramatização das línguas do mundo não teria nenhuma chance de ser finalizada um dia se fosse necessário fazer tábua rasa em cada mudança de moda ou teoria (Auroux, 2014, p. 83)

Ainda que a gramatização resulte de um esforço de documentar os usos de uma língua, isso não significa fazê-lo sem alguma espécie de filtro ou controle, como uma transcrição imediata a cada nova frase proferida pelos falantes. Isso não se deve apenas aos recortes feitos com intuito prescritivo; mesmo gramáticas mais recentes, que tenham finalidade de compilar e sistematizar outros usos não prestigiados também lançam mão de recortes para que esse labor seja viável. Há uma limitação não só do meio (físico ou digital, há um limite de quanta informação cabe em uma página) mas também dos esforços empregados na redação de um manual de gramática. De certo modo, o próprio gênero *texto gramatical* implica a seleção de uma variedade da língua e a deslegitimação de tantas outras (Araújo, 2020, 2022, 2024).

Por outro lado, o recorte de priorizar usos prestigiados é sim bastante frequente e é aquele em que a gramatização geralmente se apoia (Auroux, 2014, p. 69), principalmente no século XIX. Mais ainda, nesse recorte temporal, a documentação de formas não prestigiadas seria feita apenas dentro de contextos específicos, como é o caso da tendência dos dicionários de provincialismos. Se não é um uso prestigiado, não é considerado castelhano *correto* e, logo, não entraria em uma gramática<sup>10</sup>. Tal critério é ainda mais claro quando tratamos de gramáticas

---

<sup>10</sup> A não ser, é claro, em seções como aquelas de ‘Vícios de dicção’ ou ‘Vícios de linguagem’.

pedagógicas, manuais feitos a partir de gramáticas consideradas de referência, com o intuito expresso de alfabetizar e ensinar aos alunos o “bem falar”.

Assim, delimitou-se como critério temporal de seleção de gramáticas o período entre os anos 1880 e 1900, as duas últimas décadas do século XIX. As obras analisadas deveriam, portanto, ter sido publicadas por primeira vez dentro desse período para serem elegíveis para nosso *corpus*.

### 2.1.3. Contexto geográfico e social

Um aspecto que não diz respeito às formas de tratamento especificamente, porém que também norteou a decisão de analisar gramáticas das últimas duas décadas do século XIX é o fato de que, durante esse período, intensificam-se os debates e movimentos políticos de valorização da identidade nacional. É nesse século que os territórios colonizados pela Espanha conquistam sua independência. Devido a esse cenário político, o tópico da identidade nacional recém-formada também alcança as discussões sobre linguagem.

Segundo Chávez Fajardo (2022, p. 28), o século XIX vê o surgimento de dicionários de provincialismos, com o objetivo de compilar o léxico próprio de uma região, um país ou mesmo uma área supranacional, como uma espécie de apêndice do dicionário da Real Academia Espanhola. Há também a proposta de uma ortografia chilena (Bargalló Escrivá, 2021), mais bem explicada nas seções seguintes, que propunha uma série de mudanças à ortografia da língua espanhola para aproximá-la à fala.

Assim como na gramatização, esses eventos não podem ser vistos como totalmente descritivistas. A principal discussão durante a produção dos manuais de *chilenismos* era, justamente, como delimitar o que era um uso válido e característico daquele povo e, por outro lado, o que era inadequado ou inculto. Mais ainda, os mesmos usos documentados nesses dicionários de provincialismos não necessariamente eram registrados por serem socialmente aceitos. Nas palavras de Chávez Fajardo:

*[...] los diccionarios de provincialismos, lejos de cuestionar la posición dominante de ese español estandarizado, **más bien adoptan una actitud servil frente a la variante prestigiosa.** Justamente, parte de la historia lexicográfica hispanoamericana, hasta entrado el siglo XX, se ha caracterizado por su carácter purista, prescriptivo y por una normatividad que se centra en el ideal de lengua hablado en el centro-norte de España. Desde este enfoque, el tratamiento de la variación diatópica en Hispanoamérica consistía en depurar un estado de lengua contaminado por una serie de incorrecciones que atentaban contra la unidad idiomática.* (Chávez Fajardo, 2022, p. 28, grifo nosso)

Percebe-se, portanto, um cenário que flutuava entre a incorporação de usos até então não presentes nos manuais de língua espanhola (dado que o referencial era exclusivamente a

variedade peninsular) e a condenação de formas inovadoras, também verificadas no comportamento linguístico dos hispanofalantes americanos. O sistema de pronomes de tratamento, nesse momento já mais fortemente consolidado no uso, seria um bom candidato para ser incorporado nos manuais como exemplo de provincialismo a ser corrigido.

Desse modo, a escolha de analisar gramáticas de língua espanhola do fim do século XIX, mesmo sabendo que o sistema de pronomes de tratamento consolidou-se ao longo do século anterior justifica-se por: 1) aumentar as chances de encontrar registros sobre os contextos de uso de *usted* e do uso familiar de *vos*, com as conjugações próprias de cada região e 2) acompanhar a influência do contexto político e linguístico da publicação dessas obras no que é dito (ou não) a respeito dessas formas. A observação da gramatização da língua espanhola nesse intervalo de tempo revelaria, portanto, como algumas formas de tratamento foram pouco a pouco sendo acolhidas pelas comunidades investigadas. Em particular, ressaltando a dificuldade em acolher uma forma considerada mais inovadora.

#### **2.1.4. Agentes**

Os agentes escolhidos foram quatro autores, um para cada obra selecionada para compor o corpus. São eles: Francisca Soler de Martínez e Ricardo Monner Sans, autores das gramáticas argentinas; e Hersilia Larenas de Herrera e Carlos Contreras Puebla, autores das gramáticas chilenas.

Chegamos a este grupo específico de autores de maneira mais arbitrária, isto é, por mais que posteriormente tenhamos visto que Monner Sans foi uma figura muito importante para o ensino do castelhano na Argentina, a variável ‘prestígio’ não foi um critério de seleção de autores. Na verdade, nenhuma das obras foram escolhidas por seus autores, ainda que seja um filtro interessante para se utilizar. Dois fatores que de fato foram critério de seleção são a data/lugar de publicação e a disponibilidade na íntegra, *on-line*. Também nos atentamos para que houvesse autoria feminina nos manuais dos dois países, visando a uma distribuição igualitária de gênero dentro dessa categoria e a contribuição para o conhecimento das ideias linguísticas presentes em obras femininas produzidas no século XIX, quase sempre desconsideradas no cânone.

Durante o processo de compilação, buscou-se parceria com universidades chilenas e argentinas para ter acesso às gramáticas analisadas. As gramáticas argentinas aqui analisadas foram disponibilizadas pelos professores da UBA (Universidad de Buenos Aires) e foram selecionadas da Biblioteca de Gramáticas Escolares Argentinas (BIGEA), uma base de dados

com obras publicadas durante os séculos XIX e XX (García Folgado, Lidgett e Toscano y García, 2020). As gramáticas chilenas, por sua vez, vieram pelo projeto Hispanagrama, da UCO (Universidad de Córdoba).

Abaixo, enumeram-se as gramáticas escolhidas; as duas primeiras, de autoria chilena e as demais, de autoria argentina:

- *Lecciones de lengua nacional arregladas al programa oficial para las escuelas comunes* (1887) - Francisca S. de Martínez
- *Gramática de la lengua castellana: ampliación sintáctica* - Ricardo Monner Sans (1893)
- *Compendio de gramática castellana para el uso de las escuelas i colegios de la republica* (1881) – Hersilia Larenas de Herrera<sup>11</sup>;
- *Elementos de gramática castellana* (1895) – Carlos Contreras Puebla;

A seguir, apresentamos algumas informações relevantes (quando disponíveis a nosso acesso) sobre os autores acima mencionados.

#### **2.1.4.1. Francisca Soler de Martínez (1849-1921)**

Francisca Soler de Martínez (1849-1921) foi uma professora espanhola, nascida em Barcelona, porém que passou a maior parte de sua vida em terras americanas. Inicialmente, mudou-se para Cuba com sua família e aí passou grande parte de sua juventude, até que, após o falecimento de seu pai, voltou a Barcelona. Nesse momento, Soler de Martínez se matricula na *Escuela Normal*, onde recebe o título de professora, com um complemento em sua habilitação que a permite dar aulas em cidades com mais de vinte mil habitantes (Suárez Sandomingo, 2011, p. 157).

Seu retorno à América se dá em 1874, quando chega à cidade de Concepción, convocada pelo governo argentino a dirigir sua *Escuela Normal* para mulheres, devido à renúncia de Clementina Comte. No entanto, como esta posteriormente decidiu retornar a seu cargo, foi criada outra escola pública para meninas, para que Soler de Martínez pudesse exercer o mesmo cargo.

Posteriormente, assumiu o cargo de professora de trabalhos<sup>12</sup> na *Escuela Superior Graduada* e representou essa mesma instituição na Exposición Nacional de 1882, em Buenos

---

<sup>11</sup>Em um estágio já avançado da pesquisa, encontramos a informação de que a primeira edição da gramática de Larenas de Herrera foi publicada, na verdade, na década de 1870 (Zamorano Aguilar, 2023, p. 165).

<sup>12</sup> No texto original, o cargo aparece como ‘*maestra de labores*’.

Aires, recebendo prêmios por suas produções. A autora da gramática aqui analisada ainda fundou duas escolas e lecionou diversas disciplinas até sua aposentadoria em 1910. Também publicou treze livros didáticos, sendo um deles o *Lecciones de Lengua Nacional*, além dos que tratavam de outros tópicos, como Botânica, Geologia, Zoologia e Higiene. (Suárez Sandomingo, 2011, p. 158)

#### **2.1.4.2. Ricardo Monner Sans (1853-1927)**

Ricardo Monner Sans (1853-1927) foi um filólogo, jornalista, escritor e professor, que nasceu em Barcelona e se mudou para a Argentina em 1889. Exerceu o ofício de professor durante a maior parte de sua vida, ministrando as disciplinas de Castelhana e Literatura do Colegio Nacional de Buenos Aires. Monner Sans publicou centenas de textos e muitos estavam relacionados à língua espanhola. A gramática aqui analisada fazia parte de uma série de três livros, dedicados ao primeiro, segundo e terceiro ano de formação no estudo da língua espanhola, todos publicados em 1893. Além destes livros, também se destacam: ‘*Notas al castellano de Argentina*’ (1924), ‘*De gramática y de lenguaje*’ (1915), ‘*Disparates usuales en la conversación diaria*’ (1923) e ‘*Barbaridades que se nos escapan al hablar*’ (1924).

Como se nota pelo título das obras mencionadas e se confirma pelos relatos biográficos que se encontram disponíveis (Modern, 2003), Monner Sans tinha grande interesse em defender a “pureza” da língua castelhana, chegando a declarar, durante uma conferência em 1917, que passados trinta anos de sua vivência em terras argentinas, catalogou todas as ‘incorrekções’ que percebeu no falar dos argentinos e que lia e relia clássicos da literatura espanhola de modo que as ‘impecáveis formas dos mais puros falantes’ penetrassem em seu cérebro. Por outro lado, ainda segundo Modern (2003), Monner Sans também reconhecia que não se deve esperar que os idiomas não mudem, e que o arcaísmo e o neologismo são fenômenos orgânicos de toda língua viva.

#### **2.1.4.3. Hersilia Larenas de Herrera e Carlos Contreras Puebla**

Não foram encontradas muitas informações sobre a vida pessoal de Hersilia Larenas de Herrera. Sabe-se que ela foi uma professora cuja produção de materiais didáticos foi notória e mencionada em diversos textos, tanto dentre os que tratam da produção feminina na Espanha e na América, quanto dentre os textos históricos em geral (Zamorano Aguilar, 2023, p. 164).

No que diz respeito ao último autor, Carlos Contreras Puebla, não foi possível encontrar nenhuma informação referente à sua biografia, tampouco trabalhos que versassem sobre sua obra. Ressaltamos que toda a pesquisa foi feita com base em documentos que

estivessem disponíveis on-line e, portanto, essa restrição metodológica pode ter influência nesse resultado. É possível que, em contato com acervos próprios do Chile, sejam encontradas mais informações.

## 2.2. Procedimentos e critérios de análise

Quanto à estrutura de investigação proposta pela Historiografia da Linguística, Swiggers (2013) explica que o trabalho historiográfico deve conter três fases: primeiramente, uma fase *heurística*, em que se busca informar sobre as fontes – neste caso, as gramáticas – e sua disponibilidade, tomando nota dos pontos de vista e da terminologia adotada, contextualizando as ideias e os termos utilizados. Essa fase é sucedida pela fase *hermenêutica*, que é uma etapa de interpretação do conteúdo cotejado. Ademais, segundo o autor, a interpretação implica em uma comparação, devido a que frequentemente será necessário relacionar conceitos, autores e modelos. Finalmente, a terceira fase é chamada *executiva* e diz respeito ao momento de demonstração dos resultados da pesquisa. Em seguida, apresentamos como se deu cada uma dessas fases neste trabalho.

Para a fase *heurística*, foi feita uma busca pelas informações extratextuais básicas das obras, através do preenchimento de um formulário (Apêndice A), o mesmo utilizado pela equipe de acervo do museu digital MuGra<sup>13</sup>, que contém campos para preencher com dados básicos sobre o autor e sobre a obra, assim como também possui campos para a análise de seu conteúdo e para a busca de obras que tratem da gramática analisada.

A partir dessa etapa, como já se esperava, foram encontrados outros textos que conferem mais informações sobre as gramáticas analisadas e sua repercussão nos ambientes em que estiveram em circulação, ainda que não de maneira uniforme para todas as quatro obras: algumas, como a de Carlos Contreras Puebla (1895), tinham poucos textos que versavam sobre elas. Não se tratou, portanto, de um momento de análise tão aprofundada do conteúdo das gramáticas em questão, mas sim apenas voltou-se o olhar a ele para buscar informações como: noções de língua e norma propostas pelos autores, quais as classes de palavras identificadas, entre outros.

---

<sup>13</sup> MuGra - Web-Museu da Gramática é um projeto desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia, liderado pelo Prof. Dr. Leandro Silveira de Araujo (ILEEL/UFU). Seu produto é um *website* (<https://mugra.com.br/>) desenhado para funcionar como um museu digital, com exposições temporárias e permanentes, além de outros conteúdos relacionados à produção de gramáticas de língua espanhola, portuguesa e francesa, inicialmente. No momento, o acervo do MuGra conta com mais de cem gramáticas dos idiomas mencionados (Araujo *et al.*, 2024).

Posto que, na fase anterior, foram mapeados os capítulos e seções das gramáticas, a fase *hermenêutica* começa com a identificação daqueles que tratam diretamente das formas pronominais de tratamento. É comum que as gramáticas o façam mais de uma vez, primeiro apresentando os pronomes, normalmente no capítulo ou seção de Morfologia e, no de Sintaxe, estes são apresentados mais uma vez, agora para explicar seu uso. Em pesquisas anteriores, verificou-se que é nessa segunda parte que alguns autores detalham os contextos de uso de uma forma pronominal ou outra, como no caso da obra de Vicente de Salvá (Freitas, 2022, p. 22).

Uma vez analisadas as seções que descrevem o uso das formas de tratamento, avançamos para a fase *executiva*, onde foi feita uma comparação dos dados encontrados. Segundo Swiggers (2013), a fase executiva de pesquisa sofre a intervenção de três dimensões, como parâmetros fundamentais. A primeira é a dimensão do *formato de exposição*, onde determinamos se este será de forma *sequencial* (narrativa), *tópica* (com foco em um tema ou problemática) ou *combinatória* (que se centra entre o contexto e o conjunto de pontos de vista em certo ponto da história dos estudos linguísticos).

Nessa primeira dimensão, inicialmente se pensou que as formas sequencial e tópica seriam as ideais para sistematizar os dados encontrados. No entanto, ao final da pesquisa, encontramos a forma combinatória como sendo a que melhor se adequa aos dados encontrados. As datas de publicação das gramáticas não se mostraram tão fortemente relevantes para guiar nosso formato de exposição, tampouco poderíamos falar do registro de formas pronominais de tratamento de maneira isolada. Expusemos, portanto, como se verá nos capítulos sete e oito, as informações na forma combinatória, articulando o que se versava sobre as formas de tratamento nas duas últimas décadas do século XIX e o que foi de fato encontrado nos manuais.

Para isso, primeiramente, contrastamos as informações das gramáticas de um mesmo país, em seguida aquelas cuja publicação se deu na mesma década e, finalmente, comparam-se todas as quatro obras. Nessa etapa final, visamos encontrar padrões na descrição dos pronomes de tratamento e comparar o que foi ali descrito com o que se verifica em outros textos sobre o uso de tais formas no final do século XIX, tanto na Argentina quanto no Chile.

### **2.3. A teoria de camadas**

De modo a melhor separar as diferentes variáveis que interferem no processo de registro das formas de tratamento em manuais de gramática, nos valem da proposta de Swiggers (2004), que por sua vez foi adaptada da comparação desenvolvida por Peter Galison (1987, 1997). Galison comparava a ciência e sua história a um muro, o qual estava composto

por três camadas: a camada *experimental* (que inclui os experimentos desenvolvidos em laboratório), a camada *instrumental* (o equipamento técnico e sua evolução) e a camada *teórica*. Para Swiggers, a análise em Historiografia Linguística poderia ser comparada da mesma forma, porém a um muro com quatro camadas em vez de três. São elas: a camada *teórica*, a camada *técnica*, a camada *documental* e a camada *contextual/institucional*.

A camada *teórica* corresponderia à visão global da linguagem, à concepção das tarefas e do status da linguística, enquanto a camada *técnica* inclui as técnicas de análise (linguística e/ou gramatical) e os métodos de apresentação dos dados. A camada *documental* refere-se à documentação linguística e filológica em que se baseia o estudo (número de línguas, tipo de fontes e dados, por exemplo). Por fim, a camada *contextual/institucional* corresponde ao contexto cultural e institucional, sendo este último referente ao pensamento dominante sobre as práticas linguísticas.

Ainda segundo o autor, as mudanças verificadas ao longo da história da ciência podem tanto resultar de uma evolução que ocorre apenas em uma das camadas, enquanto as outras não apresentam alteração conceitual ou técnica, quanto de uma mudança que se produz em mais de uma camada ao mesmo tempo (Swiggers, 2004, p. 134). Nossa análise trabalha principalmente com as camadas *teórica* e *documental*, já que nossa ênfase está em compilar e analisar os fragmentos das gramáticas que versam sobre as formas de tratamento, de modo a ver como são classificadas e descritas. Por outro lado, passamos também, de maneira secundária, mas não menos importante, pela camada *contextual*, buscando relacionar as discussões correntes do fim do século XIX sobre língua e identidade nacional com aquilo que é dito (ou não) nos manuais analisados.

Por exemplo, se o autor de uma gramática documenta um uso como sendo ‘típico’ de argentinos, como o caso do *voseo*, poderíamos falar de uma mudança que ocorre em duas camadas ao mesmo tempo. Na *documental*, porque há uma alteração no que se registra sobre o emprego de *vos*, e na *contextual*, já que essa adição ao texto gramatical estaria influenciada por um contexto político e social em que se verifica uma valorização da identidade nacional. Logicamente, sabemos que o registro de um uso regional não se dá somente para preservá-lo ou como sinal de orgulho. Mais adiante, veremos o caso dos dicionários de provincialismos, que podem parecer um esforço para preservar o falar dos povos hispanofalantes da América, mas que estariam mais próximos de uma versão estendida do capítulo de ‘vícios de linguagem’.

### 3. CONTEXTO DE PRODUÇÃO E REFERÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Nesta seção, apresentamos as camadas contextual e teórica desta pesquisa. De modo a melhor analisar as informações contidas nas gramáticas que compilamos, trazemos informações referentes ao contexto histórico/político/cultural dos países discutidos (Argentina e Chile), bem como as discussões linguísticas e gramaticais que circulavam nesses países durante o século XIX.

#### 3.1. Camada contextual

Como vimos, dentro da teoria de camadas, a camada contextual diz respeito ao cenário social e cultural em que se publicaram os documentos analisados, ou que se deram os fenômenos linguísticos descritos por esses documentos. No caso de nossas gramáticas, olhar para a camada contextual é olhar para a sociedade oitocentista hispano-americana. O século XIX, na América Hispânica, é um período muito importante e foi marcado principalmente pelo processo de independência de sua metrópole, a Espanha. No entanto, não se tratou de um processo coeso e unificado, planejado e projetado desde o princípio. Houve diferentes grupos sociais e políticos, com diferentes interesses, atuando para que ocorresse (ou não) a separação e a mudança na forma de governo. Segundo Olmedo Beluche (2024, p. 21), a independência hispano-americana foi um processo político que se amadureceu com o tempo e não era um tópico sobre o que havia consenso: existiram classes sociais e partidos políticos com projetos distintos e que se confrontaram em guerras civis.

A própria construção da identidade nacional (e a delimitação das nações que hoje conhecemos) se deu apenas após a separação desses vice-reinados de sua antiga metrópole. Mais especificamente, trata-se de uma narrativa que surge para responder a uma necessidade de um mito fundador que explicasse e justificasse, de maneira heroica, os Estados nacionais que surgiam, controlados por oligarquias latifundiárias e comerciais vinculadas ao capitalismo mundial. Ainda segundo Beluche, para certos grupos sociais, como os *criollos*<sup>14</sup>, falar de independência era, assim como era na Espanha, falar da luta contra Napoleão e o domínio francês (2024, p. 22). Esses grupos dominantes não abraçavam os ideais iluministas, como podemos supor, mas sim tinham medo de que o tal lema “liberdade, igualdade e fraternidade” chegasse aos explorados da América, como os africanos e indígenas escravizados.

---

<sup>14</sup> Durante o período colonial no Chile (séculos XVI a XIX), chamavam-se *criollos* aqueles que eram nascidos no continente americano, porém que tinham ascendência europeia. Faziam parte da elite da sociedade, concentravam recursos, poder e prestígio e escravizavam a população indígena.

O grupo social que de fato se alinhava a essas ideias era um setor radical, que propunha desde cedo a ideia de abandonar o sistema monárquico. Esse grupo era composto por médicos, advogados, oficiais e alguns sacerdotes com formação cultural e lideraria o projeto de independência. É importante ressaltar, no entanto, que não se tratava de um grupo majoritário no começo, nem estiveram no controle desse processo, a não ser quando a reação da parcela monárquica exigiu que se respondesse com a mesma proporção. Alguns nomes importantes que fizeram parte desse grupo são Simón Bolívar, Miguel Hidalgo, Manuela Sáenz, Manuel Belgrano, José de San Martín, entre outros.

Beluche (2024, p. 24) separa quatro setores políticos quando se trata do período de guerra civil que culminou com a independência dos países hispano-americanos. Primeiro, os monárquicos absolutistas, contrários a qualquer mudança no sistema colonial. Em segundo lugar, os *criollos*, que tinham a expectativa de que a crise da monarquia espanhola lhes possibilitasse o ingresso em algum cargo no governo local e colonial, sem o rompimento com a monarquia. Terceiro, as classes médias ilustradas, que são o grupo anteriormente mencionado, responsável por confrontar os reacionários monárquicos e defender a independência e a república. Quarto e último, o povo, explorado, que tinha seus interesses sendo defendidos por um grupo ou outro sem que de fato se atendessem suas necessidades sociais.

O processo pós-revolução pode ser analisado através da metáfora do pêndulo, utilizada para analisar outras revoluções como a Francesa e a Russa. Na América, a independência passou por diversas fases, desde uma posição conservadora alinhada à monarquia até a ruptura total com o absolutismo e a instauração das repúblicas. Porém, no final desse processo, o pêndulo parece voltar à direita, ainda que em outro contexto, pois os setores conservadores e contrarrevolucionários da classe *criolla* voltaram a tomar o poder (Beluche, 2024, p. 24).

Ao optar por trabalhar com o final do século XIX (1880-1900), o que se vê são os resultados não dos movimentos de independência do começo de século, mas sim das revoluções liberais da metade desse mesmo século. É a resposta à situação acima descrita, em que os *criollos* tinham voltado a tomar o poder, que inclusive molda os Estados-nação que existem hoje na hispanoamérica. Se tomamos o vice-reinado do Rio da Prata como exemplo, havia propósitos distintos entre o interior e o porto de Buenos Aires, de onde só se surgiria o que hoje entendemos por Argentina na segunda metade do século XIX.

É importante ter essa informação em mente, uma vez que neste trabalho estamos relacionando diretamente os acontecimentos políticos às discussões sobre língua e uso. Sabendo dos conflitos que existiram desde a Independência até a publicação das obras aqui analisadas,

podemos observar, de forma mais acertada, que o panorama detrás de sua produção não é o de quase um século de fortalecimento de identidade nacional, de ‘orgulho de ser argentino/chileno’, mas sim que esse movimento de valorização da identidade nacional era relativamente recente. Além disso, há de se aproveitar a abordagem de que um fenômeno é mais complexo do que parece à hora de relacionar o nacionalismo ao registro de usos próprios de uma região, pois o cenário político é apenas uma das variáveis que influenciam no pensamento gramatical e linguístico de uma determinada época.

A seguir, apresentamos mais informações sobre o contexto político e linguístico dos dois países em que se publicaram as gramáticas por nós analisadas.

### **3.1.1. Argentina**

O período entre 1880 e 1916 é denominado, nos estudos sobre a história da Argentina, como a República Conservadora; os presidentes desse período compunham a chamada *Generación de los 80*, um grupo de escritores e intelectuais advindos de famílias de classe alta do país. Este grupo se alinhava ao positivismo e ao liberalismo, tendo uma visão otimista sobre o futuro e os possíveis avanços do país ao inserir-se em um mundo industrializado e capitalista. Segundo Gallo e Cortés Conde (1986, p. 56-57), durante o final da década de 1880 verifica-se uma diminuição significativa nos níveis de analfabetismo entre a população argentina, o que seria não só um efeito da prosperidade econômica experienciada nesse momento, mas também como resultado direto de uma política sistemática do governo para erradicação do analfabetismo no país.

Outro aspecto importante no que diz respeito à educação durante a República Conservadora é a sua busca pela laicização da educação argentina. De acordo com Tedesco (2020, p. 208), uma vez alcançada a liberdade de cultos a nível constitucional, os liberais tentaram eliminar a vigência do catolicismo nas escolas públicas. De fato, a lei 1420, promulgada em 1884, define a educação como sendo pública, gratuita e obrigatória. Além disso, também diz que esta deve ser laica e pressupõe que a disciplina antes obrigatória de Ensino Religioso poderia ser ofertada pelos ministros de culto aos alunos que quisessem cursá-la, fora do horário de aula. Na prática, isso significava que em muitos lugares o ambiente da escola era emprestado para que um sacerdote ministrasse o conteúdo de religião no contraturno (República Argentina, 2021).

Outra consequência da promulgação dessa lei foi a regulamentação e normalização da atividade dos professores, dos conteúdos educativos e do processo de aprendizagem,

incorporando outras normas que levavam em conta outros aspectos também importantes. Um exemplo são as normativas referentes ao uso de livros de leitura e texto nas escolas, expedidas nesse momento, bem como também o foram as normativas sobre a distribuição do tempo nas escolas e dos direitos e deveres dos professores. Formavam-se, agora, ‘professores normais’, algo que modificou as práticas educativas, uma vez que eram feitas reflexões sobre os processos de aprendizado e as técnicas de estudo, tanto no processo de formação profissional, quanto em Conferências Pedagógicas, livros, revistas etc. (Biblioteca Nacional de Maestros, s.d.)

A lei 1420, ao estabelecer a educação comum para todos os meninos e meninas, traz avanços muito significativos no que diz respeito à igualdade de gênero. Antes de sua implementação, o papel da mulher estava relegado ao espaço privado, à vida íntima da família e ao cuidado da família e da casa. As mulheres da elite social argentina, por outro lado, tinham acesso à educação e à cultura, porém esta era feita a partir de tutores que se deslocavam às suas casas, uma formação que tinha por finalidade formar melhores companheiras para os homens. Aquelas que não buscassem essa formação deveriam saber cozinhar, bordar, criar seus filhos, atender ao seu marido e ser sempre silenciosas e recatadas.

A partir da lei 1420, portanto, se abre à mulher argentina um leque de possibilidades. Segundo Josefina Ganuza, em uma entrevista dada à Secretaria de Cultura argentina, agora era possível

*“[...] estudiar, formarse, obtener un trabajo remunerado y reconocido socialmente, con la consecuente incidencia profesional en el espacio público que antes le era negado, y con su salario propio. No sólo el acceso a esta movilidad social hasta revolucionaria, sino también a su independencia del hombre, la decisión de casarse, tener hijos (no siempre propia sino impuesta) ahora está acompañada de la decisión de trabajar afuera de su casa, y no depender económicamente el varón que la tuviera a cargo. La promulgación de la ley genera una ruptura hasta en el tejido social, habilitando espacios antes negados.”* (República Argentina, 2021)

Esse enfoque dado ao aspecto profissional se reflete na formação proposta para as estudantes argentinas, como bem se observará durante a contextualização da primeira gramática argentina analisada neste trabalho. Sua autora, Francisca Soler de Martínez, chegou a lecionar uma disciplina de artesanato em uma Escola Normal<sup>15</sup>; a existência de tal tipo de disciplina pode ser exemplo da construção de um currículo que permitisse justamente as habilidades necessárias para que as alunas pudessem então produzir algo comercializável e ter seu próprio salário, como visto acima.

---

<sup>15</sup> As Escolas Normais argentinas surgiram de modo a responder a uma necessidade de formar professores para a escola primária em expansão, uma vez que antes este cargo era ocupado por pessoas que não possuíam capacitação especializada. Durante a década de 1880, o currículo dessas escolas continha diversas disciplinas, incluindo Linguística e Ciência Comparada da Linguagem (Tedesco, 2020, p. 229-233).

### 3.1.2. Chile

O panorama político do momento de redação das obras aqui analisadas é o de uma construção da república chilena. Segundo Zamorano Aguilar (2023, p. 167), em 1833 se promulga a Constituição Política, definindo as bases do estado em torno de uma classe social oligárquica que dominava o cenário econômico e comercial. Durante algumas décadas, houve uma alternância de poder entre conservadores e liberais até chegar ao período de transição, com o governo de José Joaquín Pérez (1861-1871), a que se chegam a governos de corte liberal. Nesse período, algumas mudanças importantes são produzidas, tanto no âmbito social quanto político: lei de imprensa, liberdade de ensino, liberdade de reunião ou voto universal masculino.

Quanto à educação e a gramática no Chile do século XIX, são criadas quatro instituições: o Instituto Nacional (1813), a Universidad de Chile (1842) (sendo Andrés Bello o primeiro reitor), as Escuelas Normales de Preceptores y Preceptoras (1842) e o Instituto Pedagógico (1889). No que diz respeito especificamente à educação da mulher, a segunda metade do século XIX foi marcada pela valorização da educação feminina, a conscientização da utilidade da mulher fora do lar e a profissionalização de seu ensino. O ensino de gramática ainda era, portanto, reservado à escola secundária e masculina, enquanto a educação feminina tinha um caráter fundamentalmente profissional e, com Miguel Luis Amunátegui no cargo de *Justicia, Culto e Instrucción Pública* (1876-1878), foi autorizado que as mulheres realizassem provas para obter títulos profissionais iguais aos que já eram concedidos aos homens. (González Jiménez, 2023, *apud* Zamorano Aguilar, 2023, p. 168).

### 3.1.3. A gramaticografia argentina

Durante o século XIX, verificam-se muitas mudanças no pensamento linguístico argentino, provocadas e/ou intensificadas pelos acontecimentos de cunho político e social da época. Referimo-nos ao movimento de independência durante a segunda década (1810-1816), à formação do Estado-nação argentino (1816-1880), bem como ao auge dos movimentos migratórios do final do século (Gallo e Cortés Conde, 1986, p. 165), que chegaria, inclusive, a motivar uma alteração no conteúdo programático do ensino de língua castelhana nas escolas públicas do país. É nesse século, também, que se publica o *Curso de Bellas Letras* (1845), de Vicente Fidel López, cujo objetivo era delimitar o funcionamento retórico da linguagem, de modo a formar as novas classes dirigentes do Estado (Arnoux, 2008).

Nesse momento, foi bastante frequente a publicação de compêndios de gramática, elaborados a partir de obras mais completas e que, na maior parte das vezes, baseavam-se na obra de Andrés Bello (1847) ou da Real Academia Española. Em suas análises, outros pesquisadores já observaram que, ao longo do século XIX, a gramática acadêmica termina por ser mais citada que a de Bello nesses compêndios (Lidgett, 2017).

Esteban Lidgett (2017) propõe uma periodização da história da gramática escolar na Argentina, tomando por base a noção defendida por García Folgado (2005) de que, para se falar de gramática escolar, é necessário que o façamos a partir de um sistema centralizado que permita pensar no conjunto de conteúdos que constituem o ensino de língua nacional. Portanto, sua cronologia tem por ponto de partida o ano de 1863, quando é criado o Colegio Nacional de Buenos Aires, e se divide em três etapas, apresentadas brevemente nos parágrafos seguintes.

A primeira etapa está delimitada entre 1863 e 1884 e abrange desde a organização dos colégios nacionais até a primeira reforma de orientação positivista. Durante essa fase, a educação secundária de língua materna possuía um caráter humanista e enciclopedista; paralelo ao ensino do castelhano, que tinha unidades dedicadas à gramática explicada, ortologia, prosódia e ortografia, também estava presente o estudo do latim, complementado por estudos de gramática comparada e exercícios de tradução oral e escrita dos principais autores latinos (García Merou, 1901). As influências desse momento são, primariamente, a gramática de Andrés Bello e o pensamento filosófico francês, posto que o texto traz, dentro da unidade dedicada à sintaxe, a análise lógica e o estudo das proposições.

A partir de 1884 e até 1891 desenvolve-se a segunda etapa do pensamento gramatical escolar argentino e tem por característica principal a influência do modelo positivista, que diminui a parte dedicada à formação clássica e acentua o ensino dos modelos gramaticais que tratassem da depuração dos chamados ‘vícios de linguagem’. Ainda que nesse momento o conteúdo gramatical continuasse sendo dividido em quatro partes, primeiramente analogia, sintaxe, prosódia e ortografia e, posteriormente, substituindo-se a prosódia pela ortologia, uma diferença está no fato de que essa mudança nas quatro partes trabalhadas resultou na remoção dos estudos de composição. Ademais, a partir de 1891, é ocasionalmente adicionada uma etapa final nos estudos de língua castelhana, com conteúdo de linguística e etimologia.

A nova concepção mais utilitarista de língua também tirou o protagonismo do modelo analítico de tradição francesa: posto que no fim do século XIX há um forte fluxo de imigrantes na Argentina, o objetivo das matérias de língua nacional passa a ser conferir-lhe ao cidadão uma cultura de língua destinada a estigmatizar os usos considerados afastados da norma culta

(Lidgett, 2017, p. 130). Desse modo, era comum que os programas de ensino de castelhano orientassem para um foco maior nos conteúdos de ortologia e ortografia, chegando a ter seções específicas que tratavam dos vícios de linguagem, apresentadas aos estudantes desde o primeiro ano de estudo da língua. Assim, devido ao enfoque normativo e à busca por homogeneizar a língua nacional, alguns usos como o *seseo*, *yeísmo* e o *voseo*, hoje considerados próprios da variedade rioplatense, apareciam como passíveis de reprovação e eram, inclusive, censurados.

A terceira fase, datada entre 1891 e 1936, permanece com o caráter prescritivista do ensino de gramática, porém traz de volta as matérias de composição, mantém a análise lógica da gramática geral e adiciona o conteúdo de linguística e etimologia, como mencionado anteriormente, com o argumento de articular a formação clássica à gramatical (Lidgett, 2017, p. 141). No mais, para além dos métodos introduzidos pela reforma de Garro<sup>16</sup>, esta fase esteve majoritariamente marcada pela consolidação das características consideradas particulares da gramática escolar argentina e que permaneceram assim até a reforma de 1936. No que diz respeito às gramáticas argentinas aqui analisadas, a de Soler de Martínez foi publicada durante a segunda fase (1887) e a de Monner Sans, no começo da terceira (1893).

### 3.1.4. A gramaticografia chilena

O cenário linguístico chileno do século XIX apresenta muitas similaridades quando comparado ao de seus vizinhos. Antes de apresentá-lo, no entanto, cabe uma breve contextualização de algumas datas importantes, como a independência desse país em 1818 e a fundação do Instituto Nacional cinco anos antes, uma instituição que servia o propósito de formar os dirigentes nacionais e o pequeno grupo de letrados que aí habitava (Bargalló Escrivá, 2021, p. 215). Nesse momento, há um interesse do governo recém-constituído de implementar políticas de educação pública, inscrevendo-se no ideário iluminista da educação como sinônimo de progresso (Chávez Fajardo, 2022, p. 169).

Ainda na primeira metade do século XIX é fundada a Universidade do Chile (1842) e publicada a Gramática de Andrés Bello (1847), que foi reitor dessa universidade até sua morte, em 1865. Já mais ao final do século, em 1879, é promulgada a *Ley sobre Instrucción Secundaria y Superior*, que definia os moldes a partir dos quais se deveria organizar o ensino nas escolas,

---

<sup>16</sup> Série de mudanças no campo da educação levadas a cabo pelo ministro Juan Garro a partir de 1910, visando renovar o ensino médio argentino. Dentre elas, encontram-se: a criação de uma nova *Dirección General de Enseñanza Secundaria*, a delimitação de novos requisitos para a designação do corpo docente (que até então não precisavam de diploma para lecionar) e a criação de um novo plano de estudos intitulado *Organización de la Enseñanza Secundaria General*, com diretrizes que se opunham ao caráter utilitarista da educação que havia sido imposto durante a segunda etapa (1884-1891) (Lidgett, 2017, p. 135).

instituindo uma estrutura de seis anos com diversos planos de estudo (Bargalló Escrivá, 2021, p. 217). Outro marco importante nesse período foi a criação do Instituto Pedagógico, em 1889. Essa instituição veio a profissionalizar a docência e fomentar a produção de conhecimento científico e humanista no Chile. Sete professores alemães foram encarregados da organização do instituto e da formação de futuros professores e, dentro desse grupo, se encontrava Rodolfo Lenz (1863-1938), filólogo muito importante para a história dos estudos de língua espanhola.

As ideias de Lenz sobre a língua eram muito diferentes do que até então se via como hegemônico no Chile e nos outros países hispanos, de modo que chegou a enfrentar resistência às suas ideias científicas e descritivistas e até se opôs a algumas questões apresentadas na gramática de Andrés Bello (Bargalló Escrivá, 2021, p. 218). Segundo Valencia Espinoza (1993), com respeito à formação de Rodolfo Lenz:

*En la personalidad intelectual del joven Lenz tenían integrado lugar todas las corrientes ideológicas en boga en el mundo académico alemán de la época: el comparativismo, el historicismo, el sicologismo de Wundt y las ideas pedagógicas de Herbart. En otras palabras, Lenz trajo a Chile las ideas imperantes en los estudios lingüísticos en la Alemania de fines del siglo XIX.* (Valencia Espinoza, 1993, p. 139).

Tais influências ideológicas explicam o fato de que Lenz entendia as línguas como fenômenos sociais, vivos e dinâmicos, sujeitas a uma espécie de “gramática universal”. Mais ainda, explicam o grande interesse do filólogo pelo cenário linguístico chileno, tanto pela realidade da língua espanhola aí falada, como também pela língua mapuche, que reunia todas as condições para seus interesses comparatistas e para apoiar o que postulava sobre gramática geral (Valencia Espinoza, 1993, p. 140).

Outro aspecto importante do ideário linguístico e gramatical chileno desse período foi a proposta da chamada ‘*ortografía chilena*’, proposta em 1844 (Bargalló Escrivá, 2021, p. 218). Andrés Bello foi um dos principais defensores dessa proposta, que objetivava delimitar normas que evitassem que um mesmo fonema fosse grafado com mais de uma letra. Tomemos o fonema /x/ como exemplo: a proposta da *ortografía chilena* era que este sempre fosse grafado como < j >, de modo que *gente* se escreveria como *jente* e *gitano* passaria a *jitano*. Outro exemplo é o caso do fonema /i/, que deveria ser sempre grafado como < i >, transformando *muy* em *mui* e *y* em *i*. Uma das gramáticas analisadas neste trabalho, de Hersilia Larenas de Herrera (1881), adota essa proposta de ortografia, como se vê nesse trecho do prólogo: “*De los verbos irregulares, solo indico las **jeneralidades** mas necesarias a los principiantes, i acompaño al mismo tiempo varias conjugaciones.*” (Larenas de Herrera, 1881, p. V, grifo nosso).

Como citado anteriormente, durante o século XIX havia também um forte movimento conservador dentro dos estudos de língua, motivado principalmente por um temor de que

acontecesse à língua espanhola o mesmo que havia acontecido com o latim vulgar nos primeiros séculos da Idade Média, passados os movimentos de independência. Era imaginado que, devido à distância geográfica e os próprios movimentos que buscavam a formação de uma identidade nacional, o castelhano também se fragmentaria, o que chegaria ao extremo de impedir a comunicação entre os países hispanofalantes (Chávez Fajardo, 2022, p. 138).

Assim, a produção de dicionários e gramáticas desse período, aqui incluída a gramática de Andrés Bello (1847), fez parte desse plano de standardização hispanoamericano. Mesmo trazendo divergências quanto ao que postulava a RAE e coexistindo com propostas mais descritivistas e até mesmo inovadoras (como a *ortografía chilena*, por exemplo), havia ainda um desejo pela unidade linguística e, em muitos casos, a reprovação de certos usos advindos de influência de outras línguas e/ou simplesmente próprios da população chilena.

### 3.2. Camada teórica

Dentre as camadas em que se divide o labor historiográfico, a camada *teórica* corresponde à visão global da linguagem, à concepção das tarefas e do status da linguística. Nela, observamos o pensamento linguístico vigente durante a redação das obras que compõem nosso *corpus*, a partir dos textos e autores referentes de dito período. Quando tratamos de materiais gramaticais pedagógicos, é comum que sua elaboração seja feita a partir de gramáticas mais complexas, tidas pelo autor como referência, cujo conteúdo é então simplificado e sistematizado de modo a melhor encaixar-se ao plano de ensino de língua proposto pelo país e/ou pela instituição de ensino.

No que diz respeito ao que era entendido como castelhano culto durante o século XIX, uma vez que se consolidou a independência política, a lealdade linguística foi sendo transferida gradativamente da norma peninsular a uma norma hispano-americana e, desta, a uma norma nacional associada às práticas linguísticas das classes cultas das capitais (Torrejón, 1989). Essa norma “de transição”, chamada de norma hispano-americana, ainda estava atravessada pela peninsular, em distintos graus a depender de qual gramática observemos.

À época de publicação das gramáticas analisadas, duas obras que serviam esse propósito são a gramática acadêmica (produzida pela RAE em 1771, em sua reedição de 1880) e a *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* (1847), do venezuelano Andrés Bello. Nos parágrafos seguintes, apresentam-se as duas obras para, em momento oportuno, refletir sobre a contribuição delas para as gramáticas analisadas neste trabalho. Em seguida, apresentamos brevemente alguns pontos sobre a gramática de Vicente de

Salvá (1830), também bastante importante para o século XIX, porém que não aparece citada pelas gramáticas de nosso *corpus*.

### 3.2.1.A GRAE de 1880

Segundo Gómez Asencio (2008, p. 37), o alto número de edições de gramáticas espanholas publicadas pela RAE entre sua fundação (1713) e 1931<sup>17</sup> (mais de 34 edições) parece indicar um grande trabalho dedicado à redação desse tipo de obra, o que não se verifica como sendo a realidade quando voltamos o olhar à análise das diferenças entre cada edição; ao fazê-lo, ainda que sejam mais de 34 as edições publicadas, pode-se categorizá-las em seis principais “modelos”: a primeira GRAE, de 1771, a edição de 1796, a de 1854, a de 1870, a de 1880 e, por fim, a edição de 1917.

Essas edições foram nomeadas como “modelos” por Gómez Asencio (2008), porque possuem mais diferença em seu conteúdo. As que apresentam poucas alterações em seu texto, são, portanto, submodelos. Dentro de cada submodelo, encontram-se as edições que são apenas republicações feitas em anos diferentes. Por exemplo, a GRAE de 1880, considerada um modelo, tem por submodelos as edições de 1883 (que foi replicada nas edições de entre 1885 e 1901), 1904 (replicada nas edições de 1906, 1908 e 1909) e 1911 (replicada nas edições de 1913 e 1916).

Desse modo, apenas nesse quinto modelo, temos uma estrutura geral de gramática replicada em novas edições por 37 anos (Gómez Asencio, 2008, p. 38)<sup>18</sup>. Tal frequência de reedições pode chamar a atenção por seu volume e, ainda que possamos argumentar que é esperado que não haja tamanha diferença entre uma edição e outra, devido à demora habitual de que uma nova palavra ou estrutura seja aceita e incorporada – primeiro ao repertório dos falantes e posteriormente aos manuais de língua – ainda mais em casos como edições em anos consecutivos, em muitos submodelos a mudança era apenas de contracapa (Gómez Asencio, 2008, p. 40), ou em detalhes como o nome da instituição.

Quanto a seu conteúdo, o modelo de GRAE publicado em 1880 é muito similar ao anterior, de 1870, dividido em quatro partes: *Analogía, Sintaxis, Prosodia y Ortografía*. As

---

<sup>17</sup> Gómez Asencio menciona essa data limite por ser, no momento de publicação do artigo, o último ano em que a instituição havia publicado uma nova gramática de língua espanhola. O *Esbozo*, publicado em 1973, ainda que viesse sendo usado pelo público como uma gramática, tecnicamente não se caracteriza como uma GRAE (Gramática da Real Academia Española), mas sim como prévia de uma, segundo a própria RAE.

<sup>18</sup> Chama a atenção também o modelo seguinte, de 1917, cuja estrutura geral foi replicada nas gramáticas acadêmicas por 89 anos, até 2006, período em que já estava em produção a GRAE mais recente, de 2010 (Gómez Asencio, 2008, p. 38).

alterações que diferem o modelo de 1880 do de 1870 são: (i) é removida a seção de “*Nociones preliminares*” e passa a haver uma seção inicial, chamada “*Introducción*”; (ii) entre 1880 e 1909 não se verifica uma seção similar a um prólogo ou advertência e (iii) em 1880 é adicionado um capítulo intitulado “*Vicios de dicción*”, vigente até 1931 e que permanece, implicitamente, por mais um tempo não especificado.

O capítulo V desse modelo da GRAE, na seção de Analogia, trata dos pronomes. Nele, destaca-se a inclusão de *vos* como alternativa a *vosotros/vosotras*, em todos os casos, com exceção do caso nominativo para *vosotras*, em que apenas a forma completa é aceita. Em uma das notas de rodapé, indica-se que o uso de *nos* com preposição já estaria defasado, mantendo-se apenas em orações: ‘*venga a nos el tu reino y ruega por nos, santa Madre de Dios*’ (Real Academia Española, 1880, p. 53). No entanto, *nos* ainda aparece como alternativa a *nosotros* em todos os casos, exceto no nominativo para *nosotras*.

No início da seção de Sintaxe, há dois parágrafos reservados à descrição do uso das formas *nos*, *vos* e *usted*, este já considerado um pronome. Sobre as formas *nos* e *vos*:

*La concordancia de los pronombres nos y vos ofrece las siguientes anomalías. Nos, sin embargo de ser plural por su naturaleza, suele juntarse con nombres del número singular cuando hablan de sí propias personas constituidas en dignidad; v. gr.: nos, D. Luis Belluga, por la gracia de Dios y de la Santa Sede Apostólica, Obispo de Cartagena. Vos, usado como tratamiento que se da a una persona, concuerda en singular con el género de ella, respecto del adjetivo que se le aplica, y, sin embargo, pide el verbo en plural; v. gr.: vos, D. Pablo, sois docto; vos, Clara, sois virtuosa. (Real Academia Española, 1880, p. 218)*

Assim, diferente do proposto por Bello (1947) e Salvá (1935), o uso de *vos* não aparece descrito como restrito a certos contextos, mas sim como sendo ainda usado de maneira deferencial, isto é, para demonstrar respeito e distanciamento do interlocutor.

A explicação referente a *usted* é similar à dos pronomes *nos* e *vos*: “*la misma particularidad, respecto del adjetivo, ofrece el pronombre usted, abreviación de las dos palabras vuestra merced; pues conforme nos dirigimos a hombre o mujer, decimos usted es generoso, usted es compasiva*” (Real Academia Española, 1880, p. 218). Observa-se que, a essa altura, o emprego de *usted* já estava suficientemente consolidado para não só ser contemplado em uma gramática acadêmica, mas também ser considerado um pronome. A única informação não mencionada são os contextos de uso desse pronome, talvez com a justificativa de que o objetivo do parágrafo é tratar das “anomalias” de concordância verificadas no emprego dos pronomes nele apresentados. Nesses parágrafos não se menciona o uso de *vos* com valor familiar (*voseo*), nem mesmo como um *vicio de dicción*.

### 3.2.2.A Gramática de Andrés Bello (1847)

É indiscutível a influência de Andrés Bello (1781-1865) para a história do Chile, tanto no campo político, quanto no domínio do pensamento linguístico e gramatical. Durante a década de 1840, houve uma forte discussão sobre o ideal de língua culta, o que corrigir e o que manter do comportamento linguístico dos chilenos. Essa discussão foi protagonizada por Bello e por Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), político argentino que, à época, residia no Chile.

A posição de Andrés Bello era de que a língua castelhana era uma herança cultural incomensurável que tinha sido deixada à América e que tinha tido seu auge durante o Século de Ouro, entrando posteriormente em um período de decadência. Trata-se de uma visão que ecoa o que também se verificava nas produções da RAE: *“la Gramática de la Academia, hasta las ediciones de 1931 y 1962, inclusive, está fuertemente influida por la lengua literaria del Siglo de Oro; se puede hablar, incluso, de una fijación en esta época”* (Fríes, 1989).

Na visão do pensador venezuelano, o espanhol deveria ter uma norma única que pudesse ser o vínculo entre todos os hispanofalantes. Permitir neologismos e estrangeirismos seria deixar que esse vínculo se perdesse e que o idioma caminhasse a um estado de caos generalizado, remetendo ao medo de que houvesse uma fragmentação, igual à que ocorreu com o latim e resultou nas línguas neolatinas. Por isso, suas obras e todos os seus esforços visavam a elevação do nível cultural dos falantes e a correção dos hábitos linguísticos que julgava ser inadequados. Segundo Torrejón (1989), Bello:

*[...] inculcó sus ideas al numeroso grupo de discípulos que concurrían a cursar estudios en el Colegio de Santiago y en su casa, expuso sus pensamientos sobre la corrección lingüística en varios artículos periodísticos, publicó obras literarias originales, adaptaciones y traducciones escritas en un estilo impecable que debía servir de modelo a los noveles escritores locales, amonestó a su auditorio desde la cátedra y culminó su tarea con el monumental compendio de sus ideas que es – además de su Código Civil – su Gramática de la lengua castellana dedicada al uso de los americanos* (Torrejón, 1989, p. 542)

Em 1847 é publicada em Santiago a primeira edição da *‘Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos’*, uma obra que, junto à gramática de Vicente de Salvá, publicada alguns anos antes, é um marco dentro dos estudos de língua espanhola e continua sendo citada até os dias atuais. Além da repercussão e nível de importância, as duas gramáticas também coincidem no fato de que ambas têm um caráter descritivo; a gramática de Bello inclusive define gramática da seguinte maneira: *“la gramática de una lengua es el arte*

*de hablarla correctamente, esto es, conforme al buen uso, que es el de la gente educada*” (Bello, 1847, p. 13) e defende que é preferível tomar esse uso como referência porque seria mais uniforme entre as várias províncias e cidades que falam a mesma língua.

É, sim, um avanço em teoria, em direção à adoção de referentes contemporâneos para balizar a definição das boas práticas linguísticas. Também é melhor que o caminho tomado pela RAE, de usar obras daqueles considerados os melhores escritores. No entanto, esse viés um pouco mais descritivo não nos pode levar a saltar para a conclusão de que sua obra é tão receptiva a inovações como as que atualmente definimos como *descriptivas*, pelo contrário. Bello defendia que, apesar de ter uma postura mais aberta do que outros gramáticos ou mesmo do que a própria RAE, ainda era importante respeitar as ‘regras’ do castelhano, isto é, acomodar as novidades necessárias sem perder a pureza e a unidade da língua. Em suas palavras:

*Yo no abogaré jamás por un purismo exagerado que condena todo lo nuevo en materia de idioma [...]; creo, por el contrario, que la multitud de ideas nuevas que pasan diariamente del comercio literario a la circulación general, exige voces nuevas que las representen [...]. Pero se puede ensanchar el lenguaje, se puede enriquecerlo, se puede acomodarlo a todas las exigencias de la sociedad, y aun a las de moda, que ejerce un imperio incontestable sobre la literatura, sin adulterarlo, sin viciar sus construcciones, sin hacer violencia a su genio (Bello apud Amunátegui, 1882, p. 493).*

Deste modo, temos uma postura inovadora no que diz respeito a voltar o olhar às práticas dos americanos e de uma (pequena) abertura às formas inovadoras, mas que ainda tinha um viés geral bastante conservador, observado inclusive por figuras contemporâneas, como a de Sarmiento. Esse viés se mostrava principalmente frente a aspectos dialetais e à adoção de expressões e palavras estrangeiras.

Algumas características do falar hispano-americano, hoje aceitas, mas que eram condenadas pelo gramático venezuelano, eram o *yeísmo*<sup>19</sup>, o *seseo*<sup>20</sup>, a pronúncia do x como [h] em palavras como *texto* [téh-to] e *explicar* [ex-pli-kár] e, é claro, o *voseo* familiar próprio dos chilenos.

O capítulo XIII dessa gramática trata da descrição dos pronomes, definidos por Andrés Bello (1847) como nomes que significam primeira, segunda ou terceira pessoa, seja por

---

<sup>19</sup> Desaparecimento da diferença fonológica entre a consoante lateral palatal /k/ e a fricativa palatal sonora /j/, de maneira que palavras como *callado* [ka 'ka ðo] e *cayado* [ka 'ja ðo] sejam pronunciadas da mesma maneira (Real Academia Española, 2025).

<sup>20</sup> Substituição do fonema /θ/ por /s/ ao pronunciar palavras com sílabas grafadas com ‘z’ ou que contém as sílabas ‘ce’ e ‘ci’. Deste modo, a palavra *cereza*, por exemplo, deixa de ser pronunciada como [θe 're θa] e passa a ser pronunciada como [se 're sa].

expressar essa ideia, ou por associá-la a outra. Não há seção específica para as formas de tratamento, porém, tal tipo de uso se encontra descrito entre as explicações do uso do sistema pronominal castelhano. O sistema de pronomes pessoais é descrito contendo as formas *yo/nosotros(as)* para a primeira pessoa e *tú/vosotros(as)* para a segunda (Bello, 1847, p. 58).

A primeira menção a uma variação por reverência é a descrição do uso da forma ‘*nos*’, empregada, nesse momento, em lugar de *yo/nosotros* no caso de instituições de autoridade. Tal uso era verificado mesmo em situações em que o autor não se tratava, literalmente, de um grupo de falantes: “*Nos, el Arzobispo, mandamos*”. Bello chama esse uso de “plural fictício” e inclui o *vos* reverencial como um caso do emprego dessa construção:

*Hai en la segunda persona pluralidad ficticia cuando se dice vos por tú, representándose como multiplicado el individuo en señal de cortesía o respeto; pero ahora no se usa este vos sino cuando se habla a Dios o a los Santos, o en ciertas piezas oficiales, donde lo pide la lei o la costumbre. Vos por vosotros es hoy puramente poético.* (Bello, 1847, p. 59)

Nota-se, nesse fragmento, um possível impacto da gramática de Vicente de Salvá, que, ao discorrer sobre o uso do ‘*vos*’ reverencial, diz que está reservado a contextos de oração na religião católica, ao “falar com Deus, com a Virgem Santíssima e com os santos” (Salvá, 1835, p. 160, tradução nossa).

Essa parte contém uma nota de rodapé que versa sobre o outro emprego de *vos*, aquele com valor de familiaridade ou proximidade, especificamente em sua vertente chilena. Nas palavras do autor:

*El vos de que se hace tanto uso en Chile en el diálogo familiar es una vulgaridad que debe evitarse, i el construirlo con el singular de los verbos una corrupción insoportable. Las formas del verbo que se han de construir con vos, son precisamente las mismas que se construyen con vosotros.* (Bello, 1847, p. 59)

Assim, Bello reconhece o outro emprego de *vos*, julgando-o suficientemente difundido na sociedade em que estava inserido para incluir uma ressalva em seu manual. No entanto, esse reconhecimento vem com um forte tom de reprovação, de modo que, de acordo com o autor, não só a única opção para tratamento familiar seria *tú*, (por mais que não o diga explicitamente), como também, por consequência, o único emprego de *vos* aceitável nesse momento seria o reverencial, com a pluralidade fictícia.

Mais adiante, Bello trata das formas de cortesia como *Su Majestad* e *Vuestra Paternidad*, dizendo que são também casos de uma pluralidade figurada, na qual se lança mão de uma terceira pessoa fictícia, empregada em sinal de cortesia e respeito. Desse modo, seria uma combinação da qualidade abstrata de terceira pessoa com a pluralidade fictícia de segunda: terceira pessoa por referir-se à majestade ou à alteza do interlocutor, (ao invés de diretamente a

ele) e segunda pessoa por empregar o pronome possessivo *vuestra*, acompanhando o substantivo referente ao ‘cargo’ (*alteza, majestad, excelencia*).

As formas condensadas *usted(es)* e *usía(s)*<sup>21</sup> também são contempladas nessa gramática, quando se listam as formas singulares e plurais dos usos de cortesia:

*Esta tercera persona ficticia tiene singular i plural: Su Majestad, Sus Majestades; Usía, Usías; Usted, Ustedes. Constrúyese siempre con la tercera persona del verbo; i en todo lo que se diga por medio de ella es necesario que nos representemos una tercera persona imaginaria, singular o plural, masculina o femenina, según fuere el numero i sexo de la verdadera persona o personas. Dícese pues: Su Alteza está enfermo, si se habla de un príncipe; enferma, si de una princesa; Su Señoría decretó, i Sus Señorías decretaron.* (Bello, 1847, p. 63)

Assim, de modo geral, tem-se descrito nessa obra o seguinte estado do uso das formas pronominais de tratamento: *tú* e *vosotros* aparecem como pronomes pessoais de segunda pessoa, o pronome *vos* tem uso limitado a contextos religiosos, o pronome *nos* é empregado como alternativa de reverência às formas *yo/nosotros* e, finalmente, há uma maior estabilidade no emprego das formas de cortesia para segunda pessoa, através de uma “terceira pessoa fictícia”, em que se incluem *usted*, *usía* e *Su Majestad/Vuestra Majestad* e similares. Outros usos de *vos* com valor que não seja o reverencial, são reconhecidos e reprovados pelo autor, que recomenda que sejam evitados.

### 3.2.3. A gramática de Vicente de Salvá (1831)

Vicente Salvá y Pérez (1786-1849) foi um gramático espanhol, autor de uma das gramáticas mais importantes para o século XIX, a *Gramática de la lengua castellana según ahora se habla*<sup>22</sup>, publicada pela primeira vez em 1831. Trata-se de uma obra que foi reconhecida e elogiada por Andrés Bello, apesar de apresentar discordância em certos pontos:

*Felicito a V. por el buen suceso de su Gramática, que ha merecido aquí el aprecio de los pocos inteligentes que hay en este ramo. La encuentro llena de excelentes reglas prácticas, y aunque me tomaré la licencia de decir que no soy de la opinión de V. en algunos puntos (sobre los que escribiré más largamente en mejor ocasión) creo que aventaja mucho a todo lo que teníamos antes de ahora en esta materia* (Lliteras Poncel, 1988, p. 19).

Tamanha foi a apreciação de Bello que ele dizia abertamente que preferia a obra de Salvá à da RAE e que a usou como base para seus estudos, afirmando que via essa gramática

---

<sup>21</sup> *Usía* é uma forma pronominal de tratamento equivalente a *usted* em uso e é uma síncope de *vuestra señoría*. Sua evolução se deu da seguinte forma: *vuestra señoría* > *vueseñoría* > *useñoría* > *usiría* > *usía* (Etimologías de Chile, 2024).

<sup>22</sup> Doravante *Gramática*.

como “*el más copioso de los modos de decir castellanos; como un libro que ninguno de los que aspiran a hablar y escribir correctamente nuestra lengua nativa debe dispensarse de ler y consultar a menudo*” (Esteve Serrano, 1982, p. 82). Para que não sigamos sem trazer à discussão as ressalvas do gramático venezuelano sobre essa obra, apresentamos uma delas, também apontada por outros autores: a ausência de uma sustentação teórica, com uma teoria que mostrasse melhor o sistema da língua castelhana. Justamente por ter um esforço tão voltado à descrição, em alguns momentos sua estrutura parece ser a de uma compilação de usos, sem tanta estrutura como se via em outros manuais (Peñalver Castillo, 1992, p. 742).

A definição de gramática trazida por Salvá faz com que ela possa ser considerada a primeira grande obra dedicada à descrição sincrônica da língua espanhola, segundo Calero Vaquera (Calero Vaquera, 1986, p. 20). Em lugar de seguir as outras definições correntes durante o século XIX, como a ‘arte de falar e escrever corretamente’, o autor valenciano propõe que a gramática castelhana é simplesmente o conjunto ordenado das regras da linguagem que vemos observadas nos textos escritos ou na conversa das pessoas dotas que falam o castelhano ou o espanhol (Salvá, 1835, p. 10).

Para Gómez Asencio, a *Gramática* de Salvá traz a definição mais completa e original vista em obras publicadas entre 1771 e 1847, posto que, nela, a gramática se caracteriza: por ser sincrônica e atual; por ser descritiva (já que descreve um estado de língua); por ser um conjunto de regras linguísticas apresentadas de maneira ordenada e não aleatória; pelo fato de que essas mesmas regras são elaboradas e feitas de maneira consciente pelo gramático, que as extrai não só da língua escrita (em sua definição mais tradicional), mas também da língua falada, da conversação (Gómez Asencio, 1981, p. 21).

Na *Gramática*, ambas as seções de *Analogía* e de *Sintaxis* têm o capítulo IV como aquele que versa sobre os pronomes. Dentro da seção de *Analogía*, encontramos a definição de pronome como “un signo que indica las personas que intervienen en la conversación [...]: la que habla (yo o nosotros), aquella á quien se dirige la palabra (tú o vosotros), y la persona o cosa de que se trata (él, ella, ello y ellos)” (Salvá, 1835, p. 49). Já na seção de *Sintaxis*, dentro da série de parágrafos que versam sobre as mais diversas questões referentes aos pronomes, dois deles nos interessam. O primeiro traz o pronome *usted*, já sendo definido como pronome:

*La lengua castellana tiene un pronombre que le es peculiar, para las personas á quienes dirigimos la palabra, si no tenemos familiaridad que nos autorize a tutearlas; lo que solo hacen los padres con sus hijos, algunos amos con sus criados, y los amigos íntimos, particularmente si*

*lo son desde la niñez. Este pronombre es el usted en singular, y ustedes en plural [...].* (Salvá, 1835, p. 159)

É interessante o fato de que já no século XIX, Salvá classifique *usted* como pronome, ainda que não o tenha mencionado na lista de pronomes da seção de Analogía. Também chama a atenção o cuidado do autor em apresentar os contextos de emprego do *usted*, com tantos exemplos, chegando inclusive a comparar o valor de cortesia e distanciamento do *usted* com a familiaridade do *tú*: “*si no tenemos familiaridade que nos autorize a tutearlas*”.

A seguir, nesse mesmo parágrafo, o gramático explica o fenômeno das conjugações de terceira pessoa associadas ao *usted*, por mais que este seja usado para expressar segunda pessoa. Nessa parte, ele menciona outras formas também usadas na época, classificada por ele como *tratamientos*:

*[Este pronombre], siendo una contracción de vuestra merced (Vm.) y vuestras mercedes (Vms.), que es como se usaba antiguamente, concierta siempre con el verbo en tercera persona, lo mismo que los demás tratamientos de Vueseñoría, Useñoría o Usía (V.S.), Vucencia ó Vucelencia (V. E.), Vuesaeminencia (V Em.<sup>a</sup>), Vuesalteza (V.A.), Vuesamajestad (V.M.).* (Salvá, 1835, p. 159)

Com essa lista tão extensa de formas de tratamento de cortesia, pode-se observar que elas ainda estavam sendo suficientemente usadas para serem incluídas na Gramática de Salvá. No entanto, o status de pronome foi conferido apenas ao *usted*, o que serve como evidência de que esta viria a ser a forma preferida e que, nos séculos seguintes, não só seria chamada de pronome como também faria parte do quadro de pronomes pessoais nas gramáticas de língua espanhola.

A última consideração do autor sobre o *usted* é um emprego diferente, descrito como sendo habitual apenas entre os falantes mais idosos e sem tanto conhecimento das normas da língua espanhola, especificamente em Madrid. Trata-se do uso do *usted* como um vocativo, em frases como “*Es verdad, usted?*”. Salvá é o único autor, em nosso conhecimento, que traz esse uso em uma gramática oitocentista (Salvá, 1835, p. 160).

Por fim, quanto ao pronome *vos*, a Gramática de Salvá está em consonância com o que propõe a gramática da RAE e a de Andrés Bello, no que diz respeito a documentar seu valor reverencial e já reservado a contextos muito específicos:

*El vos está reservado para hablar con Dios, con la Virgen Santísima y con los santos; y las personas del estado llano suelen usarlo en ciertas partes de Castilla, cuando dirigen la palabra a los hidalgos,*

*corregidores etc. [...] Vos se halla además usado, en las provisiones reales y en los despachos de algunos tribunales, en lugar de usted: Habiéndome hecho presente vos, don martin de Barreda etc.* (Salvá, 1835, p. 160, grifo do autor)

Quanto à reprovação ao uso familiar de *vos*, com ou sem alterações na conjugação própria de *vosotros*, não foi possível encontrar alguma menção na obra de Salvá. Considerando que, nesse momento, já havia na Espanha uma hegemonia do *tú* como pronome de tratamento informal, e que, como pontua o autor, o *vos* se reservava para contextos formais cada vez mais específicos, é possível que a ocorrência de um *voseo* familiar não tenha sido observada por ele, ou, caso o tenha sido, não em uma quantidade suficientemente expressiva para justificar sua documentação na obra.

## 4. TÉCNICAS DE ANÁLISE E FONTES EMPREGADAS

A presente seção contempla a análise do conteúdo das seções e/ou capítulos direcionados aos pronomes em cada uma das quatro gramáticas. Analisamos tanto os parágrafos iniciais quanto as seções dedicadas aos pronomes pessoais. Nas gramáticas que continham informação adicional no capítulo de Sintaxe, ou no caso da gramática de Monner Sans (1893), que consistia apenas nessa disciplina, analisamos tópicos que versassem sobre o emprego das formas *vos* e *usted*.

Nos arquivos das gramáticas onde a função OCR<sup>23</sup> estava habilitada, pesquisamos dentro dos arquivos os termos *usted* e *vos*. Naqueles sem essa função (a saber: todas as três gramáticas exceto a de Monner Sans (1893)) foi feita uma busca a partir de leitura geral, guiada pelo índice. O mesmo processo foi repetido para as três gramáticas que foram tomadas como base pelos autores das gramáticas do nosso corpus: a de Andrés Bello (1847), a da RAE (1880) e a de Olegario Reyes (1868). A seguir, apresentamos os dados encontrados em cada uma das obras.

### 4.1. Camada técnica: análise de termos

A camada técnica compreende as técnicas de análise e os métodos de apresentação dos dados. Os resultados encontrados durante a análise dos capítulos/parágrafos dedicados aos pronomes pessoais foram separados primeiramente por país de publicação e, em seguida, agrupados por outros critérios, como a data de publicação. Além de analisar as quatro gramáticas que compõem nosso corpus, também voltamos o olhar às gramáticas mencionadas pelos autores como fonte para a elaboração de seus compêndios.

#### 4.1.1. Gramáticas argentinas

A primeira gramática analisada nesta seção é a de Soler de Martínez (1887) e tem três seções destinadas aos pronomes. Nos capítulos direcionados ao Cuarto Grado, temos a lição II: *Nociones del pronombre* e, nos capítulos direcionados ao Quinto, as lições III e IX: *Accidentes gramaticales del pronombre* e *Miembros representados por pronombres*. Dessas, apenas as lições II e III mencionam as formas de segunda pessoa. Vejamos o que é dito sobre elas.

Na lição II, *Nociones del pronombre*, a autora começa com uma definição dos pronomes, como sendo “*la palabra que se usa en vez del nombre*” (p. 78). Em seguida, define

---

<sup>23</sup> Processo de digitalização de textos que permite a interação com o conteúdo digitalizado (selecionar, copiar etc.).

pronomes de segunda pessoa como aqueles que substituem o nome da pessoa com quem se fala e os enumera em seguida: *tú, te, ti, contigo, nosotros, vosotras, vos, os*. Aqui, o que chama a atenção é a inclusão de *nosotros* como pronome de segunda pessoa, já que, na lição III do *Quinto Grado*, ela o inclui como primeira pessoa do plural:

**Figura 3.** Sistematização dos pronomes pessoais em Soler de Martínez

| PRIMERA PERSONA |          |           |          |
|-----------------|----------|-----------|----------|
| SINGULAR        |          | PLURAL    |          |
| Masculino       | Femenino | Masculino | Femenino |
| Yo              | Yo       | Nosotros  | Nosotras |
| Me              | Me       | Nos       | Nos      |
| Mi              | Mi       | Nosotros  | Nosotras |
| SEGUNDA PERSONA |          |           |          |
| SINGULAR        |          | PLURAL    |          |
| Masculino       | Femenino | Masculino | Femenino |
| Tú              | Tú       | Vosotros  | Vosotras |
| Te              | Te       | Os        | Os       |
| Ti              | Ti       | Vosotros  | Vosotras |
| TERCERA PERSONA |          |           |          |
| SINGULAR        |          | PLURAL    |          |
| Masculino       | Femenino | Masculino | Femenino |
| Él              | Ella     | Ellos     | Ellas    |
| Lo              | La       | Los       | Las      |
| Le              | La       | Los       | Las      |
| Si              | Si       | Ellos     | Ellas    |

El pronombre **Se** es invariable

**Fonte:** Soler de Martínez (1887, p. 101)

Nessa mesma página, os pronomes *tú* e *vosotros* aparecem da mesma forma, porém para a segunda pessoa. Alguns parágrafos abaixo, porém, Soler de Martínez (1887) dedica um parágrafo a explicar como fazer referência respeitosa ao interlocutor e, nessa parte, menciona a forma *usted*:

*“Los pronombres **vos** y **usted** ofrecen la particularidad de que el primero sólo se usa cuando nos dirigimos á personas que tienen tratamiento, y el segundo, que aun cuando es de segunda persona, pues sustituye el nombre de la persona á que se habla, pide el verbo en tercera persona.”* (Soler de Martínez, 1887, p. 102)

Esse parágrafo traz as particularidades no emprego das formas *vos* e *usted* e tem algumas características que ressaltam ao lê-lo. Primeiramente, o fato de que a autora já define *usted* como um pronome, por mais que não o inclua em nenhuma de suas listagens anteriores. Em segundo lugar, o destaque ao contexto de uso de *vos*, descrito aqui com seu valor reverencial: “[...] *sólo se usa cuando nos dirigimos á personas que tienen tratamiento*”. Aqui, tanto chama a atenção a restrição de *vos* ao seu valor reverencial, sem menção ao uso familiar (*voseo*), quanto a terminologia empregada pela autora. Em vez de usar termos esperados como *cortesía, respeto/respetuoso*, ela define o contexto de emprego de *vos* como sendo para dirigir-se a *personas que tienen tratamiento*. No dicionário da Real Academia, a segunda definição de *tratamiento* é:

**Figura 4.** Verbetes '*tratamiento*' no dicionário on-line da RAE

De *tratar* y *-miento*.

1. m. **trato** (|| acción de tratar).  
Sin.: trato.
2. m. Título que se da a una persona por cortesía o en función de su cargo o condición; p. ej., *usted, señoría, caballero, etc.* *Le corresponde el tratamiento de «excelencia».*  
Sin.: cortesía, trato, título, dignidad.

**Fonte:** RAE (2025)

Com essa definição, vemos que *tener tratamiento* corresponde a ter um título, seja por seu cargo ou por outro fator. No entanto, posto que a versão mais recente do dicionário da academia inclui *usted* em sua lista de exemplos, de modo a entender melhor, vejamos como aparece este mesmo verbo no DRAE contemporâneo à redação desse manual (1884):

**Figura 5.** Verbetes '*tratamiento*' no DRAE de 1884.

**Tratamiento.** m. Acción ó modo de tratar á una persona ó cosa. || Título de cortesía que se da ó con que se habla á una persona; como *merced, señoría, excelencia*, etc. || Sistema ó método que se emplea para la curación de un enfermo. **TRATAMIENTO hidropático.** || Procedimiento metalúrgico. || ant. Tratado, ajuste ó convenio. || **impersonal.** Aquel en que no se da al sujeto ninguno de los comunes de *tú, merced, señoría*, etc. || **Apear el tratamiento.** fr. No admitirle el que lo tiene, ó no dárselo el que le habla ó escribe. || **Dar tratamiento.** fr. Hablar ó escribir á una persona con el *tratamiento* que le corresponde.

**Fonte:** RAE (1884)

Como vemos, na entrada da edição de 1884, a lista de títulos de cortesia não tem *usted*, mas sim *merced*. Portanto, a escolha da autora de definir apenas *vos* como um pronome de cortesia parece fazer referência à restrição de contextos de uso dessa forma à altura da redação de sua gramática. Porém, há uma outra razão para que sua indicação de uso tenha sido escrita dessa forma. Considerando que, durante o século XIX, o emprego de *vos* com valor familiar já era bastante difundido pela Argentina, essa explicação de Soler de Martínez (1887) poderia ser uma forma sutil e breve de indicar que o emprego familiar de *vos* estaria incorreto: “[*vos*] *sólo se usa cuando nos dirigimos a personas que tienen tratamiento*”, isto é, a ninguém mais a não ser pessoas com título ou posição hierárquica que pedisse esse emprego. Essa orientação estaria de acordo com a visão de Bello e seria uma menção velada ao *voseo* argentino, ao mesmo tempo que também retrata o desuso ao que o *vos* reverencial já se encaminhava nesse momento.

Quanto ao uso de *usted*, a partir da particularidade apontada pela autora, é possível observar que seu emprego com valor de segunda pessoa já estava devidamente consolidado. Além disso, seu esclarecimento sobre a conjugação de terceira pessoa mesmo sendo uma forma

usada com valor de segunda está de acordo com outras gramáticas da época que também descrevem esse fenômeno.

A segunda gramática analisada, de Monner Sans (1893), é um tomo em que se trata apenas da parte de Sintaxe. Por isso, o que se encontra nesse material diz respeito apenas a questões como concordância, regência e a ordem dos elementos na frase. O capítulo que trata dos pronomes em geral é o IV, intitulado *Sintaxis del pronombre*. Nele, o autor define pronome como “*la parte oracional que sustituye al nombre para evitar la repetición de éste*” e diz que pode “*ser sujeto, complemento y apóstrofe*” (1893, p. 47).

A lista de pronomes apresentada pelo autor, na seção *Uso del pronombre*, traz como pronomes de segunda pessoa apenas *tú* e *vosotros/as*:

**Figura 6.** Pronomes pessoais na gramática de Monner Sans

XVIII. Se usan generalmente como sujetos ó nominativos los pronombres, *yo, tú, él, ella, ellos, ellas; nosotros, nosotras, vosotros y vosotras*; v. gr.:

|                     |                              |
|---------------------|------------------------------|
| YO <i>canto</i>     | ELLAS <i>gritaban</i>        |
| TÚ <i>lee</i>       | NOSOTROS <i>estudiaremos</i> |
| EL <i>estudia</i>   | NOSOTRAS <i>escribimos</i>   |
| ELLA <i>borda</i>   | VOSOTROS <i>jugais</i>       |
| ELLOS <i>lloran</i> | VOSOTRAS <i>habéis reído</i> |

Fonte: Monner Sans (1893, p. 52)

Vê-se, portanto, que não há aí menção a *usted*. No entanto, algumas páginas adiante, quando se explica o uso do pronome *sí*, está a seguinte frase-exemplo:

**Figura 7.** Uso de *usted* na gramática de Monner Sans

XXIX. Referente al uso del pronombre *sí* cabe observar:

1º — Que se debe emplear cuando se habla á la persona á quien luego se aplica; v. gr.:  
*¿Está V. en sí? — Llevaban las armas consigo.*

Fonte: Monner Sans (1893, p. 56)

Por mais que apareça em sua forma abreviada (“V.”), a conjugação em terceira pessoa do singular confirma que se trata de um emprego de *usted*. Esta não é a única ocorrência do uso dessa forma, porém. Há uma menção explícita a *usted/ustedes* no capítulo seguinte, que versa sobre o verbo. Essa menção ocorre para explicar a discrepância entre o valor de segunda pessoa dessas formas e sua conjugação de terceira: “*Conviene tener presente que, aunque los pronombres usted y ustedes pertenecen á la segunda persona, cuando desempeñan funciones de sujetos, piden que se coloque el verbo en tercera persona, ya de singular, ya de plural*”

(Monner Sans, 1893, p. 62). Em seguida, o autor traz dois exemplos do emprego de *usted/es*, tirados de obras de Echegaray e Ayala<sup>24</sup>:

**Figura 8.** Exemplos do uso de *usted* na gramática de Monner Sans

— ¿Usted SABE, por ventura,  
lo que es el perder un hijo?  
(ECHEGARAY.)

Si ustedes ya lo HAN resuelto  
lo demás ¿qué importa? Nada.  
(AYALA.)

**Fonte:** Monner Sans (1893, p. 62)

Essa gramática traz mais exemplos com o uso de *usted*, como na seção *Advertencia sobre los verbos ser y estar*. Aí, se explica que a construção “*Soy con usted*” significa um pedido para que o outro espere para que possam conversar. Esse exemplo deixa claro que o autor de fato emprega a abreviatura “V.” para significar *usted*.

**Figura 9.** Ocorrência de *usted* na gramática de Monner Sans

Soy cón V. equivale á esperê usted un poco; tenemos que hablar; y si decimos: *Se portó como quien es*, significamos que su conducta fué digna de su apellido, de su linaje ó de su condición.

**Fonte:** Monner Sans (1893, p. 69)

Há ainda mais alguns exemplos nos exercícios de certas seções dessa gramática, porém julgamos que com os apresentados anteriormente já se pode observar que o uso de *usted* não só é bastante frequente nos exemplos selecionados pelo autor, como também que o fato de ter uma frequência tão alta se dá porque já se encontrava bastante difundido no uso dos falantes argentinos. Chama a atenção que o autor não inclui *usted* na lista de pronomes, porém o classifica como tal e traz vários exemplos que usam *usted* como pronome. Antes de partir para uma análise dos resultados aqui apresentados, apresentamos as fontes mencionadas pelos quatro autores para a redação de suas gramáticas e o que estes dizem sobre os pronomes/pronomes de tratamento.

Na gramática de Monner Sans (1893), não foram encontradas menções ao valor reverencial, tampouco ao valor familiar do pronome *vos*. Ainda que seja uma gramática publicada na Argentina, é importante recordar que seu autor não só era espanhol, como um gramático purista, de modo que não se trata de uma incoerência tão grande a ausência de menção ao voseo familiar. Quanto ao *vos* com valor reverencial, podemos explicar sua ausência

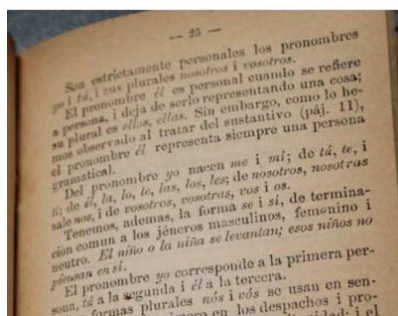
<sup>24</sup> José Echegaray (1832-1916) e Adelardo López de Ayala (1829-1879) foram dramaturgos e políticos espanhóis, sendo que este primeiro ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1914. Os dois integraram a Real Academia Espanhola durante o século XIX.

com o fato de que já era uma forma com usos muito limitados e, em grande parte dos contextos, substituídos por formas como *Vuestra Excelencia*, *Vuestra Majestad*, ou o próprio *usted*. Além disso, poderia tratar-se também de uma escolha motivada pela concisão pedida pelo tipo de gramática, de modo que o autor teria entendido que os contextos de uso de uma forma já desusada e de uma malvista poderiam deixar de ser incluídas. De todo modo, a omissão do *voseo*, que já se encontrava tão difundido, é também evidência do valor negativo que ainda carregava durante o século XIX na Argentina.

#### 4.1.2. Gramáticas chilenas

A primeira gramática chilena analisada (e terceira em geral) é a de Larenas de Herrera (1881). A obra, bastante condensada, possui uma seção em que são descritos os pronomes pessoais:

**Figura 10.** Pronomes pessoais na gramática de Larenas de Herrera (1881)



**Fonte:** Larenas de Herrera (1881, p. 25)

Por se tratar de uma obra condensada para uso pedagógico, as explicações sobre essas formas são igualmente breves e há apenas um exemplo nessa seção, referente aos pronomes *se* e *si*: “*El niño o la niña se levantan; esos niños no piensan entre sí*”. Quanto às formas pronominais de tratamento, em primeiro lugar, a autora descreve o uso das formas *nos* e *vos* para o tratamento no singular. A primeira, para os escritórios e para “*provisiones de personas constituidas en dignidad*” (Larenas de Herrera, 1881, p. 25) enquanto a segunda tem esse sentido no uso religioso ao dirigir-se a Deus, aos santos ou a um soberano. Não há menção ao *voseo* como tratamento de familiaridade nessa parte, tampouco à vertente chilena desse uso. As formas de tratamento mencionados pela autora são: *tú*, *usted*, *nos/nosotros* e *vos/vosotros* (*vos* reverencial).

É interessante mencionar que o uso reverencial do pronome *vos* já se encontrava em desuso na data de publicação dessa gramática (Torrejón, 1986, p. 677-678), algo que, somado à ausência do uso mais corrente desse mesmo pronome, ilustra o atraso existente entre o que se

registra nas gramáticas e/ou se considera uso prestigioso e o que de fato se verifica entre os falantes.

Outro fragmento dessa discussão é pertinente aos nossos objetivos é o que descreve o uso de *usted*: “*En lugar de tú, se usa usted, cuando hablamos con aquellas personas con quien no tenemos familiaridad*” (Larenas de Herrera, 1881, p. 25).

Como vemos, *usted* não é descrito explicitamente por Larenas de Herrera (1881) como um pronome, mas implicitamente se entende que tem tal função, pois a autora diz que se usa essa forma no lugar de *tú*, este sim descrito anteriormente como pronome. No que diz respeito ao contexto de uso, a autora diz que essa substituição é feita quando falamos com pessoas com as quais não se tem familiaridade, ou seja, como um tratamento de distanciamento e cortesia. Finalmente, não há, nesta gramática, alguma seção que trate de usos peculiares ou “vícios de dicção” onde se pudesse verificar uma recomendação de não se utilizar o *voseo* chileno<sup>25</sup>, resultante do esforço de apagamento desse uso de *vos* no Chile.

A segunda gramática chilena analisada, de Contreras Puebla (1895), tem o seu décimo primeiro capítulo reservado aos pronomes e traz uma subseção dedicada aos pronomes de tratamento. Nela, há primeiramente uma explicação para o uso de *nos* em lugar de *yo*, chamado de “*pluralidad ficticia de primera persona*”, que seria usado por figuras de autoridade, em consonância com o que Larenas de Herrera (1881) traz em sua gramática: “*Nós, el Dean y Cabildo de esta diócesis hemos resuelto...*” (Contreras Puebla, 1895, p. 40).

No tocante ao uso de *vos*, o autor começa sua explicação pontuando que esse pronome substitui o pronome *tú* para demonstrar respeito (p. 40), isto é, um uso reverencial:

*En lugar de tú, se usa vos en señal de respeto, dirigiéndose á Dios, á una alta corporación, ó en los diálogos de comedias para evitar la repetición del empalagoso usted: «¡Oh, Dios mío! Vos sabéis que soy inocente...». – «A vos, soberano Congreso, me dirijo...»* (Contreras Puebla, 1895, p. 40).

Chama a atenção, no entanto, o parágrafo seguinte a este, em que se comenta especificamente sobre o emprego de *vos* como tratamento de familiaridade: “*En cualquiera otro caso vos por tú es desusado. I es una vulgaridad decir vos en la conversación familiar, y una grave incorrección construirlo con el singular de los verbos como se hace en Chile por la jente sin educación.*” (Contreras Puebla, 1895, p. 40, sic.). Não há aqui um exemplo desse uso considerado inadequado.

---

<sup>25</sup> Esclarecemos que isso não implica em uma aceitação de tal uso por parte da autora; apenas relatamos que o *vos* familiar não foi tratado nem sequer como um vício de dicção, algo esperado devido à já mencionada avaliação negativa que o *voseo* recebia no Chile do século XIX.

Há, nessa gramática, portanto, uma clara avaliação negativa ao *voseo* chileno. A primeira parte da explicação, dizendo que qualquer outro uso de *vos* em lugar de *tú* é desusado se refere provavelmente à forma mais arcaica do emprego de *vos*, anterior à consolidação do *vos* reverencial. Isto é, não inclui o uso posteriormente descrito e reprovado pelo autor, vigente no Chile no momento de redação de sua obra. Se retomamos as informações da seção de advertência no começo dessa gramática, em que Contreras Puebla (1895) informa que sua obra está em consonância com o trabalho de Andrés Bello (1847), é coerente que se alinhe ao gramático também nessa discussão.

Outra avaliação negativa do autor parece dirigir-se ao uso de *usted*, ainda que já amplamente difundido no final do século XIX no Chile. Para o autor, o uso é caracterizado como ‘*empalagoso*’<sup>26</sup> quando usado com muita frequência. Ao analisar essa posição do autor, pode-se dizer que, ao menos aos olhos dos mais puristas, essa forma não estaria totalmente gramaticalizada e ainda teria certa transparência semântica. Isso significa que, mesmo em sua forma contraída, para esses falantes, *usted* ainda remete diretamente à forma inicial ‘*vuestra merced*’. Por isso, sua repetição é percebida por eles e é considerada enjoativa ou exagerada, já que marcaria muito explicitamente o tratamento de cortesia. A alternância com o *voseo reverencial* é sugerida por Contreras Puebla (1895) como uma solução, para evitar o uso explícito de *usted* com tanta frequência. A partir das análises acima descritas, é possível organizar as informações encontradas da seguinte maneira:

**Quadro 1.** Representação de *usted* e *vos* nas gramáticas do corpus

|              |                                                  | Argentina                |                    | Chile                |                         |
|--------------|--------------------------------------------------|--------------------------|--------------------|----------------------|-------------------------|
|              |                                                  | Soler de Martínez (1887) | Monner Sans (1893) | L. de Herrera (1881) | Contreras Puebla (1895) |
| <b>Usted</b> | Define <i>usted</i> como pronome                 | X                        | X                  |                      |                         |
|              | Emprega <i>usted</i> como pronome em exemplos    | X                        | X                  | X                    | X                       |
|              | Menciona substituir <i>tú</i> por <i>usted</i>   |                          |                    | X                    | X                       |
|              | Menciona contextos de uso de <i>usted</i>        |                          | X                  | X                    | X                       |
|              | Faz algum comentário sobre o uso de <i>usted</i> |                          |                    |                      | X                       |
| <b>Vos</b>   | Menciona o <i>vos</i> reverencial                | X                        |                    | X                    | X                       |
|              | Menciona o <i>vos</i> familiar                   |                          |                    |                      | X                       |
|              | Reprova o uso de <i>vos</i> familiar             |                          |                    |                      | X                       |

**Fonte:** Elaboração própria

<sup>26</sup> Exagerado, meloso, característico de bajuladores (Real Academia Española, 2025).

## 4.2. Camada documental

A camada *documental* refere-se à documentação linguística e filológica em que se baseia o estudo. Nas gramáticas analisadas, vê-se apenas um idioma documentado, que é o castelhano, documentado com o intento de ser ensinado como língua materna em escolas (Normais ou de educação pública). A seguir, discutimos a possibilidade de especificar *qual* variedade do espanhol se verifica nos exemplos das explicações referentes aos pronomes de tratamento.

Das quatro gramáticas de nosso corpus, as obras de Monner Sans (1893) e de Contreras Puebla (1895) contém frases para exemplificar o emprego das formas de tratamento que ali é descrito. Os exemplos de Monner Sans advêm de obras literárias de autores coetâneos à elaboração da gramática, a saber: José Echegaray (1832-1916) e Adelardo López de Ayala (1829-1879). Ambos os autores têm nacionalidade espanhola, de modo que a variedade do espanhol ali documentada, muito possivelmente, é a peninsular. Esta hipótese se baseia não apenas na nacionalidade dos autores dos exemplos, mas também na preferência por essa variedade por parte de Monner Sans, discutida brevemente no capítulo dois deste trabalho.

Já os exemplos encontrados na gramática de Contreras Puebla (1895) não têm uma referência atribuída, o que pode significar que são frases elaboradas pelo próprio autor para ilustrar sua exposição. No entanto, especificamente o exemplo para o emprego de *vos* com valor reverencial é uma adaptação do que se verifica na gramática de Andrés Bello (1843)<sup>27</sup>. Sendo o único autor que versa sobre o *vos* familiar, também por empregar a obra de Bello como fonte, essa gramática possui evidência de documentar, ao menos nesse momento, a variedade chilena do espanhol.

As gramáticas de Soler de Martínez (1887) e de Larenas de Herrera (1881) não trazem frases exemplo em suas explicações e tampouco mencionam o valor familiar de *vos*. A ausência dessa documentação aproxima a variedade de língua descrita nesses manuais àquela verificada na Espanha, isto é, o espanhol peninsular. Este também é o caso para a gramática de Monner Sans (1893).

Uma vez tendo sido feito o levantamento da origem dos exemplos, apresentamos, abaixo, os textos mencionados como fonte para a redação dos manuais. Nessa seção, contrastamos o texto das gramáticas fonte com o das gramáticas do corpus, especificamente em suas seções dedicadas às formas pronominais de tratamento.

---

<sup>27</sup> A subseção seguinte descreve, com mais detalhes, essa comparação entre os exemplos dos dois autores.

#### 4.2.1. O impacto das gramáticas fonte

Foi buscada, dentro dos capítulos introdutórios das quatro obras, alguma menção às fontes onde os autores se basearam para a elaboração de seus respectivos manuais. Dessa busca, verificamos que apenas os autores chilenos trouxeram nomes de autores como fonte. Não foi verificada seção semelhante nas gramáticas de Soler de Martínez (1887) e de Monner Sans (1893). A seguir, apresentamos as gramáticas citadas por Larenas de Herrera e Contreras Puebla e o que versam sobre os pronomes pessoais (de segunda pessoa).

Os autores Larenas de Herrera (1881) e Contreras Puebla (1895) mencionam a gramática de Andrés Bello (1847) como fonte para a redação de seus respectivos manuais. Outra gramática mencionada como referência, apenas por Larenas de Herrera (1881) é a gramática da RAE (1880). Como estas duas já tiveram suas exposições sobre os pronomes pessoais e de tratamento devidamente analisadas na seção 3.2, seguiremos para a descrição e análise de outro manual que também foi citado, mas que não ocupa semelhante lugar de prestígio na gramaticografia hispânica.

O terceiro manual indicado por Larenas de Herrera (1881) como fonte é o *‘Compendio de Gramática castellana’* (1868), de José Olegario Reyes. Como a autora apenas cita o sobrenome Reyes ao mencionar a obra, chegamos a esse manual em específico a partir de elementos externos, a saber: em primeiro lugar, a data de publicação (1868) e, em segundo, o subtítulo da gramática, onde lê-se que esta foi aprovada pela Universidade do Chile e mandada pelo Supremo Governo a ser adotada como texto de ensino na república. Também nas informações da folha de rosto encontra-se a informação de que este compêndio foi feito tomando a gramática de Andrés Bello como base.

A seção destinada aos pronomes nesse compêndio se encontra na página 24 e é intitulada *Del pronombre*. Sua definição de pronome é “*los nombres que significan primera segunda o tercera persona, ya espresen esta sola idea, ya la asocien con otra.*” (Olegario Reyes, 1868, p. 24). Apenas *tú* e *vosotros* são elencados como pronomes de segunda pessoa e se apresentam as mesmas considerações de Andrés Bello sobre eles:

**Figura 11.** Parágrafos sobre a segunda pessoa em Olegario Reyes.

Las formas plurales *nos* i *vos* se usan en sentido singular, el primero en los despachos i provisiones de personas constituidas en dignidad: *Nos el Arzobispo, mandamos*; i el segundo, siempre que nos dirigimos a Dios, a los santos o a un soberano; *Vos, Señor, que todo lo podeis*.

En composiciones dramáticas i en ciertas piezas oficiales se acostumbra el uso de *vos* por *tú*. *Vos* por *vosotros* solo se emplea en poesia.

En lugar de *tú* se usa *usted*, cuando hablamos a aquellas personas con quienes no tenemos familiaridad, i, a semejanza de *él*, requiere la tercera persona del verbo.

**Fonte:** Olegario Reyes (1868, p. 24).

Aqui, a única recomendação que não foi transcrita como na gramática de Bello é a que diz respeito sobre o uso familiar de *vos*. Olegario Reyes reconhece um uso familiar de *vos*, porém sendo especificamente aquele próprio de textos escritos ou outros conteúdos oficiais, além de reforçar que o *vos* antigo (com valor de *vosotros*) já não se verifica na fala. Essa recomendação, diferente de como se encontra na gramática de Bello, está na seção de *Vicios de dicción*:

**Figura 12.** Menção ao *voseo* argentino na gramática de Olegario Reyes.

En la República Arjentina son mui comunes entre las jentes del pueblo las espresiones *comés, traés*, por *comes, traes*; *nadies* por *nadie*, *nui venido*, *lui visto*, *li dicho*, *ti mandado*, por *no he venido*, *lo he visto*, *le he dicho*, *te he mandado* &<sup>a</sup>. Lo mismo decimos respecto de las espresiones *muenten*, *escuendan*, por *monten*, *escondan* &<sup>a</sup>.

**Fonte:** Olegario Reyes (1868, p. 118)

Como se pode ver, não é uma reprovação explícita ao emprego do pronome *vos*, como foi observado em outros casos, mas sim às conjugações advindas das formas verbais de *vosotros* (*tenéis* → *tenés*, *traéis* → *traés*), tão características do *voseo* argentino. Essa estruturação desse dito “barbarismo” indica uma sutil diferença, até hoje presente entre os *voseos* chileno e argentino, que é a avaliação negativa no emprego explícito do pronome *vos*, que se dá de forma bem mais forte no caso do Chile, do que no da Argentina.

Quanto à forma *usted*, o autor alinha-se ao que propôs Bello, não o definindo como pronome, porém indicando seu emprego como tal, em substituição a *tú*. Nesse mesmo fragmento, também indica os contextos em que essa substituição deve ser feita (para falar com pessoas com quem não se tem familiaridade) e esclarece que, por mais que substitua o pronome *tú*, suas conjugações são as de terceira pessoa (“a semejanza de *él*, requiere la tercera persona del verbo”).

A última gramática mencionada por Larenas de Herrera (1881) é o ‘*Tratado de análisis lójico i gramatical de la lengua castellana*’ (1859), de Félix Arriagada. Não foi possível obter

acesso a essa obra para analisar seu capítulo referente aos pronomes, no entanto, tomamos o texto de Bargalló Escrivá (2021), que versa sobre esse manual, como base para os apontamentos que seguem.

Arriagada, na advertência de sua obra, menciona que a redigiu respondendo a uma necessidade de textos que versassem sobre o castelhano e não menciona quaisquer autores que possam ter servido de fonte. Ainda que alguns de seus conceitos e terminologias coincidam com as de Andrés Bello, há outros que não são apresentados pelo autor venezuelano (Bargalló Escrivá, 2021, p. 38). Também é relevante o fato de que não há uma seção ou capítulo específica para os pronomes na gramática de Arriagada. De acordo com o índice elaborado pela autora, a partir da tipografia (posto que a gramática original não apresenta índice), não há uma seção com este título, o que leva a supor que os pronomes são considerados uma subcategoria, provavelmente dentro do capítulo *Modificaciones del sustantivo* (p. 6).

A partir das análises feitas nesta seção, podemos compilar os dados encontrados no quadro abaixo:

**Quadro 2.** Representação de *usted* e *vos* nas gramáticas-fonte

|              |                                                  | Bello<br>(1847) | RAE<br>(1880) | Reyes<br>(1868) | Salvá<br>(1831) |
|--------------|--------------------------------------------------|-----------------|---------------|-----------------|-----------------|
| <b>Usted</b> | Define <i>usted</i> como pronome                 |                 | X             |                 | X               |
|              | Emprega <i>usted</i> como pronome em exemplos    | X               | X             | X               | X               |
|              | Menciona substituir <i>tú</i> por <i>usted</i>   |                 |               | X               | X               |
|              | Menciona contextos de uso de <i>usted</i>        | X               | X             | X               | X               |
|              | Faz algum comentário sobre o uso de <i>usted</i> |                 |               |                 |                 |
| <b>Vos</b>   | Menciona o <i>vos</i> reverencial                | X               | X             |                 | X               |
|              | Menciona o <i>vos</i> familiar                   | X               |               | X               |                 |
|              | Reprova o uso de <i>vos</i> familiar             | X               |               | X               |                 |

**Fonte:** Elaboração própria

Como explicado anteriormente, escolheu-se o final do século XIX porque, nessa época, alguns usos estariam mais consolidados, ao menos no registro oral. Especificamente, nos referimos ao emprego de *usted* como pronome de tratamento (ou de segunda pessoa) e ao emprego do *vos* reverencial cada vez mais restrito a contextos específicos, como o jurídico e o religioso. Quanto ao emprego de *vos* com valor familiar, levamos em conta que este também já se verificaria no uso, porém igualmente já esperávamos que sua avaliação negativa impedisse seu registro nas gramáticas analisadas. Deste modo, esperávamos ver, como denominador comum, a descrição de *vos* com valor reverencial (com ou sem a indicação de desuso) e o emprego de *usted* em frases de exemplo, com ou sem classificação dessa forma como pronome.

Em frequências diferentes, a menção ao uso de *usted* foi, de fato, denominador comum. As quatro gramáticas do corpus apresentam pelo menos uma frase de exemplo em que se emprega *usted* com função de pronome. Por outro lado, a questão do *vos* mais antigo (reverencial) não o foi, uma vez que, a gramática de Monner Sans já não trouxe a contextualização do valor reverencial de *vos*. A ausência da tabela de pronomes onde pudéssemos ver quais são os que o autor considera pronomes pessoais é compreensível, dado que o manual analisado não é uma gramática completa, mas sim um tomo de ampliação sintática. No entanto, é justamente na seção de sintaxe que os autores oitocentistas normalmente detalham os contextos de uso de um pronome ou forma pronominal, como visto nas obras aqui analisadas. Inclusive, a própria gramática de Monner Sans tem parágrafos explicativos, como vimos no caso da conjugação da forma *usted*.

É possível argumentar que mesmo os parágrafos explicativos do autor não estejam tão relacionados de fato ao contexto de emprego das formas de tratamento. De fato, o parágrafo explicativo sobre *usted* não menciona contextos de uso, mas sim uma discrepância entre os valores de segunda e terceira pessoa. É uma descrição que toma um ponto de vista intralinguístico; seu valor de segunda pessoa (por ser empregado como tal) não toca diretamente os contextos em que essa forma é usada e, ao que parece, trata-se de uma descrição não obrigatória para ser incluída em um texto que descreva o funcionamento de *usted*, segundo o ponto de vista do autor. Não acreditamos, no entanto, que Monner Sans se subscreva à opinião de Contreras Puebla, necessariamente, e que veja *usted* como uma forma exagerada e que se deva usar com parcimônia, principalmente devido à grande quantidade de frases de exemplo que incluem essa forma ao longo da gramática.

Outra característica que esperávamos encontrar era uma maior avaliação negativa do uso familiar de *vos* nas gramáticas chilenas, baseado na premissa de que a obra de Andrés Bello, ainda que tenha repercutido fortemente em outros países, foi publicada no Chile e teve aí uma repercussão igualmente grande, se não maior. Esperávamos que nas duas gramáticas houvesse uma adaptação da nota de rodapé presente na gramática do autor venezuelano, condenando o *voseo* chileno. Porém, isso ocorreu apenas em parte: a gramática de Larenas de Herrera sequer menciona o uso familiar de *vos*, muito menos seu uso particular verificado no Chile. Apenas Contreras Puebla o faz, e observa-se que seu texto recupera justamente a nota supracitada, com a diferença que a incorpora como parte do texto integral:

**Quadro 3.** *Voseo* chileno em Bello e Contreras Puebla

|                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Bello (1847)            | <i>El vos de que se hace tanto uso en Chile en el diálogo familiar es una vulgaridad que debe evitarse, i el construirlo con el singular de los verbos una corrupción insoportable. Las formas del verbo que se han de construir con vos, son precisamente las mismas que se construyen con vosotros.</i> |
| Contreras Puebla (1895) | <i>En cualquiera otro caso vos por tú es desusado. I es una vulgaridad decir vos en la conversación familiar, y una grave incorrección construirlo con el singular de los verbos como se hace en Chile por la jente sin educación.</i>                                                                    |

**Fonte:** Elaboração própria

Com essa ocorrência da reprovação do uso familiar de *vos*, verificamos a repercussão do texto de Bello, além de que quase cinquenta anos depois de sua publicação, que essa reprovação continuava existindo, ao menos suficientemente forte para que um autor julgasse pertinente incluí-la em sua obra. Um compêndio, ainda que por natureza tome muito das gramáticas referência, ainda tem espaço para as escolhas do autor que as adapta. Caso Contreras Puebla julgasse que o *voseo* chileno já não fosse considerado tão incorreto, haveria alguma modificação maior em sua adaptação, como a omissão de adjetivos como “grave” para indicar o grau de incorreção desse uso.

Se voltamos ao tópico da comparação por países, em termos de cifras, pode-se dizer que de fato as gramáticas chilenas trouxeram mais ocorrências da reprovação do uso familiar de *vos* que as argentinas. Nos dois exemplares argentinos, não houve tanta menção ao *vos*, nem mesmo ao reverencial. Como vimos anteriormente, o máximo que se poderia definir como uma avaliação negativa seria a redação de Soler de Martínez ao explicar o valor reverencial de *vos*. Ainda assim, está bem longe de ter o tom direto e categórico verificado nas gramáticas de Bello e de Contreras Puebla.

Pode-se entender esse resultado como uma provável consequência da menor reprovação do *voseo* dentro da Argentina do que dentro do Chile. No entanto, não há de se esquecer que, em uma das gramáticas fonte (Olegario Reyes, 1868), as conjugações próprias do *voseo* argentino aparecem na seção de incorreções e barbarismos. Trata-se, portanto, de um menor valor negativo, talvez mais bem direcionado às conjugações que ao emprego do pronome, enquanto no Chile se discutia ambas as questões. Essa hipótese estaria coerente com o quadro evolutivo dos pronomes de tratamento do espanhol chileno que vimos nas seções anteriores e com a situação atual de uso, em que o emprego explícito do pronome *vos* recebe uma avaliação social mais negativa que a conjugação dos verbos no *voseo* chileno (*tenís, querís* etc.).

Quanto às três gramáticas usadas como fonte, é coerente que apenas a da década de 1880 classifique *usted* como pronome, porém todas incluam exemplos empregando-o, se consideramos o recorte temporal e os fenômenos linguísticos e extralinguísticos verificados nesse momento. Nenhuma das três fazem algum comentário negativo, similar ao de Contreras Puebla, sobre o emprego de *usted*. Isso reforça a hipótese de que tal reprovação viria de um grupo não tão significativo ou até que seria algo particular do autor.

Também se destaca que apenas as gramáticas americanas mencionem o uso familiar de *vos*, indicando que talvez a Academia Espanhola o considerasse um americanismo ou um fenômeno não suficientemente grave para incluir em sua gramática. É claro, deve-se levar em conta que a obra de Reyes sofre um grande impacto daquela de Bello, o que com certeza influenciou o autor a replicar a recomendação sobre o *voseo* chileno, adaptando-a ao que se observava na Argentina. Porém, por outro lado, a gramática de Reyes é a única das três que traz a recomendação explícita de que se usa *usted* em lugar de *tú*. Nisso, por exemplo, a obra se difere de sua fonte. Um aspecto em que essas obras também se diferem é o de que apenas a gramática de Reyes não versa sobre o *vos* com valor reverencial. Tanto a de Bello como a da RAE o fazem.

Na seção seguinte, nos ocupamos em comparar os dados sistematizados neste quadro e no anterior, com as citações que levaram a marcar ou não cada célula e hipóteses que expliquem a presença (ou ausência) de certa característica em cada manual. Também contrastamos os resultados sistematizados em ambos os quadros com as hipóteses e expectativas gerais que tínhamos no começo da pesquisa.

## 5. RESULTADOS: CONTEÚDO CONTRASTIVO E PERIODIZAÇÃO

### 5.1. Gramáticas argentinas *versus* gramáticas chilenas

A primeira característica que parece diferenciar as gramáticas argentinas das chilenas no *corpus* que compilamos é a presença da definição de *usted* como um pronome. Apenas as gramáticas argentinas o fazem. Nosso critério foi que se utilizasse a construção “*el pronombre usted*” ou outra similar (“*Usted es un pronombre que...*”). Os dois autores classificam *usted* como pronome ao explicar sua diferença característica entre seu valor de segunda pessoa e sua conjugação de terceira:

**Quadro 4.** Comparação entre as gramáticas argentinas

|                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|-----------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Soler de Martínez<br>(1887) | <i>Los pronombres vos y usted ofrecen la particularidad de que el primero sólo se usa cuando nos dirigimos á personas que tienen tratamiento, y el segundo, que aun cuando es de segunda persona, pues sustituye el nombre de la persona á que se habla, pide el verbo en tercera persona.</i> |
| Monner Sans (1893)          | <i>Conviene tener presente que, aunque los pronombres usted y ustedes pertenecen a la segunda persona cuando desempeñan funciones de sujetos, piden que se coloque el verbo en tercera persona, ya de singular, ya de plural.</i>                                                              |

**Fonte:** Elaboração própria

Essa informação referente à diferença entre o uso e as conjugações aparece nas duas principais gramáticas citadas à época (Bello e RAE), sendo que apenas na gramática acadêmica se define *usted* como um pronome (Real Academia Española, 1880, p. 218). Bello o classifica como um título (como *Vuestra Excelencia*, *Vuestra Majestad*), mais especificamente um daqueles que foram sincopados e tiveram sua origem obscurecida, como é o caso da forma *usía* (Bello, 1847, p. 63). Podemos considerar, portanto, que, no que diz respeito à classificação de *usted* como pronome, Soler de Martínez (1887) e Monner Sans (1893) tomaram como fonte a gramática acadêmica.

As gramáticas argentinas analisadas coincidem por trazer frases de exemplo com a forma *usted*. Cabe ressaltar, porém, que Soler de Martínez (1887) apenas os emprega ao exemplificar como deveria ser usado seu material. Dentro do manual, em si, não se verificam frases empregando essa forma. Já na gramática de Monner Sans (1893), como vimos, abundam os exemplos que contém *usted*. Outro ponto em que as obras se diferenciam é na menção ao *vos* com valor reverencial; apenas a gramática de Soler de Martínez contém essa informação (p. 102) e observa-se, de novo, seu alinhamento ao que se verifica nas gramáticas da RAE e de Bello, especialmente a este último:

**Quadro 5.** Comparação entre a obra de Soler de Martínez e gramáticas fonte

|                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|-----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Soler de Martínez<br>(1887) | <i>Los pronombres vos y usted ofrecen la particularidad de que <b>el primero sólo se usa cuando nos dirigimos á personas que tienen tratamiento [...]</b>.</i>                                                                                                                                                                                                 |
| Bello (1947)                | <i>Hai en la segunda persona pluralidad ficticia cuando se dice vos por tú, representándose como multiplicado el individuo en señal de cortesía o respeto; <b>pero ahora no se usa este vos sino cuando se habla a Dios o a los Santos, o en ciertas piezas oficiales, donde lo pide la lei o la costumbre.</b> Vos por vosotros es hoy puramente poético.</i> |
| RAE (1880)                  | <i>[El empleo de vosotros como plural de tú] <b>no se opone al uso del vos, como tratamiento, en lugar de usted,</b> en toda obra literaria que lo exija; y a que, aun hoy mismo, se emplee alguna vez en poesía y en prosa, cuando la materia de que se trata o la gravedad del estilo así lo requieren.</i> (p. 241)                                         |

**Fonte:** Elaboração própria

As gramáticas chilenas coincidem nos mesmos três pontos em que se diferenciam das argentinas. Em primeiro lugar, ambas as gramáticas descrevem que o uso de *tú* substitui o de *usted*; em segundo, se mencionam os contextos de uso dessa forma e, terceiro, mencionam o valor reverencial de *vos*, algo que só aparece em uma das gramáticas argentinas analisadas. A substituição de *tú* por *usted* é descrita da seguinte forma em cada gramática:

**Quadro 6.** Trechos sobre uso de *usted* em lugar de *tú* nas gramáticas chilenas

|                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Larenas de Herrera<br>(1881) | <i><b>En lugar de tú, se usa usted,</b> cuando hablamos con aquellas personas con quien no tenemos familiaridad.</i>                                                                                                                                                                        |
| Contreras Puebla<br>(1895)   | <i><b>En lugar de tú, se usa vos</b> en señal de respeto, dirigiéndose á Dios, á una alta corporación, ó en los diálogos de comedias <b>para evitar la repetición del empalagoso usted:</b> «¡Oh, Dios mío! Vos sabéis que soy inocente...». – «A vos, soberano Congreso, me dirijo...»</i> |

**Fonte:** Elaboração própria

Assim, enquanto Larenas de Herrera (1881) resume o emprego de *usted* ao seu valor de cortesia e distanciamento, no caso de Contreras Puebla (1895), infere-se que já se faz essa substituição quando este propõe o emprego de *vos* para que não se use tanto essa forma. A definição da primeira autora coincide quase palavra por palavra à de Olegario Reyes, como se verá em seguida. De todo modo, são trechos que indicam a substituição de *tú* por *usted*. É também nesses fragmentos que se encontra a segunda diferença mencionada. Os dois parágrafos trazem os contextos específicos em que se deve empregar *usted*. Essa informação aparece em duas das três gramáticas citadas como fonte.

**Quadro 7.** Contextos de emprego de *usted* nas gramáticas fonte

|              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|--------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Bello (1847) | <i>[...] hai una tercera persona ficticia que <b>en señal de cortesía i respeto se sustituye a la verdadera</b> [...]. I si le dirigimos la palabra, combinamos la cualidad abstracta de tercera persona con la pluralidad ficticia de segunda: Vuestra Majestad, Vuestra Alteza, [...] Vuestra merced (usted).</i> |
| Reyes (1868) | <i>En lugar de tú, se usa usted, <b>cuando hablamos a aquellas personas con quienes no tenemos familiaridad</b> i, a semejanza de él, requiere la tercera persona del verbo.</i>                                                                                                                                    |

Fonte: Elaboração própria

Por fim, as duas gramáticas mencionam o valor respeitoso (reverencial) do pronome *vos*, sendo a fonte mais provável de ambos, a gramática de Andrés Bello:

**Quadro 8.** *Vos* reverencial nas gramáticas chilenas

|                              |                                                                                                                                                                                                                                       |
|------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Larenas de Herrera<br>(1881) | <i>Las formas plurales nos i vos se usan en sentido singular, el primero en los despachos i provisiones de personas constituidas en dignidad; <b>i el segundo siempre que nos dirigamos a Dios, a los santos o a un soberano.</b></i> |
| Contreras Puebla<br>(1895)   | <i>En lugar de tú, se usa vos <b>en señal de respeto, dirigiéndose á Dios, á una alta corporación, ó en los diálogos de comedias</b> para evitar la repetición del empalagoso usted [...].</i>                                        |

Fonte: Elaboração própria

## 5.2. Comparação por década (1880 e 1890)

Originalmente, quando propusemos a comparação de gramáticas publicadas em uma mesma década, o objetivo era verificar se surgiriam tendências ou semelhanças em redação influenciadas por algum movimento externo ocorrido naquele período. No entanto, não se verificou algo assim, principalmente devido à já mencionada informação de que a gramática de Larenas de Herrera foi publicada pela primeira vez no fim da década de 1870. Além disso, as semelhanças verificadas entre as obras não parecem estar relacionadas a fatores externos, mas sim aos autores e gramáticas usadas como referência.

Coincidentemente, as gramáticas publicadas na década de 1880 foram elaboradas por mulheres, enquanto as da década de 1890 tiveram como autores homens. Dessa forma, a análise subsequente também inclui os resultados de uma comparação com base no sexo dos autores, uma vez que, conforme será exposto nos parágrafos seguintes, não se observou um padrão de características que permitisse associar as diferenças às décadas em questão ou às questões de gênero.

As gramáticas publicadas na década de 1880 (Soler de Martínez e Larenas de Herrera), quanto ao conteúdo referente aos pronomes de tratamento, coincidem apenas na menção ao valor reverencial do pronome *vos*, feita provavelmente tomando a gramática de Andrés Bello como base para tal. Já as gramáticas publicadas na década de 1890 (Monner Sans e Contreras Puebla) coincidem em apresentar frases-exemplo contendo *usted* com valor de pronome e por especificar os contextos de uso dessa forma de tratamento.

A diferença fundamental entre essas duas obras é que apenas na de Contreras Puebla há um juízo de valor negativo sobre o uso de *usted*. Melhor dizendo, esta é a característica que diferencia a gramática de Contreras Puebla de todas as analisadas neste trabalho, até mesmo daquelas usadas como fonte. Ao empregar o adjetivo “*empalagoso*” para referir-se a essa forma, o autor parece indicar uma avaliação social ainda negativa para o seu emprego, ainda que já estivesse bastante difundido.

Não se sabe, tendo em conta apenas essa gramática, se essa opinião era popular durante a época de sua publicação. No entanto, tendo em conta que os manuais mais citados da época não continham tal repreensão, é seguro dizer que muito provavelmente a visão negativa da forma *usted* se limitava a um grupo mais purista, que ainda via nessa forma a sua versão não sincopada, ‘*vuestra merced*’. Tal hipótese teria por respaldo o fato de que Contreras Puebla usa *usted* como pronome em seus exemplos, descreve a substituição de *tú* por essa forma e seus contextos de uso, mas não o classifica como pronome em nenhum momento.

### **5.3. Periodização do registro das formas de tratamento**

Após analisar os capítulos e seções referentes aos pronomes da língua espanhola, foram relevantes a frequência do emprego de *usted* com valor de pronome de segunda pessoa em exemplos e a atribuição do título de pronome para essa forma em algumas das gramáticas. Esses dados, somados à ausência de *usted* nos quadros que sistematizam os pronomes pessoais, podem servir-nos para delimitar um cenário de transição no registro das formas pronominais de tratamento.

Nesse cenário, tem-se um uso já bastante consolidado e descrito em gramáticas prestigiadas. Porém, as subcategorias dos pronomes ainda não incluem uma para os pronomes de tratamento, mas sim apenas se fala sobre os pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos e indeterminados, por exemplo, no caso da gramática da RAE. Pronomes como *tú* e *vos* (em seu valor reverencial), têm seu lugar nos quadros de sistematização e são elencados logo após a definição de pronome pessoal, uma posição que advém do fato de que seu uso se manteve

relativamente estável desde o latim tardio. Por outro lado, pronomes recém consolidados como *usted*, não aparecem nos quadros nem nas listas.

No entanto, esse cenário de transição está marcado justamente pelo forte aparecimento de notas sobre o funcionamento de *usted* nas seções de Sintaxe dos manuais de gramática. Em alguns casos, como a gramática de Monner Sans, apenas para explicar a sua característica diferença entre seu valor de segunda pessoa e sua conjugação de terceira. Um uso tão frequente faz que seja necessária uma explicação para algo que é novidade dentro dos pronomes de segunda pessoa; até então, as outras formas usadas para dirigir-se ao interlocutor tinham conjugação própria (*tú tienes*; *vosotros tenéis*) e não se valiam de outra já existente e atribuída à terceira pessoa.

Outras gramáticas aproveitam esse espaço, ainda na seção de Sintaxe, para se estender em sua explicação acerca de *usted*, em uma espécie de embrião de uma nova categoria de pronomes, os *pronombres de tratamiento*. Exemplos dessas gramáticas são a de Vicente de Salvá (Freitas, 2022), de Andrés Bello, a da RAE (cuja redação considerou o conteúdo dessas anteriores) e algumas daquelas aqui analisadas, como a de Larenas de Herrera (1881) e a de Contreras Puebla (1895). Nelas, explica-se primeiramente o valor de cortesia de *usted* e elas podem ou não conter uma definição direta dessa forma como sendo um pronome.

Um elemento que caracteriza esse momento como uma transição é a persistência de certa transparência semântica para o pronome *usted*: as gramáticas ainda trazem sua origem, por ser a forma sincopada da estrutura ‘*vuestra merced*’, chegando até o caso de que um autor não consiga desligar a forma atual de sua origem e a considere exagerada. Este é um caso extremo, mas a categorização de *usted* junto a outras formas não sincopadas também ilustra esse período inicial de registro das “novas” formas de tratamento.

No que diz respeito ao *vos*, seu uso com valor reverencial é bastante documentado nas gramáticas do século XIX e ainda há algumas poucas obras que se dedicam a recuperar o antigo valor de *vos* equivalente a *vosotros*, já desusado. O uso familiar de *vos*, com conjugações próprias ou tomadas daquelas para *tú*, ainda não era tão fortemente documentado como vemos acontecer para *usted*. Mesmo em regiões onde se verificava um emprego frequente de *voseo*, não necessariamente as obras ali publicadas tratavam sobre ele e, as que o faziam, o categorizavam como um barbarismo, algo a ser corrigido.

Assim, à medida que mais seja necessário diferenciar esses dois empregos de *vos* (ainda que seja para condenar um deles) e ao mesmo tempo descrever o uso do muito recorrente e usado *usted*, os parágrafos no capítulo de sintaxe dedicados ao uso dos pronomes até então

peçoais se tornaria suficientemente grande para que fossem migrados para a seção sobre pronomes.

Nesse momento, o “desafio” final seria a inclusão das novas formas à tabela de sistematização e conjugação dos pronomes. A inclusão ou não dessas formas depende do recorte geográfico e temporal que façamos ao escolher de que gramáticas comentar, porque, se pensamos na gramática da RAE, esse assunto só começa a ser mais fortemente discutido a partir dos movimentos Pan-hispânicos do século XX, com a contribuição das novas academias de língua espanhola que surgiam pela América. Quanto ao recorte temporal, se levarmos em conta que já na gramática de Andrés Bello (1847) há o emprego de *usted* como pronome e que na gramática acadêmica de 1880 (com modelo quase idêntico à edição de 1870, pode-se considerar que essa fase intermediária de registro dos pronomes de tratamento começaria na segunda metade do século XIX e se estenderia pelo menos até o começo do século seguinte.

Limitaremos nossa atribuição de datas ao início dessa “fase intermediária”, posto que não levantamos informações sobre os registros feitos ao longo dos séculos seguintes. Sem que se incluam datas tão precisas, devido às limitações acima descritas, apresentamos uma proposta de níveis de gramatização para os pronomes de tratamento, tendo em vista os resultados encontrados nas gramáticas de referência e nas gramáticas do nosso *corpus* e usando como exemplo o caso do pronome *usted*.

Em primeiro lugar, temos a ausência completa do pronome nas gramáticas, porém em um momento que seu uso já se encontra bastante consolidado na fala. Em segundo, passa-se da total ausência do pronome para sua aparição indireta em exemplos não relacionados ao uso dos pronomes. Gramáticas como as de Larenas de Herrera (1881), Contreras Puebla (1895), Olegario Reyes (1868) e mesmo a de Andrés Bello (1847) encontram-se nesse nível de gramatização para o pronome *usted*.

A terceira etapa é a fase intermediária entre o começo do processo de gramatização, visto na etapa anterior, e a gramatização completa, que se verá na etapa seguinte. Na terceira etapa, as gramáticas já mencionam os contextos de emprego do pronome de tratamento e podem ou não já categorizá-lo como pronome. A gramática de Vicente Salvá (1835) é um exemplo dessa terceira fase para o *usted*, pois descreve seus contextos de uso e já o classifica como pronome.

Na quarta e última fase, o pronome passa a compor o quadro de pronomes da gramática e não mais é mencionado apenas na seção de Sintaxe. É mais provável que as gramáticas que se encaixem nessa fase já mencionem a subcategoria dos *pronomes de tratamento* ao apresentar

o quadro de pronomes pessoais, em graus distintos de detalhes sobre seus contextos de uso. Nas gramáticas dessa fase, o pronome *usted* já tem seu lugar ao lado dos pronomes de terceira pessoa do singular (*él/ella*) nas tabelas de conjugação e ao lado de *tú* nas tabelas que separam as pessoas do discurso. Apresentamos essa sistematização de maneira resumida no quadro abaixo:

**Quadro 9.** Níveis de gramatização dos pronomes de tratamento

|                                                               | Etapas de gramatização |    |     |    |
|---------------------------------------------------------------|------------------------|----|-----|----|
|                                                               | I                      | II | III | IV |
| Pronome de tratamento consolidado no uso                      | X                      | X  | X   | X  |
| Ocorrência em frases exemplo                                  |                        | X  | X   | X  |
| Descrição dos contextos de uso                                |                        |    | X   | X  |
| Classificação como pronome                                    |                        |    |     | X  |
| Incorporação nas tabelas de pronomes pessoais e de conjugação |                        |    |     | X  |

**Fonte:** elaboração própria.

Como vimos, as gramáticas que analisamos se encontrariam entre as etapas II e III do processo de gramatização no que diz respeito aos pronomes *vos* (familiar) e *usted*. A comparação desse dado com a informação de que estes já seriam usos consolidados na fala nos ajuda a entender como fatores extralinguísticos, como a avaliação social dos falantes, pode retardar o processo de gramatização de uma estrutura. Por outro lado, ao observar o caso do pronome *usted*, vemos que outros fatores também contribuem para essa diferença, como a conformidade ao que propõem as obras do cânone. Os compêndios e gramáticas editadas para o âmbito escolar são redigidos a partir das gramáticas prestigiadas de sua época e, no caso das gramáticas chilenas e argentinas analisadas, sua referência consistia em obras que ainda não incorporavam o *usted* na tabela de pronomes pessoais.

## CONCLUSÕES

Nossa pesquisa alcançou todos os objetivos estabelecidos, tanto os mais gerais quanto os específicos. Foi possível analisar as gramáticas pedagógicas publicadas na Argentina e no Chile no final do século XIX, descrevendo as formas de tratamento e observando como as condições de uso das formas de tratamento eram documentadas, levando em consideração as correntes de análise linguística vigentes na época. Além disso, a pesquisa cumpriu a proposta de comparar diatopicamente a descrição e a prescrição do uso das formas de tratamento entre as gramáticas desses dois países. Nossa hipótese foi confirmada, posto que o *usted* apareceu com grande frequência nas obras analisadas e o *vos* apareceu mais com seu valor reverencial do que com o familiar, ainda que as obras tenham sido publicadas em países já *voseantes*. Ambos os resultados eram esperados, com a diferença de que havíamos suposto que encontraríamos uma frequência maior de menção ao *voseo*, especialmente nas gramáticas argentinas.

Os resultados desta pesquisa indicam cenários similares em termos de pensamento gramatical e publicação de gramáticas, porém com certas diferenças entre o Chile e a Argentina do século XIX. Em termos de prática linguística, o *voseo* já era verificado como um uso corrente nos dois países (Rosenblat, 1960; Branza, 2012), porém houve, no Chile, uma repressão mais forte, a ponto de resultar em um cenário em que tal uso caísse significativamente e voltasse a competir com o emprego de *tú* para o tratamento de segunda pessoa do singular (Kany, 1994, Moreno de Alba, 2001).

Já na Argentina, por outro lado, ainda que também tenha existido uma reprovação ao *vos* não reverencial aí usado, reforçada pela onda de professores espanhóis que aí lecionavam o castelhano e publicavam gramáticas, essa opinião negativa parece não ter sido convertida em uma quantidade significativa de ações que impedissem o uso do *vos* pelos falantes. Ademais, o *voseo* nesse país foi incorporado como uma característica de sua origem *criolla*, isto é, de identidade e por isso, não foi tão repreendido. Por outro lado, a elaboração de compêndios de gramática foi tendendo cada vez mais a deixar a gramática de Andrés Bello para citações pontuais e usar como fonte principal a gramática produzida pela Real Academia Espanhola, provavelmente devido à origem espanhola dos professores.

A criação de uma identidade nacional não parece ser suficientemente forte para provocar obrigatoriamente uma ruptura de pensamento gramatical e normativo, podendo inclusive gerar o efeito contrário: empregar as formas linguísticas consideradas "corretas" não seria, necessariamente, aderir ao que a antiga metrópole quer ou um ato de subserviência, mas

sim o "certo" a se fazer para construir uma boa nação; isso porque não necessariamente os gramáticos americanos viam os usos recomendados pelas gramáticas ou pela academia como "usos espanhóis", mas sim como "usos corretos", independente de nacionalidade. Não seria, portanto, uma afronta à identidade chilena que as gramáticas desse momento substituíssem o *voseo* pelo *tuteo*, por exemplo, ainda que não fosse essa a realidade verificada pelos falantes.

No entanto, é possível que haja de fato uma maior aceitação dos usos dos recém-formados países devido ao desejo de distanciamento da metrópole e criação do que é ser um cidadão desse lugar. Há de se lembrar que, durante o século XIX, os dicionários e gramáticas produzidos retratam esse esforço de delimitar até onde se pode classificar o emprego de uma palavra ou estrutura como válido e característico de um país e até onde já se trata de um erro, e é nesse contexto que surgem gramáticas como a de Andrés Bello. A questão aqui é que outros fatores (externos ou internos) podem aumentar ou diminuir a influência dessa busca pela criação de uma identidade nacional na aceitação de certos fenômenos da língua. Se tomarmos por exemplo o caso do Chile, a reprovação de Bello ao uso de *vos* é concomitante à proposta da *ortografía chilena* e à publicação de uma série de dicionários de '*chilenismos*', sendo que muitos deles já recolhiam usos considerados incultos e inadequados.

Assim, como visto na seção dois, o esforço em registrar os provincialismos não seria resultado de uma mudança de mentalidade que abraçava os usos divergentes dos espanhóis e buscava validá-los através de seu registro em manuais e dicionários (até pensar nisso pode ser um pouco anacrônico). Pelo contrário, seria mais bem definido como uma "versão estendida" dos capítulos de "vícios de linguagem", comuns nas gramáticas desse período, que simplesmente indicavam o que corrigir na fala dos colonos. A diferença é a escala: esses capítulos versavam sobre o uso de uma parcela da população dentro de um mesmo país (normalmente Espanha), enquanto os dicionários de provincialismos registravam o uso de toda uma região (vice-reinado, colônia).

Alguns autores, como Rodolfo Lenz, tinham, de fato, esse viés descritivo que tendemos a atribuir aos autores que versavam sobre provincialismos. No entanto, a maioria não o tinha. Esse valor que damos a essas obras (e de fato o têm, porque, mesmo documentando como desvios e algo inadequado, houve um registro de muitos americanismos, que servem e muito para a construção da história do espanhol americano) é posterior e advém das mudanças no pensamento linguístico, à medida que este passa a incluir cada vez mais os usos menos prestigiados.

Quanto ao registro das formas de tratamento nas gramáticas chilenas e argentinas, foi possível observar que a estabilidade do emprego de certas formas, especialmente de *usted*, se reflete na frequência com que elas aparecem nas gramáticas, seja em exemplos ou explicitamente sendo nomeadas como pronome. Para os usos regionais, isto é, o *voseo* chileno e o argentino, os movimentos de identidade nacional não se mostraram influentes no sentido de que haveria orgulho em empregá-los. Os esforços em documentar esses usos não vinham de um lugar de identidade, mas sim de correção.

Há de se pensar que o pensamento linguístico hegemônico nesse momento ainda era de um prescritivismo muito forte, em que usos particulares são documentados para orientar à sua correção e que avaliam negativamente até mesmo formas já consolidadas e bem-vistas por instituições de referência na língua espanhola. O valor da identidade nacional não foi nulo, no entanto. A diferença observada entre as gramáticas argentinas e chilenas passou pela documentação (ou ausência dela) do *voseo* próprio desses países.

Enquanto uma gramática chilena trazia explicitamente o quão errado era esse emprego, das gramáticas argentinas das obras analisadas nada semelhante foi encontrado. No máximo, um compêndio de gramática argentino que foi usado de referência comentava as conjugações do *voseo* rioplatense e uma colocação específica na obra de Soler de Martínez que poderia ser lida dessa forma. É sutil, porém, pode indicar a diferença, hoje em dia muito mais clara, entre o *voseo* desses dois países.

A escolha de uma periodização caracterizada ao mesmo tempo pela consolidação no uso dos pronomes e pela transição em seu registro mostrou-se fortemente produtiva. Os dados aqui levantados dialogam diretamente com outros estudos previamente desenvolvidos e têm potencial para que sejam novamente trabalhados, expandidos e replicados em pesquisas futuras. Temos certeza de que, com um *corpus* maior e acesso a mais materiais, é possível refinar essa proposta de linha do tempo e contribuir ainda mais com a história da documentação de usos tão importantes que fazem parte da língua espanhola.

## REFERÊNCIAS

- ALVAR, M. **Manual de dialectología hispánica**. Barcelona: Ariel Linguística, 1996.
- AMUNÁTEGUI, M. L. **Vida de don Andrés Bello**. Santiago: Imprenta de Pedro G. Ramírez, 1882.
- ARAUJO, L. S. Por uma descrição da tipologia da gramática em línguas românicas. **Revista X**, 15, 2020. 232-271. <https://doi.org/10.5380/rvx.v15i7.74662>
- ARAUJO, L. S. Convergências e divergências do processo de gramatização nas línguas portuguesa e espanhola. **Revista de Estudos da Linguagem**, 30, 2022. 209-238. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.30.1.209-238>
- ARAUJO, L. S. Un análisis epihistoriográfico de la gramatización del español y del portugués. **Estudios de Lingüística del Español**, 48, 2024. 22-42. <https://doi.org/10.36950/elies.2024.48.3>
- ARAUJO, L. S. et al. MuGra: um museu virtual voltado à divulgação e à fomentação do conhecimento em torno da Gramática. In: CARVALHO, D. F., et al. **Educação em museus**. Uberlândia: Agência Cultural & Editora Subsolo, 2024. p. 112-122.
- ARNOUX, E. N. Los discursos sobre la nación y el lenguaje en la formación del Estado (Chile, 1842-1862). **Estudio glotopolítico**, Buenos Aires, 2008.
- ARROYO, J. L. B. Los pronombres de tratamiento y la cortesía. **Revista de Estudios Hispánicos**, n. 22, 1995. 439-466.
- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- BARGALLÓ ESCRIVÁ, M. La gramática escolar chilena a principios del siglo XX: El Tratado elemental de análisis lógico de la proposición castellana (1916) de Carlos Vicuña Fuentes. **Boletín de Filología**, 56, n. 2, 2021. 209-239. <https://doi.org/10.4067/S0718-93032021000200209>
- BATISTA, R. História e Historiografia da Linguística: um mapa de orientação. In: BATISTA, R.; BASTOS, N. **Questões em historiografia da linguística: homenagem a Cristina Altman**. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2020.
- BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Santiago de Chile: Imprenta del Progreso, 1847.
- BELUCHE, O. **Independencia hispanoamericana y lucha de clases**. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2024.

BIBLIOTECA NACIONAL DE MAESTROS. MEDAR | Historia e investigación | Período 1880-1910 | Prácticas en el aula. **Memoria e Historia de la Educación Argentina**, s.d. Disponível em: <[http://www.bnm.me.gov.ar/proyectos/medar/historia\\_investigacion/1880\\_1910/practicas\\_aula/index.php](http://www.bnm.me.gov.ar/proyectos/medar/historia_investigacion/1880_1910/practicas_aula/index.php)>. Acesso em: 1 Julho 2024.

BIERITZ, A. M. Las formas de tratamiento en el español de Chile. **Boletín AEPE**, 14, n. 27, 1982. 73-77.

BRANZA, M.-D. La variación 'circular': la diacronía del voseo chileno y las causas de su actual difusión. **Colindancias: Revista de la red de Hispanistas de Europa Central**, 3, 2012. 141-153.

CALDERÓN CAMPOS, M. Formas de tratamiento. In: ALEZA IZQUIERDO, M.; ENGUITA UTRILLA, J. M. **La lengua española en América: normas y usos actuales**. 1. ed. Valência: Universidade de Valência, 2010.

CALERO VAQUERA, M. L. **Historia de la gramática española (1847-1920)**: De A. Bello a R. Lenz. Madri: Editorial Gredos, 1986.

CARRICABURO, N. **Las fórmulas de tratamiento en el español actual**. Madri: Arco Libros, 1997.

CHÁVEZ FAJARDO, S. **Diccionarios del fin del mundo**. [S.l.]: Fondo de Cultura Económica, 2022.

CONTRERAS PUEBLA, C. **Elementos de gramática castellana**. 1. ed. Santiago: Imprenta y encuadernacion Roma, 1895.

ESTEVE SERRANO, A. **Estudios de teoría ortográfica del español**. Murcia: Publicaciones del Departamento de Lingüística General y Crítica Literaria, 1982.

ETIMOLOGÍAS DE CHILE. Usía. **Etimologías de Chile**, 2024. Disponível em: <<https://etimologias.dechile.net/?usi.a>>. Acesso em: 12 Julho 2024.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. La evolución de los pronombres de tratamiento en el español bonaerense. **Thesaurus: Boletín del Instituto Caro y Cuervo**, v. 25, n. 1, p. 12-23, 1970.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. El voseo en Buenos Aires en las dos primeras décadas del siglo XIX. **Thesaurus: Boletín del Instituto Caro y Cuervo**, v. 26, n. 1, p. 495-514, 1971.

FREITAS, F. S. **As formas de tratamento nas gramáticas escolares espanholas: uma análise diacrônica**. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, p. 34. 2022.

FREITAS, F. S.; ARAUJO, L. S. D. As formas de tratamento nas gramáticas escolares espanholas dos séculos XVIII e XIX. **Fórum Linguístico**, v. 20, n. 4, p. 9629-9643, 2024. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2023.e90952>

FRÍES, D. «Limpia, fija y da esplendor». **La Real Academia Española ante el uso de la lengua (1713-1973)**. Madri: SGEL, 1989.

GALISON, P. **How experiments end**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

GALISON, P. **Image and logic: a material culture of microphysics**. Chicago: University of Chicago Press, 1997. <https://doi.org/10.29173/istl1396>

GALLO, E.; CORTÉS CONDE, R. **Argentina, la república conservadora**. Buenos Aires: Hyspamerica, 1986.

GARCÍA FOLGADO, M. J. **La gramática española y su enseñanza en la segunda mitad del siglo XVIII y principios del siglo XIX (1768-1813)**. Universidad de Valencia. [S.l.]. 2005.

GARCÍA FOLGADO, M. J.; LIDGETT, E.; TOSCANO Y GARCÍA, G. E. Bibliografía de la gramática escolar argentina [BIGEA] (1810-1922). **Sociedad Española de Historiografía Lingüística; Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística**, n. 14, p. 159-181, nov. 2020.

GARCÍA FOLGADO, M. J.; SINER, C. Introducción: la historia de la gramática escolar del español. **Revista argentina de historiografía lingüística**, v. 4, n. 1, p. 97-99, 2016. ISSN 1852-1495.

GARCÍA MEROU, J. **Leyes, decretos y resoluciones sobre instrucción superior**. Buenos Aires: Taller tipográfico de la Penitenciaría Nacional, 1901.

GIRÓN ALCONCHEL, J. L. Nebrija y las gramáticas del español en el Siglo de Oro. **Historiographia linguistica**, v. 22, n. 1-2, p. 1-26, 1995. <https://doi.org/10.1075/hl.22.1-2.02alc>

GIRÓN ALCONCHEL, J. L. **Historiografía de la lingüística en el ámbito hispánico. Fundamentos epistemológicos y metodológicos**. Madri: Arco Libros, 2007. 57-88 p.

GÓMEZ ASECIO, J. J. **Gramática y categorías verbales en la tradición española (1771-1847)**. Acta Salmanticensia, Studia Philologica Salmanticensia. Salamanca: [s.n.]. 1981.

GÓMEZ ASECIO, J. J. El trabajo de la Real Academia Española en el siglo XVIII (y después). **Península: revista de estudios ibéricos**, n. 5, p. 31-54, 2008.

KANY, C. E. **Sintaxis hispanoamericana**. Madri: Editorial Gredos, 1994.

KOERNER, K. **Linguistic Historiography**. Filadélfia: John Benjamins, 1999. <https://doi.org/10.1075/sihols.92>

LAPESA, R. **Las formas verbales de segunda persona y los orígenes del "voseo"**. Actas del III Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas. [S.l.]: [s.n.]. 1970. p. 519-531.

LARENAS DE HERRERA, H. **Compendio de gramática castellana para el uso de las escuelas i colejos de la republica**. 2. ed. Santiago: Imprenta de la republica, de J. Nuñez, 1881.

LIDGETT, E. **Tradiciones gramaticales y discurso sobre la lengua nacional en la obra de Ricardo Monner Sans (1893-1926)**. Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires, p. 289. 2015.

LIDGETT, E. La consolidación de un modelo gramatical escolar en la enseñanza secundaria argentina (1863-1936). **Boletín de Filología**, v. 52, n. 2, p. 119-145, 2017. <https://doi.org/10.4067/S0718-93032017000200119>

LIPSKY, J. M. **El español de América**. 7ª. ed. Madri: Cátedra, 2011.

LLITERAS PONCEL, M. **Estudio introductorio de 'Gramática de la lengua castellana según ahora se habla', de Vicente de Salvá**. Madri: Arco/Libros, 1988.

MODERN, R. Ricardo Monner Sans: palabras de homenaje. **Boletín de la Academia Argentina de Letras**, v. LXVIII, p. 267-268, 2003.

MONNER SANS, R. J. V. **Gramática de la lengua castellana: Ampliación Sintáctica**. Rosario: Imprenta, Litografía y Encuadernación de J. Peuser, 1893.

MORENO DE ALBA, J. G. **El español en América**. 2ª. ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

OLEGARIO REYES, J. **Compendio de Gramática Castellana compuesto y arreglado a las doctrinas de la gramática del Sr. D. Andrés Bello**. Buenos Aires: Imprenta de Pablo Coni, 1868.

PEÑALVER CASTILLO, M. **Las ideas gramaticales de Vicente Salvá**. Actas del II Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española. Madrid: [s.n.]. 1992. p. 739-759.

PENNY, R. **Gramática histórica del español**. 2ª. ed. Barcelona: Ariel Letras, 2014.

POLACHINI, B. S. **O tratamento da sintaxe em gramáticas brasileiras do século XIX: estudo historiográfico**. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013.

RAMAJO CAÑO, A. **Las gramáticas de la lengua castellana desde Nebrija a Correas**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1987.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Gramática de la Lengua Española**. Madri: Gregorio Hernando, impresor y librero de la Real Academia Española, 1880.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Lengua Castellana**. Madri: Gregorio Hernando, 1884.

- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva Gramática de la Lengua Española: Manual**. Madrid: Espasa Libros, 2010.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la lengua española. **Diccionario de la lengua española**, 2025. Disponível em: <<https://dle.rae.es>>. Acesso em: 6 Fevereiro 2025.
- REPÚBLICA ARGENTINA. Ley 1420: piedra fundacional de la educación argentina. **Sitio Web de la Secretaría de Cultura**, 2021. Disponível em: <<https://www.cultura.gob.ar/ley-1420-el-gran-avance-en-los-derechos-educativos-de-los-ninos-y-nina-10724/>>. Acesso em: 4 Setembro 2024.
- RIVADENEIRA VALENZUELA, M. J. L.; CONTRERAS GUTIÉRREZ, A. M.; CONTRERAS SEITZ, M. E. Variación diacrónica de las formas de tratamiento en el español de Chile. Una propuesta de estudio. **Estudios Filológicos**, p. 97-124, 2018. ISSN 0071-1713. <https://doi.org/10.4067/S0071-17132018000100097>
- ROSENBLAT, A. Las generaciones argentinas del siglo XIX ante el problema de la lengua. **Revista de la Universidad de Buenos Aires**, v. V, p. 543, 1960.
- SALVÁ, V. **Gramática de la lengua castellana según ahora se habla**. Valencia: Librería de los ss. Mallen y Sobrinos, 1835.
- SAMPEDRO MELLA, M. Las formas de tratamiento en la tradición académica del español. **Anuario de letras. Lingüística y filología**, v. 9, n. 1, p. 105-132, 2021. <https://doi.org/10.19130/iifl.adel.2021.1.00284>
- SÁNCHEZ LANCIS, C. Historia de la lengua, gramática histórica y periodización en español. **Estudi General**, p. 395-395, 2001.
- SOLER DE MARTÍNEZ, F. **Lecciones de Lengua Nacional arregladas al programa oficial para las escuelas comunes**. 2ª. ed. Buenos Aires: Igon Hermanos, 1887.
- SUÁREZ SANDOMINGO, J. M. **Benigno Teijeiro Martínez: el mayor polígrafo gallego en Argentina**. A Coruña: Imprenta Diputación de A Coruña, 2011.
- SWIGGERS, P. **Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. Nuevas Aportaciones a la Historiografía Lingüística**. Actas del IV Congreso de la SEHL. La Laguna (Tenerife): [s.n.]. 2004. p. 113-146.
- SWIGGERS, P. La historiografía lingüística: puntos y reflexiones. **RAHL**, v. I, n. 1, p. 67-76, 2009.
- SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluencia. Revista do Instituto de Língua Portuguesa**, v. 44, p. 39-59, 2013.

TEDESCO, J. C. **Educación y sociedad en la Argentina (1880-1995)**. 1ª. ed. Cidade Autônoma de Buenos Aires: Unipe - Editorial Universitaria, 2020.

TISCORNIA, E. F. **La lengua de Martín Fierro**. Buenos Aires: Instituto de Filología, 1930.

TORREJÓN, A. Acerca del Voseo Culto de Chile. **Hispania**, v. 69, n. 3, p. 677, 1986. <https://doi.org/10.2307/342781>

TORREJÓN, A. Andrés Bello, Domingo Faustino Sarmiento y el Castellano culto de Chile. **Thesaurus: Boletín del Instituto Caro y Cuervo**, v. 44, n. 3, p. 534-558, 1989.

TORREJÓN, A. Fórmulas de tratamiento de segunda persona singular en el español de Chile. **Hispania**, v. 74, n. 4, p. 1068-1076, 1991. <https://doi.org/10.2307/343770>

VALENCIA ESPINOZA, A. El legado de tres maestros: Lenz, Oroz y Rosales. **RLA. Revista de lingüística teórica y aplicada**, n. 31, p. 137-162, 1993.

VIDAL DE BATTINI, B. E. **El español de la Argentina**: la región lingüística rioplatense en el período 1810-1840. Segundas Jornadas de Historia y Literatura Rioplatense y de los Estados Unidos. Buenos Aires: [s.n.]. 1967.

VILLANUEVA PRIETO, D. El panhispanismo de la RAE y de ASALE. **El español en el mundo. Anuario del Instituto Cervantes**, Alcalá de Henares, p. 127-140, 2017.

WEINBERG, F. Juan Cruz Varela, crítico de la literatura nacional. **Boletín de Literatura Argentina**, v. 1, n. 1, p. 36-37, 1964.

ZAMORANO AGUILAR, A. Historia de la gramática española en América (I) Uruguay. A propósito de Francisco Gámez Marín (1868-1932). **RLA: Revista de lingüística teórica y aplicada**, v. 43, n. 2, p. 85-119, 2005.

ZAMORANO AGUILAR, A. Historia de la gramática española en América (II): Uruguay. Los manuales escolares de R. Abadía Soriano y H. Zarrilli (1924, 1937). **ED.UCO: Revista de investigación educativa**, n. 3, p. 71-100, 2008. ISSN 1698-7209.

ZAMORANO AGUILAR, A. Teoría del canon y gramaticografía: la tradición española de 1750 a 1850. Gramática, canon e historia literaria: estudio de filología española entre 1750 y 1850. In: GAVIÑO RODRÍGUEZ, V.; DURÁN LÓPEZ, F. **Gramática, canon e historia literaria. Estudios de Filología española entre 1750 y 1850**. Madri: Visor Libros, D. L., 2010. p. 421-466. ISBN 978-84-9895-124-0.

ZAMORANO AGUILAR, A. Las nociones prácticas de Isabel Guzmán de Bressler (Lima 1876) y el compendio de Hersilia Larenas de Herrera (Santiago de Chile 1881): dos modelos teóricos distintos de gramatización y enseñanza del español en América Latina. **Lingüística/Linguística**, v. 39, n. 1, 2023. <https://doi.org/10.5935/2079-312X.20230008>

ZUMALACÁRREGUI, Á. L. Morfología diacrónica del español: las fórmulas de tratamiento.  
**Revista de filología española**, v. 71, n. 1/2, p. 107-121, 1991.  
<https://doi.org/10.3989/rfe.1991.v71.i1/2.653>

## APÊNDICE A - FORMULÁRIO DE ANÁLISE DE GRAMÁTICAS: MUGRA

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Domínio</b></p> <p><i>(Será a família sociolinguística da língua da qual o material trata. Possíveis classificações:</i></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Línguas neolatinas;</li> <li>2. Línguas indígenas brasileiras;</li> <li>3. Línguas de sinais;</li> <li>4. Línguas anglo germânicas;)</li> </ol>                                          |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <p><b>Classificação</b></p> <p><i>(Conforme o país de origem da publicação, será classificado como:</i></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Gramática brasileira;</li> <li>2. Gramática portuguesa;</li> <li>3. Gramática espanhola;</li> <li>4. Gramática argentina;</li> <li>5. Gramática mexicana</li> <li>6. [Gramática + <b>gentílico</b>])</li> </ol> |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <p><b>Período</b></p> <p><i>(Conforme o século em que foi publicada primeira edição do material, será classificado como:</i></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Séc. XIV;</li> <li>2. Séc. XV;</li> <li>3. Séc. XVI;</li> <li>4. Séc. XVII;</li> <li>5. Séc. XVIII;</li> <li>6. Séc. XIX;</li> <li>7. Séc. XX;</li> <li>8. Séc. XXI;)</li> </ol>           |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <p><b>Autoria</b></p> <p><i>(Apresentar informações precisas sobre a autoria da obra. Qualquer dúvida sobre o dado deve ser adicionado o sinal de interrogação (?) após o dado.)</i></p>                                                                                                                                                                              |

|                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Nome</p> <p>SOBRENOME,</p> | <p>Usar a referência ABNT. Isto é, em produções em <b>língua portuguesa</b>, o último sobrenome do autor deve estar em maiúscula, seguido de vírgula (,) e nome e demais sobrenomes em minúsculas, com maiúscula apenas no início da palavra. Como em:</p> <p>NEVES, Maria Helena de Moura Neves.</p> <p>Se produções em <b>língua espanhola</b>, o primeiro e o segundo sobrenomes devem vir em maiúsculas, seguidos de vírgula (,) e nome em minúscula, apenas com a inicial em maiúscula. Como em:</p> <p>ALARCOS LLORACH, Emilio.<br/>DE MIGUEL, Maria Francisca.</p> |
| Data de nascimento            | <p>Se possível, informar ano, mês e dia. Os dados desconhecidos devem ser informados com sinal de interrogação:</p> <p>ano/mês/dia<br/>1980/12/??<br/>198?/?/?/?<br/>18?/?/?/?/?</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Data de falecimento           | <p>Se possível, informar ano, mês e dia. Os dados desconhecidos devem ser informados com sinal de interrogação:</p> <p>ano/mês/dia<br/>1980/12/??<br/>198?/?/?/?<br/>18?/?/?/?/?</p> <p>Quando vivo, informar: não se aplica.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Nacionalidade                 | <p>Informar NOME do país em que nasceu.<br/>(não usar gentílico)</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Naturalidade                  | <p>Ser o máximo possível informativo, dizendo na seguinte ordem: estado/cidade (para gramática brasileira) e cidade (para gramática estrangeira). Na ausência de informação, informar com sinal de interrogação:</p> <p>Minas Gerais/Uberlândia<br/>Minas Gerais/?<br/>?/?</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| Naturalização                 | <p>Caso seja naturalizado em outro país informar o nome do país. Quando o critério não for aplicável, salte a questão.</p> <p>-?<br/>- não se aplica</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

|                    |                                                                                                                                                                                                            |
|--------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Escolaridade       | <i>Ser o máximo possível informativo, na ausência de informação, informar com sinal de interrogação (?). Usar a classificação:</i><br>-Formação Básica;<br>-Ensino Superior;<br>- Pós-graduação;           |
| Profissão          | <i>Ser o máximo possível informativo, na ausência de informação, informar com sinal de interrogação (?).</i>                                                                                               |
| Gênero/Sexo        | <i>Indicar gênero/sexo do autor:</i><br>- Masculino<br>- Feminino.<br>- Instituição                                                                                                                        |
| Outras publicações | <i>Ser o máximo possível informativo. Informar outros livros/gramáticas produzidos pelo autor. Essa informação nos permitirá avaliar o desenvolvimento da produção e as vinculações teóricas do autor.</i> |

### Obra

*Apresentar informações precisas sobre a produção da obra. Qualquer dúvida sobre o dado deve ser adicionado o sinal de interrogação (?) após o dado.*

|                                             |                                                                                                                                                                                                         |
|---------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Título completo                             | <i>Inclusive com subtítulo e independentemente do tamanho. Exemplo:</i><br><b><i>Tratado de gramática castellana, dedicado a la juventud americana de los pueblos que hablan la lengua española</i></b> |
| Título curto                                | <i>Excluindo o subtítulo. Isto é, apenas o que vem antes dos dois pontos (:). Exemplo: Tratado de gramática castellana</i>                                                                              |
| Ano de publicação da primeira edição        | <i>Ser o máximo preciso. Os dados desconhecidos devem ser informados com sinal de interrogação(?):</i><br>1980<br>198?<br>18??<br>????                                                                  |
| País em que a primeira edição foi publicada | <i>Informar o nome do país. Os dados desconhecidos devem ser informados com sinal de interrogação (?).</i>                                                                                              |

|                                                |                                                                                                                                                                                                                          |
|------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Cidade em que a primeira edição foi publicada  | <i>Informar o nome da cidade. Os dados desconhecidos devem ser informados com sinal de interrogação (?).</i>                                                                                                             |
| Quantidade de edições                          | <i>Certificar-se de quantas edições foram feitas da obra. Caso não tenha certeza, adicionar o sinal de interrogação após a edição mais atual encontrada. Essa informação pode ser encontrada nos sites das editoras.</i> |
| Número da edição analisada                     | <i>Informar o número exato da edição utilizada na análise e que compõe o acervo.</i>                                                                                                                                     |
| Ano de publicação da edição analisada          | <i>Informar o ano exato da publicação da edição utilizada na análise e que compõe o acervo.</i>                                                                                                                          |
| País em que a edição analisada foi publicada   | <i>Informar o nome do país. Os dados desconhecidos devem ser informados com sinal de interrogação (?).</i>                                                                                                               |
| Cidade em que a edição analisada foi publicada | <i>Informar o nome da cidade. Os dados desconhecidos devem ser informados com sinal de interrogação (?).</i>                                                                                                             |
| Editora responsável pela edição                | <i>Informar nome completo da editora.</i>                                                                                                                                                                                |
| Quantidade de páginas                          | <i>Informar o número da última página da obra.</i>                                                                                                                                                                       |
| Idioma em que foi escrito                      | <i>Informa, no masculino, a língua em que o material está escrito (não confundir com a língua analisada por ele):</i><br>Português<br>Espanhol<br>Inglês<br>Francês<br>Latim                                             |
| Idioma analisado pelo material                 | <i>Informa, no masculino, a língua analisada pelo material (não confundir com a língua em que foi escrito):</i><br>Português<br>Espanhol<br>Inglês<br>Francês<br>Latim                                                   |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tipo de gramática                                                                                                                                                                                                                                                                              | <p><i>Informar o tipo de gramática. Mais de um tipo pode ser associado ao material. Utilize a terminologia seguinte e tenha clareza sobre ela antes de fazer a classificação.</i></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Gramática descritiva</li> <li>2. Gramática normativa</li> <li>3. Gramática teórica</li> <li>4. Gramática escolar LM</li> <li>5. Gramática escolar LE</li> <li>6. Gramática histórica</li> <li>7. Gramática contrastiva<sup>28</sup></li> </ol> |
| Presença de exercícios                                                                                                                                                                                                                                                                         | <p><i>Havendo exercício, indique os tipos de exercícios oferecidos (mais de uma opção poderá ser selecionada):</i></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Análise textual;</li> <li>2. Completar espaços vazios</li> <li>3. Questões de múltipla escolha (vestibular);</li> <li>4. Tradução</li> <li>5. Questões dissertativas.</li> <li>6. Outros (dizer brevemente)</li> <li>7. Análise de orações</li> <li>8. Leitura de textos</li> <li>9. Não há</li> </ol>        |
| Design gráfico                                                                                                                                                                                                                                                                                 | <p><i>Observar a diagramação da obra e informar:</i></p> <p>( ) apenas textos, em preto e branco;<br/> ( ) apenas textos, com cor;<br/> ( ) texto e imagens, em preto e branco;<br/> ( ) uso de texto e imagens, com cor.</p>                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <p><b>Sumário</b></p> <p><i>(Reproduzir textualmente o máximo possível o índice da obra. Verificar a possibilidade, com a organização da análise, a possibilidade de adicionar a imagem do sumário e apenas informar textualmente os capítulos e subcapítulos que compõem o material.)</i></p> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

<sup>28</sup> Considerar classificação da apresentação (a partir da página 18) disponível em: [https://www.canva.com/design/DAFIMqvLgWo/pYxJeQW8Yt4vCB8Pk8hWAg/view?utm\\_content=DAFIMqvLgWo&utm\\_campaign=designshare&utm\\_medium=link&utm\\_source=homepage\\_design\\_menu](https://www.canva.com/design/DAFIMqvLgWo/pYxJeQW8Yt4vCB8Pk8hWAg/view?utm_content=DAFIMqvLgWo&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=homepage_design_menu).

**Objetivos do autor**

*(Citar fragmentos dos textos de introdução, devidamente identificados por número de página, que apresentem o objetivo do autor com a obra.)*

**Concepção de língua, norma e gramática**

*(Citar fragmentos dos textos de introdução, devidamente identificados por número de página, que apresentem a concepções de língua, norma e gramática assumidas pelo autor.)*

**Classe de palavras**

*(Identificar e informar a classificação trazida pelo autor das classes de palavras. Apenas informar os nomes das classes **em português**)*

**Especificidades**

*(A partir do conhecimento do analista, do que se informa na introdução da obra e do que se sabe da recepção crítica, informar de que modo a obra se diferencia. Apontar diferencial tanto textual quando de design. Esta seção deve ser complementada à medida que o MuGra avança em suas análises.)*

**Corpus de referência**

*(Identificar e informar quais fontes são assumidas para fazer exemplificação da discussão teórica. Mais de um item pode ser selecionado:*

- ☐ não há exemplificação.
- ☐ usos não referenciados.
- ☐ usos de textos literários escrito até o fim do século XVIII.
- ☐ usos de textos literários escrito no século XIX.
- ☐ usos de textos literários escrito no século XX e XXI.
- ☐ usos de textos da mídia escrita
- ☐ usos de textos orais
- ☐ outros (dizer)).

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Inspiração / referência recebida</b><br/> <i>(Recuperar e informar referências citadas pelo autor, tanto na introdução quanto nos demais capítulos.)</i></p>                                                                                                                                                  |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <p><b>Inspiração/referência exercida</b><br/> <i>(Informar outras obras que foram inspiradas pelo material analisado. Esta seção deve ser complementada à medida que o MuGra avança em suas análises.)</i></p>                                                                                                      |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <p><b>Estado da arte</b><br/> <i>(Informar ao menos três artigos/publicações críticas existentes sobre a obra analisada. A referência deve seguir orientação ABNT e seguida de link para acesso ao texto, se for possível. Esta seção deve ser complementada à medida que o MuGra avança em suas análises.)</i></p> |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <p><b>Informação complementar</b><br/> <i>(Adicione aqui questões e descobertas pertinentes à análise feita e não previstas por este formulário.)</i></p>                                                                                                                                                           |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <p><b>Redator/Revisor</b><br/> <i>(Informar nome completo de quem fez a análise e de quem fez a revisão da análise. Todo estudo deve ter uma revisão teórica e textual.)</i></p>                                                                                                                                    |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <p><b>Data de análise</b><br/> <i>(Informar data em que a ficha foi revisada pela última vez.)</i></p>                                                                                                                                                                                                              |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <p><b>Obra completa (anexo do pdf)</b><br/> <i>(quando não for possível a obra completa, por questões de autoria, adicionar foto da capa, da ficha catalográfica, do sumário e da introdução.)</i></p>                                                                                                              |

|                                                                                                                                                                                                              |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                                              |
| <p><b>Foto do autor (anexo de imagem)</b><br/> <i>(Adicionar uma foto do autor com boa visualização e qualidade)</i></p>                                                                                     |
|                                                                                                                                                                                                              |
| <p><b>Localização da foto na web</b><br/> <i>(Informar site de onde a foto foi retirada)</i></p>                                                                                                             |
|                                                                                                                                                                                                              |
| <p><b>Localização da obra no acervo</b><br/> <i>(Caso não tenha sido anexado ao formulário, informar em que biblioteca foi encontrado. e tiver sido enviado o pdf completo, informar "acervo MuGra")</i></p> |
|                                                                                                                                                                                                              |
| <p><b>Referências</b><br/> <i>(Informar material de apoio para levantamento dos dados apresentados neste formulário)</i></p>                                                                                 |
|                                                                                                                                                                                                              |
| <p><b>Referência bibliográfica do item no acervo</b><br/> <i>(Fazer referência no formato ABNT, isto é: NOME, Sobrenome. Nome da gramática em <b>negrito</b>. X ed. Cidade: Editora, ano.)</i></p>           |
|                                                                                                                                                                                                              |